

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – ÁREA DE JORNALISMO E SOCIEDADE

RENATA GIRALDI

**INSTINTOS PRIMITIVOS:
O HUMOR NOS TEMPOS DO “MENSALÃO”:
FATOS INUSITADOS E IRÔNICOS QUE GANHARAM DESTAQUE NA EDITORIA DE POLÍTICA
DOS
JORNALIS “FOLHA DE S. PAULO” E “O GLOBO”
(De 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006)**

BRASÍLIA
2008
RENATA GIRALDI

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**INSTINTOS PRIMITIVOS:
O HUMOR NOS TEMPOS DO “MENSALÃO”:
FATOS INUSITADOS E IRÔNICOS QUE GANHARAM DESTAQUE NA EDITORIA DE POLÍTICA
DOS
JORNAIS “FOLHA DE S. PAULO” E “O GLOBO”
(De 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação – Área de Jornalismo e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Motta

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Russi

BRASÍLIA
2008

Ficha Catalográfica

Giraldi, Renata.

Instintos primitivos : o humor nos tempos do “mensalão” : fatos inusitados e irônicos que ganharam destaque na editoria de política dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo” (De 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006) / Renata Giraldi - 2008.
140 f.: il.; 11 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade de Brasília.

1. Humor. 2. Análise pragmática. 3. Mensalão
I. Giraldi, Renata. II. Título.

CDU 070.431
G516i

RENATA GIRALDI

**INSTINTOS PRIMITIVOS:
O HUMOR NOS TEMPOS DO “MENSALÃO”:
FATOS INUSITADOS E IRÔNICOS QUE GANHARAM DESTAQUE NA EDITORIA DE POLÍTICA
DOS
JORNAIS “FOLHA DE S. PAULO” E “O GLOBO”
(De 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Universidade de Brasília, como exigência parcial
para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação
– Área de Jornalismo e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jaime de Almeida

Prof. Dr. Luiz Martins da Silva

Presidente da Banca: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Figueiredo Motta

Co-Presidente da Banca: Prof. Dr. Pedro Russi

BRASÍLIA
2008

“Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando Ele gargalhou, fez a luz. Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo.”
Salomon Reinach

AGRADECIMENTOS

É com imenso prazer que chego até aqui. Houve momentos que pensei que não ia dar: adorava as aulas, o tema que escolhi e a pesquisa em si, mas o dia a dia do *hardnews* suga a tal ponto de a gente achar que pensar é querer demais. Mas essa é só uma sensação passageira. São tantas as pessoas que tenho a agradecer que vou ser o mais objetiva o possível, embora na Academia, a Profa. Dra. Zélia Leal Adghirni tenha me dito: “Nada de objetividade de mercado, aqui gostamos da subjetividade”. Aqui estou eu sem o *lead* claro, mas com o coração feliz e a alma satisfeita.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Gonzaga Motta, que com sua sabedoria e paciência mineiras, guiou-me pelos caminhos nunca antes trafegados. Também ao meu co-orientador Prof. Dr. Pedro Russi, que com sua energia de Mercosul e mente brilhante deu idéias e opiniões sensacionais. Também tenho muito a agradecer à Prof. Dra. Zélia Leal, que me empurrou para a subjetividade, ao Prof. Dr. Luiz Martins, que me mostrou que o humor pode ser categorizado, ao Prof. Dr. Luiz Martino, que me fez ir aos gregos para descobrir a alma do riso. Ao Prof. Dr. Jaime de Almeida, pela boa vontade e disposição em cooperar.

À minha família, sempre unida e torcedora, que esteve ao meu lado, quando eu desafiava o humor e a paciência de todos. Aos meus pais, Azor e Ester, meus irmãos queridos Zôza e Davi, à pequena Sophia, que nasceu no final deste caminho. À minha tia-tutora Rute, às amigas-irmãs Aninha, Berê, Keila, Rosana, Gabi, Herica e companhia, aos amigos-irmãos Carlinhos, Claudinho, Zezeu e Fábio Henrique. À eficiente e tranqüila Vandinha Toscano pela revisão precisa e rápida deste texto e aos secretários Regina e Luciano pela sempre disponibilidade em ajudar.

A todos, o meu agradecimento e um convite para celebrarmos sob inspiração de Baco e com muito humor.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo verificar a presença do humor nas reportagens publicadas na editoria de política nos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo”, referentes ao escândalo do “mensalão”, no período de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006. O trabalho aborda a utilização do humor nas suas mais diversas categorias, tais como a ironia, o sarcasmo, a zombaria, a sátira, o escárnio e o grotesco nos textos jornalísticos políticos que provocam a crítica ao Poder e às personagens. No total, foram analisadas 365 edições de cada veículo, para no final, selecionar 11, dentre 69 notícias cujo humor era predominante nos textos. Fatos inusitados, personagens teatrais, anônimos que tomaram a cena e dominaram o noticiário, fazendo com que nada passasse despercebido aos olhos e à tinta dos jornalistas/narradores. Com a teoria da análise pragmática da narrativa foi possível observar os jogos de linguagem presentes não só nos textos publicados, mas também na diagramação/paginação das reportagens e na escolha das imagens para ilustrá-las.

Palavras-chave: Humor – Análise pragmática – Escândalo Político – Imprensa brasileira.

ABSTRACT

This thesis has the purpose of verifying the presence of humor in reports published at the Political section of "Folha de S. Paulo" and "O Globo" newspapers referring to the scandal of "mensalão" from June 6, 2005 to July 12, 2006. This proposition broaches the use of humor in its most diverse categories, such as irony, sarcasm, mockery, satire and the grotesque in journalistic texts that have provoked the political criticism of Brazilian Parliament and its characters. At the total, 365 issues were examined for each vehicle. To the end, 11 were selected from which 69 stories were analyzed for having prevalent existence of humor in their texts. Unusual facts, theatrical characters, anonymous which took the scene and dominated the newspapers, by the end, nothing went unnoticed in the eyes of the narrator journalists. By the pragmatic analysis theory of the narrative, it was possible to observe the language games which were present not only in the published texts, but also in the layout of the reports and as well as in the choice of images used to illustrate them.

Keywords: Humor – Pragmatic analysis - Political scandal – Press Brasileira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Problematização e Pergunta	20
1.2 Justificativa	22
2 O ESCÂNDALO DO “MENSALÃO”	25
2.1 Cronologia do Escândalo	28
2.2 Cronologia Seleccionada	50
2.3 Legendas.....	56
2.4 Personagens	57
2.5 Dicionário do Mensalão.....	63
3 BASES TEÓRICAS	67
3.1 Os Mistérios do Riso	67
3.2 Tipos de Riso	71
3.3 O Humor no Noticiário Político	74
4 MATERIAL E MÉTODOS.....	78
4.1 Método e Instrumentos	78
4.2 Plano de Trabalho	80
4.3 Teoria da Análise Pragmática	82
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	87
5.1 Análises do <i>Corpus</i>	88
5.1.1 Análise 1: ‘Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos’	88
5.1.2 Análise 2: Petebista faz ironias e exhibe ‘talento teatral’	92
5.1.3 Análise 3: O preço depende do bolso de quem solicitar e da menina’	95
5.1.4 Análise 4: Maria Christina liga Valdemar a ‘mensalão’ e fala em ‘várias malas’	99
5.1.5 Análise 5: Jeany Mary Córner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF	
5.1.6 Análise 6: Após dança da impunidade, deputada do PT se desculpa.....	104
5.1.7 Análise 7: Olho roxo por ‘Vingança’	109
5.1.8 Análise 8: Dólares até na cueca	113
5.1.9 Análise 9: Uma republicana coleção de nomes.....	118
5.1.10 Análise 10: ‘Mensalão virou refrão de música carnaval’	122
5.1.11 Análise 11: Deputado sofre agressão física	126

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS.....	140
ANEXO 1	
ANÁLISE 1 – CAPA DO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”, EM 03/08/2005	
ANEXO 2	
ANÁLISE 2 – CAPA DO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”, EM 15/06/2005	
ANEXO 3	
ANÁLISE 3 – CAPA DO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”, EM 18/08/2005	
ANEXO 4	
ANÁLISE 4 – CAPA DO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”, EM 21/07/2005	
ANEXO 5	
ANÁLISE 5 – CAPA DO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”, em 23/09/2005	
ANEXO 6	
ANÁLISE 6 – CAPA DO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”, EM 25/03/2006	
ANEXO 7	
ANÁLISE 7 – CAPA DO JORNAL “O GLOBO”, EM 1/07/2005	
ANEXO 8	
ANÁLISE 8 – CAPA DO JORNAL “O GLOBO”, EM 09/07/2005	
ANEXO 9	
ANÁLISE 9 – CAPA DO JORNAL “O GLOBO”, EM 15/09/2005	
ANEXO 10	
ANÁLISE 10 – CAPA DO JORNAL “O GLOBO”, EM 25/11/2005	
ANEXO 11	
ANÁLISE 11 – CAPA DO JORNAL “O GLOBO”, EM 30/11/2005	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – ‘Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos’	76
Figura 2 – Petebista faz ironias e exhibe ‘talento teatral’	80
Figura 3 – ‘O preço depende do bolso de quem solicitar e da menina’ – Segundo empresário cujo nome está na lista de telefones de Jeany Mary Corner, havia clientes ‘figurões da República’	83
Figura 4 – Maria Christina liga Valdemar a ‘mensalão’ e fala em ‘várias malas’	86
Figura 5 – Jeany Mary Corner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF – Promotora de eventos que seriam bancados por Valério nega trabalhar como cafetina	89
Figura 6 – Após dança da impunidade, deputada do PT se desculpa	92
Figura 7 – Petista despreza opinião pública com celebração - Ângela Guadagnin diz que manifestou alegria com absolvição, mas não quis desrespeitar povo.....	93
Figura 8 – Olho roxo por ‘Vingança’ – Estante teria caído quando Jefferson buscava CDs de Lupicínio Rodrigues	97
Figura 9 – Dólares até na cueca – Dirigente do PT é preso em SP com R\$ 200 mil em mala e US\$ 100 mil amarrados ao corpo.....	101
Figura 10 – Uma republicana coleção de nomes – Criatividade no batismo marca personagens da crise	118
Figura 11 – ‘Mensalão virou refrão de música carnaval’ – Em entrevista a rádios, Lula compara Palocci a Ronaldinho Gaúcho e diz que país vive ‘intranquilidade política’	122
Figura 12 – Deputado sofre agressão física – Escritor dá bengaladas em Dirceu num ‘súbito ataque de revolta’	126

LISTA DE SIGLAS

AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil
ABIN – Agência Brasileira de Inteligência
AL – Alagoas (Estado brasileiro)
ALERJ – Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro
AM – Amazonas (Estado brasileiro)
AP – Amapá (Estado brasileiro)
BA – Bahia (Estado brasileiro)
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAE – Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal
CD – *Compact Disc*
CE – Ceará (Estado brasileiro)
CEAGESP – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
CEF – Caixa Econômica Federal
COAF – Conselho de Controle de Atividades Financeiras
COTEMINAS – Companhia de Tecidos do Norte de Minas
CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito
CPMI – Comissão Mista Parlamentar de Inquérito
CUT – Central Única dos Trabalhadores
DEM – Democratas, antes antigo PFL (Partido da Frente Liberal)
ECT – Empresa de Correios e Telégrafos
FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
GO – Goiás (Estado brasileiro)
JK – Juscelino Kubitschek
MG – Minas Gerais (Estado brasileiro)
MS – Mato Grosso do Sul (Estado brasileiro)
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
PA – Pará (Estado brasileiro)
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PDT – Partido Democrático Trabalhista
PFL – Partido da Frente Liberal
PL – Partido Liberal
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP – Partido Progressista
PPS – Partido Popular Socialista
PR – Partido Renovador
PRB – Partido Republicano Brasileiro
PSB – Partido Social Brasileiro
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PV – Partido Verde

SC – Santa Catarina (Estado brasileiro)

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Micro Empresas

SP – São Paulo (Estado brasileiro)

STF – Supremo Tribunal Federal

TCU – Tribunal de Contas da União

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

1 INTRODUÇÃO

No período de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006, a editoria de política das publicações, inseridas na grande mídia brasileira, foi dominada por um tema único: o escândalo do “mensalão”.¹ Esta avaliação é possível, observando a cronologia dos fatos e a denominada retrospectiva², publicada anualmente pela imprensa.

O escândalo deflagrado a partir de uma entrevista concedida, com exclusividade, pelo ex-deputado e ex-presidente do PTB Roberto Jefferson (RJ), à jornalista Renata Lo Prete, da “Folha de S. Paulo”, publicada em 6 de junho de 2005, provocou uma onda de denúncias levantadas pelo próprio político, gerando uma série de desdobramentos.

A partir do “mensalão”, expressão consolidada em decorrência de uma frase de Roberto Jefferson, referindo-se ao suposto pagamento de propina, por parte de integrantes do governo e do Partido dos Trabalhadores (PT) a parlamentares em troca de apoio a propostas de interesse do executivo, as reportagens publicadas na grande imprensa brasileira passaram a tratar quase que exclusivamente do assunto em tela e de tudo o que cercava.

O próprio título-fantasia da pesquisa “Instintos Primitivos” foi um empréstimo da expressão utilizada por Roberto Jefferson durante depoimento à Câmara dos Deputados, quando desafiou seu principal desafeto à época, o então ministro da Casa Civil, José Dirceu, a deixar o cargo. Na ocasião, com gestos teatrais, Jefferson disse: “[Vossa Excelência] inspira em mim instintos primitivos”. A reportagem foi publicada no dia 03/08/2005³.

O objeto de pesquisa empírico desenvolvido foi o estudo de 11 matérias jornalísticas, selecionadas a partir de um total de 69 reportagens reunidas em um primeiro momento, que englobavam no texto um conteúdo de humor em diferentes categorias⁴ – da ironia ao deboche, entre variações, passando por outros estilos. A análise se concentrou nas notícias publicadas na editoria de política dos jornais: “Folha de S. Paulo” e “O Globo”. Para chegar ao número final de 11 matérias jornalísticas foi realizada uma cronologia global, depois específica.

Sem uma tradição de produzir um noticiário específico de humor, os jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo” foram escolhidos por serem veículos de referência nacional. Um deles é o de maior circulação em São Paulo – a “Folha” – e o outro no Rio de Janeiro – “O Globo”. Ocorre que nenhum deles se caracteriza pelo entretenimento nem tampouco pela leveza das notícias que publicam. Em ambos, predominam as reportagens do tipo *hardnews*, o que tornou um desafio pesquisar a ironia e o humor, além de bastante estimulante.

¹CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronolgia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

²Nota: No capítulo 2, denominado “mensalão”, a autora detalha o escândalo e seus desdobramentos.

³Nota: A reportagem citada é uma das analisadas nesta pesquisa, no capítulo 5, que trata de análise empírica.

⁴Nota: A expressão ‘categoria’ foi escolhida pela pesquisadora, está presente no capítulo 3, item 3.1 (Tipos de Riso).

A primeira surpresa foi identificar 36 notícias em tom de humor no jornal fluminense e outras 33 no jornal paulista. Os números totais dessas notícias identificadas nos dois jornais são muito próximos, apesar das diferenças culturais e de estilo que caracterizam as duas publicações.

Para analisar o conteúdo de humor e ironia dessas notícias faz-se necessário compreender o que vem a ser humorístico, cômico e irônico, ou o que seja capaz de provocar o riso e a graça. É o humor que abre a janela da ironia e do absurdo; é o cômico enquanto comédia, o riso que pode ser alegre, bom e mau, como afirma Vladimir Propp.⁵ Para Luiz Gonzaga Motta, os acontecimentos desconcertantes são oferecidos aos leitores porque funcionam como uma válvula de escape dos conflitos cotidianos.⁶

De acordo com Neil Glaber, a origem da sociedade do entretenimento surgiu na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos, quando ali se configurou uma nova consciência em que o prazer, a felicidade, a satisfação e a busca por todas as formas de alegria passaram a integrar a ordem de prioridades das pessoas.⁷ Com o surgimento dessa busca, os veículos de imprensa passaram a dar importância a tudo aquilo que pudesse gerar as emoções desejadas pela chamada 'sociedade do entretenimento'.

O noticiário irônico-político faz parte da história da imprensa brasileira desde o período da independência.⁸ Isabel Lustosa relata que, no período da independência, a arma dos jornalistas contra a violência do regime político se baseava na ironia e na sátira das principais personagens políticos.

Em estudos sobre a história da imprensa, Sheila do Nascimento Garcia afirma que o humor no noticiário político, seja em textos ou charges, ganhou ainda mais destaque no século XIX, o que foi registrado nas campanhas abolicionistas e republicanas, produzidas por Ângelo Agostini e publicadas em sua Revista Ilustrada.⁹ De acordo com Nelson Werneck Sodré, a linguagem da imprensa política era violentíssima, os jornais refletiam a consciência de que o regime era bom e os homens do poder maus – em um reflexo da camada pequeno burguesa que dominava a imprensa.¹⁰

É possível transferir as análises de Lustosa, Garcia e Sodré para o escândalo do “mensalão” que, apesar do apelido em tom de brincadeira, atingiu de forma violenta o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, desestabilizando-o a tal ponto de provocar a exoneração dos dois principais ministros do governo – o da Pasta da Fazenda, Antonio Palocci, e o da Casa Civil, José Dirceu –, além de desmontar a base aliada no Congresso, causando uma série de repercussões. No caso da pesquisa realizada, o foco se concentrou nas matérias jornalísticas que acabaram por gerar piadas e comentários jocosos¹¹.

⁵PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

⁶MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

⁷MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

⁸LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

⁹GARCIA, Sheila do Nascimento. Caras e caretas. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, dez. 2006.

¹⁰SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1999.

¹¹ESCÂNDALO DO MENSALÃO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3>. Acesso em: 22 jun. 2007.

O episódio do “mensalão” ficou marcado por uma série de situações, no mínimo, cômicas – desde o humor inofensivo, caracterizado pela singela diversão, que ganhou como marca o apelido que registrou o escândalo – “mensalão” –, passando pelo humor de consolo, a inversão grotesca de todas as normas aceitas, até a loucura e o absurdo, como assessores parlamentares flagrados com dólares na cueca e a cafetina Jeane Mary Corner, supostamente contratada por políticos para que suas “meninas” divertissem festas e eventos pouco familiares.¹²

Segundo Luiz Gonzaga Motta, o humor obedece a gradações que vão desde o inofensivo até o seu oposto. De acordo com o autor, essas notícias do tipo *feature* e *fait divers* são utilizadas pelos jornais como um recurso para suavizar a leitura de dramas e tragédias relatadas nos sisudos veículos de imprensa.¹³

Para realizar essa análise foi necessário compreender o que vem a ser o irônico, indo além do significado depreciativo, sarcástico ou de zombaria. Na Antigüidade, o filósofo grego Sócrates foi um dos primeiros a desenvolver o chamado raciocínio irônico ou ironia socrática. A idéia de ironia ganha força com Sócrates que a partir de diálogos críticos, o raciocinar/pensar ou na ironia (do grego *eironeia*, perguntar fingindo ignorar).¹⁴

Cristina Oliveira afirma que, com habilidade de raciocínio, Sócrates procurava evidenciar as contradições firmadas, os novos problemas que surgiam, objetivando demolir, nos discípulos, o orgulho, a ignorância e a presunção de saber.¹⁵

A pergunta formulada para esta pesquisa foi a seguinte: Em quais notícias e como o humor e a ironia estão presentes na editoria de política da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período do “mensalão? A hipótese inicial, depois comprovada no decorrer da pesquisa, foi que o próprio noticiário contribuiu para destacar essas reportagens em tom de humor e suas diversas categorias, diagramando-as em páginas ímpares, cercada por fios, *box* e imagens chamativas¹⁶.

Para buscar as respostas foi necessário fazer uma análise detalhada e criteriosa a respeito do sistema comunicacional e suas relações: emissor-mensagem-canal-receptor. Ressalta-se, porém, que o objetivo é focalizar basicamente o emissor e a mensagem¹⁷, assim como a mensagem foi construída – as matérias jornalísticas foram produzidas neste período de um ano (de junho de 2005 a julho de 2006) – e os órgãos (os veículos/jornais) emissores atuaram.

Após a observação e análise do emissor e da mensagem, é apresentada a análise dos jogos de linguagem e da narrativa pragmática do discurso dos fatos publicados nos dois jornais

¹²CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronologia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

¹³MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

¹⁴OLIVEIRA, Cristina G. M. **Os Sofistas e o período socrático**: maiêutica e ironia. Disponível em: <www.filosofiavirtual.pro.br/socrates.htm>. Acesso em: 26 jun. 2007.

¹⁵OLIVEIRA, Cristina G. M. **Os Sofistas e o período socrático**: maiêutica e ironia. Disponível em: <www.filosofiavirtual.pro.br/socrates.htm>. Acesso em: 26 jun. 2007.

¹⁶CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronologia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

¹⁷MARTINO, L.C. Durante o curso de pós-graduação em Comunicação, na disciplina de Teorias da Comunicação, na UnB (Universidade de Brasília), em 22/06/2007.

selecionados. Para Luiz Gonzaga Motta, os jogos de linguagem atuam na construção do noticiário político. É a razão e a emoção que também estão presentes na ironia que caracteriza várias situações de humor.¹⁸

Segundo Motta, os discursos narrativos se constroem por meio de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem às operações e opções (modos) lingüísticas e extralingüísticas táticos para realizar certas intenções e objetivos. A construção narratológica não é aleatória, realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados).¹⁹

Um dos exemplos estudados nesta pesquisa transformou-se em uma espécie de símbolo do “mensalão”. No dia 2 de julho de 2005, o assessor parlamentar do deputado estadual cearense José Nobre Guimarães (PT), José Adalberto Vieira da Silva, foi preso no aeroporto de Guarulhos (SP), com R\$ 200 mil em uma mala e mais US\$ 100 mil colocados dentro da cueca usada por ele. A notícia foi publicada pela “Folha de S. Paulo” e pelo “O Globo” com destaque²⁰.

Na “Folha de S. Paulo”, a reportagem foi menos irônica, já no “Globo”, a matéria foi escrita de tal forma que até o fato de Silva usar esmalte incolor foi relatado sob o argumento que ele afirmou ser agricultor, o que para os policiais, levantou suspeitas porque dificilmente um trabalhador rural teria as unhas feitas.

Outro episódio foi protagonizado pelo próprio Roberto Jefferson, no dia 13 de junho de 2005, quando ele esteve no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, atendendo a uma representação do então Partido Liberal (PL), que o denunciou por quebra de decoro e exigiu que comprovasse as denúncias feitas ao jornal “Folha de S. Paulo”.²¹

No Conselho de Ética da Câmara dos Deputados - em uma sala “emprestada” pela Comissão Mista de Orçamento, a de número 2 da Ala das Comissões da Câmara, que foi escolhida em decorrência da imensa platéia e do alvoroço causado pelo noticiário -, Jefferson “incorporou” uma personagem teatral com gestos exagerados e linguajar muito bem escolhido: mandou que o então ministro José Dirceu pedisse demissão para não deixar o “chefe” (o presidente Luiz Inácio Lula da Silva) em má situação, apontando o dedo indicador em direção às câmeras de TV e máquinas fotográficas, provocou colegas e arrancou gargalhadas e críticas. No dia seguinte, o ex-deputado foi capa dos principais jornais do país.

¹⁸MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

¹⁹MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativa jornalística e conhecimento imediato do mundo: construção cognitiva da história presente. **Revista Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 24, n. 3, set./dez. 2006.

²⁰Nota: A notícia denominada “Dólares na cueca”, publicada no dia 3 de julho de 2005 é analisada no capítulo 6, que trata de análises empíricas.

²¹CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronologia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

Wilson Gomes destaca em seus estudos que uma história ao ser contada, portanto narrada, deve dominar a arte da persuasão, da produção e da encenação, utilizando os mais diversos recursos e desencadeando um efeito emocional e/ou cognitivo no ânimo do leitor ou espectador.²²

Consciente ou inconscientemente, o leitor/receptor (comum) gosta e procura a intriga ao ler uma narrativa, já afirmava Walter Benjamin. Ele brinca com o fato de os críticos condenarem a intriga, lembrando que os leitores não se interessam pelos problemas teóricos - tão discutidos e detalhados pelos especialistas. Benjamin chegou a afirmar que os leitores são ingênuos, mas porque não são técnicos.²³

As análises de Gomes e Benjamin se encaixam ao episódio do “mensalão”, mais especificamente às reportagens do tipo *softnews* – mais leves e graciosas do que as convencionais, reple

tas de notícias e focadas na informação.²⁴ Em tais reportagens, em especial, há uma busca do emissor e do canal pela teatralização e construção de uma trama intrigante que fixem a atenção do receptor/leitor.

Motta²⁵ lembra ainda que há uma sutileza a ser observada na distinção estabelecida entre o que se diz (no jornalismo, a informação objetiva de cada notícia) e o que se comunica, portanto, isso inclui também a *tessitura da intriga* – aquela que elabora a narração de uma situação específica para contar o fato e atrair o leitor/receptor.

A distinção, sugerida por Motta, é evidenciada quando se depara com os narradores e seus discursos, pois no caso de Jefferson-narrador o tom é sempre teatral, irônico e agressivo, enquanto o jornal-narrador busca a sobriedade e a eliminação de adjetivos. Certamente essas abordagens surtem efeitos diferentes.²⁶ É como se houvesse um contrato comunicativo em que o autor (no caso o jornalista que escreve a reportagem) se permite seguir ou burlar certas normas desde que saiba que o receptor destinatário o siga (referende seu ato). São regras implícitas do *jogo da linguagem* que envolve também a personagem consciente do papel que exerce e de seus efeitos.

A análise da pragmática narrativa inclui também a análise do conteúdo crítico das mensagens contidas nas reportagens selecionadas nos jornais escolhidos. A ênfase sobre o material selecionado tem como base a análise pragmática -baseada no estudo da disciplina lingüística que analisa a interpretação de enunciados, do objeto exterior, do instrumento gramatical e do conhecimento.²⁷

John B. Thompson destaca que os regimes democráticos acabam estimulando direta ou indiretamente a profusão de notícias o que pode explicar o permanente clima de escândalo que está

²²GOMES, Wilson. **Transformações da política na era de comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

²³BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Braziliense, 1996. V. 1.

²⁴Nota: nas reportagens do tipo *softnews* predominam o humor, a suavidade, o inusitado e o diferente desde que associados com o noticiário principal.

²⁵MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

²⁶MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

²⁷REYES, Graciela. **La pragmática lingüística**. Barcelona: Montesinos, 1994.

no ar nas democracias.²⁸ Ele afirma, ainda, que a possibilidade de escândalos políticos aumenta quando os temas envolvem figuras públicas.

A definição de Thompson tem relação direta com o episódio do “mensalão”: havia um líder político de relevância e polêmico que fazia denúncias graves (Roberto Jefferson), acusando ministros de destaque (Antonio Palocci e José Dirceu), políticos importantes, como o então presidente nacional do PT, José Genoino, e os secretários nacionais do partido, Sílvio Pereira, e o tesoureiro da legenda, Delúbio Soares, além de deputados da base aliada. No mesmo momento, o Brasil vivia, pela primeira vez, a experiência de ter um proletário no poder eleito democraticamente pelo voto direto e por ampla maioria do eleitorado (o presidente Luiz Inácio Lula da Silva).

Para Luiz Gonzaga Motta, o cenário em que se originou o “mensalão” era o terreno fértil para o surgimento de um escândalo político, nos termos observados por Thompson. Segundo Thompson, o escândalo político é aquele que envolve um líder ou uma figura política. É o fato de o indivíduo que está no centro do escândalo ser uma figura que se destaca – um líder ou aspirante a líder, um funcionário eleito ou designado, etc. – que faz com que o escândalo se constitua em um escândalo político.²⁹

Porém, se o escândalo do “mensalão” provocou uma série de baixas no governo, cassações e renúncias no Congresso Nacional, as matérias que ganharam destaque – com direito a *box*³⁰ – texto editado entre fios na mesma página –, diagramação diferenciada e chamadas na primeira página/capa – foram aquelas carregadas de humor e ironia. São elas que merecerão um estudo dos jogos de linguagem, de análise narrativa pragmática do discurso e do conteúdo realizado de forma minuciosa no decorrer de 2007-2008.

A pesquisa está disposta da seguinte forma:

O item 2 apresenta o escândalo do “mensalão”, indicando cronologia do evento abordado e das coberturas realizadas pelos veículos escolhidos, a saber “Folha de S. Paulo” e “Globo”, assim como a cronologia selecionada para realizar a análise proposta neste estudo, além esclarecer sobre as legendas dos partidos e as personagens envolvidos no escândalo. Traz, ainda, um dicionário de termos criados a partir do “mensalão”, de forma a guiar a leitura desta pesquisa.

No item 3 são identificadas e expostas as bases teóricas sobre as quais esta pesquisa foi realizada, evidenciando qual a abordagem indicada para a análise das notícias publicadas sobre o “mensalão”.

O item 4 apresenta a metodologia na qual respaldou-se a análise dos fatos em questão, demonstrando qual foi o instrumento de trabalho, assim como explicando sobre a Teoria da Análise Pragmática, a qual viabilizou esta pesquisa.

No item seguinte, o de número 5, são apresentados e discutidos os resultados, observando-se as análises dos *corpus*, evidenciando as 11 análises selecionadas para esta pesquisa.

²⁸ THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

²⁹ THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

³⁰ MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Publifolha, 2006.

E, por último, o item 7 que traz as considerações finais e sugestões para estudos posteriores sobre o tema em questão.

1.1 Problematização e Pergunta

Na leitura de alguns dos principais jornais nacionais, os leitores se deparam com uma série de notícias políticas, econômicas e sociais que têm um tom bem-humorado e irônico por vezes no principal noticiário e em outras ocasiões de forma associada. A mídia brasileira está impregnada de fatos que são convertidos em chacota e piada, uma vez que ganham destaque nos jornais – com a publicação de forma diferenciada em decorrência de uma diagramação específica – que integram a grande imprensa.

Por um ano o “mensalão” – a partir da primeira entrevista concedida pelo ex-deputado Roberto Jefferson, em 6 de junho de 2005, até sua primeira entrevista como deputado cassado, em 12 de julho de 2006 – o tema se manteve como principal assunto das editorias de política dos grandes jornais de circulação do país.

A pergunta formulada para esta pesquisa é: Em quais notícias e o porquê o humor e a ironia estão presentes na editoria de política da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período do “mensalão”?

O que se propôs nesta pesquisa foi a análise dos jogos de linguagem, da narrativa do discurso sob a pragmática jornalística, e dos diversos tipos de humor presentes no noticiário político – do grotesco ao malogro, passando pelo simples trocadilho, o sarcasmo, o paradoxo, as tiradas, o escárnio, a paródia, o cáustico e a ironia- construída para “virar” notícia e ser publicada na editoria de política de dois dos principais jornais em circulação do país – “O Globo” e “Folha de S. Paulo”.

De acordo com Georges Minois³¹, o humor é um dos instrumentos de luta contra o poder e de forma de reagir ao sistema. Segundo ele, o humor utilizado na política é o equivalente ao cúmulo do desprezo - quando algo vira alvo da indiferença. Para Minois, a democracia moderna mostrou que um poder que não aceita zombaria é um poder ameaçado, desprezado, cotado a desaparecer. Ele afirma que “só zomba daquilo que ainda inspira algum respeito”.³²

Ao longo de pouco mais de um ano as denúncias relativas à onda do “mensalão”, que sangraram o governo do presidente Lula, ganharam histórias irônicas e repletas de humor. Como instrumento de crítica, sugestões a reações e incitações a movimentos, as notícias em tom de humor ganharam espaços privilegiados na denominada grande mídia brasileira, nas editorias de política. Dessa forma, esta pesquisa tomou como base para a afirmação o que foi publicado, sobre o tema “mensalão”, nos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo”.

³¹MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

³²MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

Algumas explicações podem estar na experiência cotidiana que indica que é o humor que abre a janela da ironia e do absurdo. É o cômico enquanto comédia. O riso que pode ser alegre, bom e mau, como define Vladimir Propp³³. Mas por que o humor é humor? Segundo Sigmund Freud³⁴, o humor é um processo de defesa que impede a eclosão do desprazer. Ao contrário do processo de recalque, ele não procura subtrair da consciência o elemento penoso, mas transforma em prazer a energia já acumulada para enfrentar a dor.

Será que há uma estrutura esquizofrênica³⁵ na construção da realidade jornalística que estimula a ironia como contato com a crítica e o humor nos chamados espaços nobres dos jornais, como é a editoria de política? Ao longo da história política mundial e brasileira, a sátira (política) sempre esteve presente, assim como a ironia foi chamada a desempenhar um papel essencial.

Minois³⁶ brinca ao mencionar o papel da ironia: “Santa ironia, libertadora dos povos”. O filósofo destaca a importância da sátira política embora com suas limitações e ambigüidades: ela ridiculariza seus adversários mas, ao mesmo tempo, desencadeia crises e pode, assim, contribuir para a tolerância dos abusos. Desde o fim do século XIX, a sátira política se torna mais ferina e profunda.

1.2 Justificativa

A partir da seleção de todas as notícias publicadas, nas editorias de política dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo”, o objetivo principal desta pesquisa consistiu em responder à pergunta: Em quais notícias e como o humor e a ironia estão presentes na editoria de política da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período do “mensalão”?

A observação realizada inicialmente, sobre as notícias publicadas, no período do “mensalão”, indicou que as informações que se destacaram no noticiário relativo ao escândalo pelo tom bem-humorado e que ganharam espaço nas reportagens veiculadas nos meios de comunicação de massa mostraram que a imprensa não se preocupou apenas com denúncias e dados contidos nas acusações que cercaram o suposto pagamento a parlamentares em troca de apoio e favores ao governo federal, que se notabilizaram como “mensalão”.³⁷

Ao serem noticiados fatos políticos com destaque a frases de efeito, aspectos em clima de teatro que fazem lembrar os tempos da Grécia Antiga, pela sua dramaticidade, ganharam destaque nos referidos jornais apreciados nesta pesquisa, como detalhes de US\$ 100 mil escondidos em roupas íntimas de um assessor (José Adalberto Vieira da Silva) de um parlamentar cearense (o deputado

³³PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

³⁴MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

³⁵*Nota: Segundo o Dicionário Aurélio, esquizofrenia é um grupo de distúrbios mentais que, basicamente, demonstrem dissociação e discordância das funções psíquicas, perda da unidade da personalidade, ruptura de contato com a realidade.*

³⁶MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

³⁷CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronolgia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

estadual José Nobre Guimarães, irmão do então presidente nacional do PT José Genoino), uma ex-mulher (a socialite Maria Christina Mendes Caldeira) que decidiu denunciar o marido, sinalizaram que uma das suas intenções era criticar, utilizando o entretenimento e a diversão como recursos presentes no humor e nos seus desdobramentos.

A pesquisa empírica revelou ainda situações, nas quais jornalistas/narradores buscaram registrar episódios que resumem os longos documentos reunidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Correios e pelo Conselho de Ética da Câmara em apenas uma notícia bem-humorada, mas nem por isso menos crítica e até ridícula.³⁸

Um desses exemplos foi a reportagem que narrou o depoimento da empresária paulista Maria Christina Mendes Caldeira, em 20 de julho de 2005³⁹, durante sessão no Conselho de Ética da Câmara, que surpreendeu os parlamentares ao contar que viu “malas de dinheiro” circular na Casa e que seu ex-marido, o então deputado Valdemar Costa Neto (PL-SP), teria negociado benefícios, que ela também chamaria de “mensalão”.

O comportamento “escandaloso” e excessivamente detalhado da empresária ganhou um relato minucioso na mídia nacional, o que também mereceu destaque em decorrência da aparência da interlocutora: roupa com paetês à luz do dia e um penteado extravagante para ocasião.

Em 8 de julho de 2005⁴⁰, outro episódio ganhou destaque no noticiário dos grandes jornais, quando José Adalberto Vieira da Silva, assessor do deputado estadual do Ceará José Nobre Guimarães (PT), foi preso no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Silva estava com US\$ 100 mil escondidos na cueca, além de mais R\$ 200 mil em uma mala. A notícia ganhou destaque ainda maior com o detalhe de que Guimarães é irmão do ex-deputado José Genoino, que na época era o presidente nacional do Partido dos Trabalhadores.

Em palestra proferida para os alunos de Pós-Graduação na Comunicação da UnB⁴¹, o deputado José Genoino (PT-SP) também atribuiu ao grau de parentesco tão próximo o destaque dado pela imprensa à notícia do mensalão e o episódio dos dólares na cueca, uma vez que o assessor detido trabalhava para seu irmão: “Vivi um episódio que foi muito forte. O importante [naquele fato] é que era meu irmão. Não conversei com o Adalberto [o assessor flagrado com o dinheiro] . Aquilo foi o limite do limite enquanto destruição de imagem”.

Independentemente da dor relatada por Genoino e seus familiares, o episódio virou tema de chacota e piada para os adversários do presidente Lula e seus aliados, além dos leitores que passaram a associar a notícia “policial” a “política”. O fato é lembrado com frequência apenas pela simples menção de: “O homem dos dólares na cueca”.

³⁸<<http://www.folhaonline.com.br>>. Acesso em: 22 jun. 2007.

³⁹CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronolgia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

⁴⁰CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronolgia.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

⁴¹GENOINO, José. Palestra realizada no dia 17/04/07, no Departamento de comunicação da UnB, por pouco mais de duas horas.

Esses episódios, entre tantos outros, foram publicados pela imprensa nacional e indicam que notícias com aspecto bem-humorado e em tom de piada que podem cair no gosto popular, conquistando mais espaço na mídia impressa, e até na memória coletiva. A afirmação é feita com base no forma de edição e diagramação escolhido pelos jornais analisados: a seleção do noticiário visa, sobretudo, atrair e conquistar o leitor. Das 69 notícias selecionadas nos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo” em todas havia um tom de humor e sem exceção todas foram publicadas de forma a chamar a atenção do leitor: ora pela diagramação diferenciada, a localização em página ímpar, fotos ampliadas e *chamadas* nas capas dos respectivos jornais.

Não foram analisadas as charges nem as colunas políticas, os espaços de opinião nem as notícias denominadas *features* ou *fait divers* contidas em outras editorias. Essas áreas de atuação poderão, no futuro, abrigar outro projeto de pesquisa.

2 O ESCÂNDALO DO “MENSALÃO”

O capítulo que se segue trata de uma síntese, baseada no parecer do procurador-geral da República, Antonio Fernando Barros e Silva de Souza⁴², sobre o escândalo do “mensalão”. O parecer do procurador foi o principal documento que levou à denúncia de um complexo esquema de corrupção que motivou um longuíssimo julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) - que durou uma semana, em 2007. No seu relatório, Souza sugere o indiciamento de 40 denunciados de envolvimento com o esquema de corrupção, entre eles estão algumas das principais personagens do escândalo que gerou parte da pesquisa que se segue⁴³.

Na tentativa de obter uma análise neutra sobre os fatos políticos noticiados pelos jornais, a pesquisadora optou por tomar como base para este capítulo específico o resumo do parecer do relator, fornecido por sua equipe, e assinado pelo próprio. Em 135 páginas, Souza descreve o escândalo e suas ramificações: a organização criminoso, a qual ele dividiu em três núcleos: político-partidário, publicitário-financeiro e o financeiro.

Pelo parecer do Ministério Público, o escândalo do “mensalão”, a partir de investigações realizadas ao longo do inquérito policial, indicaram “engendrados esquemas de evasão de divisas, sonegação fiscal e lavagem de dinheiro por empresas dos publicitários Marcos Valério de Souza e Duda Mendonça e também empresas financeiras e não financeiras, que serão objeto de aprofundamento das investigações nas instâncias judiciais adequadas”.⁴⁴

Segundo o procurador, as investigações mostraram ainda que os envolvidos no esquema desprezavam a legislação, estabelecendo um “intenso mecanismo de lavagem de dinheiro com a omissão dos órgãos de controle”, uma vez que possuíam apoio político, administrativo e operacional do então ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu (PT-SP), que integrava “o governo e a cúpula do Partido dos trabalhadores”.⁴⁵

Na conclusão⁴⁶, Souza atesta que: “Os denunciados operacionalizavam desvio de recursos públicos, concessões de benefícios indevidos e particulares em troca de dinheiro e compra de apoio político, condutas que caracterizavam os crimes de quadrilha, peculato, lavagem de dinheiro, gestão fraudulenta, corrupção e evasão de divisas”.⁴⁷

⁴²SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁴³Nota: Vide item 2.4 deste capítulo, que trata sobre personagens do “mensalão”.

⁴⁴SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁴⁴Nota: Ver capítulo 2, que trata sobre personagens do “mensalão”.

⁴⁵SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁴⁶SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁴⁶Nota: Ver capítulo 2, item 2.4, que trata sobre personagens do “mensalão”.

⁴⁷SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁴⁷Nota: Ver capítulo 2, item 2.4, que trata sobre personagens do “mensalão”.

Segundo o procurador, o escândalo do “mensalão” teve como ponto de partida a divulgação de uma gravação de vídeo, na qual o ex-chefe de um departamento da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), Maurício Marinho, solicitava e também recebia “vantagem indevida para ilicitamente” beneficiar um suposto empresário interessado em negociar com a empresa, mediante contratações espúrias, das quais resultariam vantagens econômicas tanto para o corruptor, quanto para o grupo de servidores e dirigentes da ECT, que Marinho afirmava representar.

Na negociação, registrada em vídeo, Marinho expôs detalhadamente o esquema de corrupção de agentes públicos existente nos Correios e menciona o “homem da chave do PT” em uma alusão ao então presidente nacional da legenda e aliado do governo federal, (ex)deputado Roberto Jefferson. Segundo o procurador, as denúncias surgidas no vídeo foram aprofundadas por uma série de reportagens jornalísticas e também com as investigações policiais e as promovidas via CPI, batizada com o nome da referida empresa (Correios), criada para investigar a denúncia apresentada indiretamente por Marinho.

Para o procurador, o embrião do esquema destinou-se ao financiamento da campanha política do candidato ao governo do Estado de Minas Gerais Eduardo Azeredo (PSDB). O assunto, como ressalva Souza, está sob apuração de inquérito que tramita no Supremo Tribunal Federal.

Segundo Souza⁴⁸, as provas colhidas no curso do inquérito no Ministério Público demonstram a existência de uma complexa organização criminoso dividida em três partes distintas e interligadas. No núcleo central estão: José Dirceu⁴⁹, Delúbio Soares, José Genoíno e Sílvio Pereira. No operacional e financeiro, o comando seria de Marcos Valério, Ramon Hollerbach, Cristiano Paz, Rogério Tolentino, Simone Vasconcelos e Geiza Dias. Já o núcleo operacional e financeiro ficaria a cargo de José Augusto Dumont (já falecido) e do comando do Banco Rural: a presidente Kátia Rabello, o vice-presidente da instituição financeira, José Roberto Salgado, a vice-presidente Operacional, Ayanna Tenório e o outro vice-presidente, Vinicius Samarane. Conforme o procurador, os dirigentes do Banco Rural estruturaram um “sofisticado mecanismo de branqueamento de capitais”⁵⁰. De acordo com Souza, essa engrenagem financeira possibilitou, a partir de 2003, o recebimento dissimulado de recursos pelos beneficiários do esquema denunciado. Pelas investigações, destacou ele, o esquema de lavagem de dinheiro foi praticado reiteradamente por mais de dois anos. Em sub-capítulos, o procurador trata sobre os envolvidos que pertencem a cada um dos partidos políticos citados no inquérito do Ministério Público⁵¹.

Ao final do seu parecer, o procurador sugere o indiciamento de todos os 40 investigados e que sejam condenados às penas propostas a cada situação. Souza aponta, ainda, um rol de 41 testemunhas. Até o presente momento, agosto de 2008, por decisão do Supremo Tribunal Federal

⁴⁸SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁴⁹*Nota: Informações sobre quem são cada um dos citados estão no capítulo 2, item 2.4- Personagens do Mensalão.*

⁵⁰SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

⁵¹*Nota: Há um capítulo específico nesta pesquisa, o capítulo 2, item 2.3, que trata dos partidos políticos citados direta ou indiretamente no escândalo.*

(STF), foram adiados os depoimentos das oito primeiras testemunhas de acusação arroladas no inquérito sobre o “mensalão”.

O juiz federal José Ailton de Aguiar Portela, da 12ª Vara da Justiça Federal do Distrito Federal, pretendia ouvir em julho de 2008 as testemunhas, mas o presidente em exercício da Suprema Corte, ministro Cezar Peluso, aceitou os pedidos formulados pelas defesas de Marcos Valério Fernandes de Souza e Ramon Hollerbach Cardoso solicitando o adiamento.

2.1 Cronologia do Escândalo

A pesquisa, realizada ao longo do curso de mestrado em Comunicação, na linha de Jornalismo e Sociedade, concentrou-se, fundamentalmente, nas notícias em tom de humor publicadas nos jornais “Folha de São Paulo” e “O Globo”, na editoria de política, sobre o escândalo do “mensalão”. Para se compreender o que foi o escândalo e seus efeitos, é preciso entender como surgiu a onda de denúncias de desvio de recursos públicos para fins políticos, ocorridos a partir da entrevista de um dos principais aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva – o ex-presidente nacional do PTB e ex-deputado Roberto Jefferson (RJ).

A pesquisa se baseou em uma cronologia do escândalo, a partir da data de publicação da entrevista de Jefferson à “Folha de S. Paulo”, no dia 6 de junho de 2005, estendendo-se até o dia 12 de julho de 2006, quando já cassado, o ex-parlamentar concedeu entrevista para fazer uma análise sobre o episódio “mensalão”. As datas utilizadas são de publicação dos fatos pelos veículos relacionados.

Para a pesquisa, foi feito um recorte no material, anteriormente citado, executando o que a pesquisadora denominou de ‘cronologia’, selecionada com base em notícias em tom de ironia e humor publicadas no período supracitado. Mais à frente, no capítulo 4, que trata de metodologia, é possível observar que na cronologia selecionada houve ainda um segundo recorte, obedecendo como critério a categorização dos tipos de riso.

A seguir, a cronologia do escândalo do “mensalão”:

- 06/06/2005 – O então presidente nacional do PTB e aliado do governo, deputado Roberto Jefferson (RJ), dá entrevista exclusiva à jornalista Renata Lo Prete, da “Folha de S. Paulo” e fala do esquema do mensalão.
- 08/06/2005 – É instalada a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) denominada “CPI dos Correios” para investigar as denúncias.
- 08/06/2005 – O ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, citado por Jefferson, nega as denúncias do esquema de pagamento irregular.

- 14/06/2005 – Jefferson presta depoimento ao Conselho de Ética da Câmara.
- 16/06/2005 – O então ministro da Casa Civil, José Dirceu, pede demissão do cargo em decorrência das denúncias que o envolvem também.
- 17/06/2005 – Jefferson se licencia da Presidência Nacional do PTB.
- 22/06/2005 – A deputada Raquel Ribeiro (PL-GO) diz que recebeu proposta do então presidente nacional do PL, deputado Sandro Mabel (GO), proposta de mesada que seria inicialmente de R\$ 30 mil.
- 30/06/2005 – Com o olho roxo, Jefferson depõe na CPI dos Correios.
- 02/07/2005 – O assessor petista José Adalberto da Silva Vieira é flagrado com R\$ 200 mil na mala e mais US\$ 100 mil colocados ao corpo dentro da cueca.
- 04/07/2005 – O empresário mineiro Marcos Valério é vinculado ao PT.
- 05/07/2005 – Delúbio Soares se licencia do cargo de tesoureiro do PT.
- 06/07/2005 – O deputado Bispo Rodrigues (PL-RJ) depõe no Conselho de Ética da Câmara, acusado de ter iniciado o esquema do mensalão na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), e nega envolvimento com Marcos Valério.
- 06/07/2005 – Marcos Valério depõe na CPI dos Correios e chora ao lembrar do filho morto.
- 07/07/2005 – A cúpula do Banco do Brasil é acusada de conceder um empréstimo de R\$ 20 milhões para o PT.
- 12/07/2005 – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conclui a reforma ministerial que foi obrigado a dar início a partir do escândalo do mensalão.
- 13/07/2005 – Cai o presidente da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), Mauro Marcelo, depois de chamar a CPI dos Correios de “picadeiro”.
- 13/07/2005 – O diretor de Marketing do Banco do Brasil Henrique Pizzolato, pede aposentadoria após ser denunciado como o responsável pela organização de um espetáculo com os sertanejos Zezé di Camargo & Luciano”.

- 15/07/2005 – O empresário Marcos Valério, em entrevista ao “Jornal Nacional”, da Rede Globo, nega empréstimos ao PT.
- 15/07/2005 – Lula dá entrevista exclusiva à Rede Globo, na França.
- 19/07/2005 – É autorizada a quebra de sigilo de Marcos Valério e de suas empresas e na lista de beneficiados está o ex-presidente da Câmara João Paulo Cunha (PT-SP).
- 19/07/2005 – O então secretário-geral do PT Sílvio Pereira depõe na CPI dos Correios. No mesmo dia o deputado Antonio Carlos Magalhães Neto (PFL-BA) revela que Pereira “ganhou” uma camionete Land-Rover de presente de empresários baianos.
- 20/07/2005 – É instalada a CPI do Mensalão no Congresso.
- 20/07/2005 – O presidente da CPI dos Correios, senador Delcídio Amaral (PT-MS), informa que desapareceram documentos da comissão.
- 20/07/2005 – Delúbio Soares depõe na CPI dos Correios.

- 20/07/2005 – A socialite Maria Christina Mendes Caldeira depõe no Conselho de Ética da Câmara, faz escândalo, cena e teatro para dizer que “viu malas de dinheiro” no período em que era casada com o deputado Valdemar Costa Neto (PL-SP), presidente nacional do PL.
- 20/07/2005 – O Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF), órgão do Ministério da Fazenda, bloqueia contas de Marcos Valério e da mulher dele, Renilda Fernandes.
- 21/07/2005 – O deputado Paulo Rocha (PT-PA), um dos acusados de receber dinheiro do mensalão, deixa o cargo de líder do PT na Câmara.
- 22/07/2005 – Durante solenidade no Rio de Janeiro, Lula diz que está “para nascer quem venha querer discutir ética” com ele.
- 22/07/2005 – É divulgada notícia sobre suposta existência da “máfia da Previdência”, que desviava recursos do setor, envolvendo Delúbio, Dirceu e Jefferson.
- 25/07/2005 – Lula homenageia faxineiro do aeroporto de Brasília que devolveu US\$ 10 mil que achou em banheiro público.
- 26/07/2005 – Renilda Fernandes, mulher de Marcos Valério, depõe na CPI dos Correios.
- 28/07/2005 – Ministério Público Federal recebe denúncia que dois empréstimos do PT teriam sido para a campanha de Lula.
- 01/08/2005 – O deputado Valdemar Costa Neto, denunciado de participar do esquema do mensalão, renuncia ao mandato para escapar da cassação.
- 02/08/2005 – Jefferson presta novo depoimento na CPI dos Correios.
- 03/08/2005 – Marcos Valério diz que emprestou dinheiro ao PT para ser utilizado para pagar advogados no caso do assassinato do ex-prefeito de Santo André (SP), Celso Daniel.
- 04/08/2005 – Em depoimento à CPI dos Correios, Jefferson faz ironia com Valdemar Costa Neto.

- 08/08/2005 – Em depoimento à CPI dos Correios, o publicitário Duda Mendonça, que fez a campanha vitoriosa do presidente Lula, chora ao lembrar de sua origem humilde.
- 08/08/2005 – Ricardo Machado, ex-sócio de Marcos Valério, diz em depoimento à Polícia Federal que organizava festas com prostitutas e bebidas em Brasília para políticos ligados ao governo.
- 09/08/2005 – Em depoimento à CPI dos Correios, Marcos Valério pede perdão ao povo brasileiro.
- 10/08/2005 – O relator da CPI do Mensalão, Paulo Pimenta (PT-RS), aparece com lista de beneficiados por Marcos Valério.
- 11/08/2005 – Pressionado por supostamente desaparecer com a lista de beneficiados com os repasses de Marcos Valério, Pimenta renuncia à relatoria na CPI.
- 11/08/2005 – O publicitário Duda Mendonça depõe espontaneamente na CPI dos Correios e acusa vários dos dirigentes petistas.
- 11/08/2005 – Lula vai à TV e ao rádio, em cadeia nacional, para dizer que foi “traído”, mas não revela nomes nem detalhes.
- 12/08/2005 – Em entrevista à revista “Época”, Valdemar Costa Neto diz que Lula e o vice-presidente José Alencar sabiam da doação de R\$ 10 milhões do PT para o PL.
- 16/08/2005 – O advogado Rogério Buratti, ex-assessor do ministro da Fazenda Antonio Palocci, é preso sob denúncia de lavagem de dinheiro.
- 17/08/2005 – A executiva nacional do PT torna público o pedido de desculpas.
- 18/08/2005 – O esquadrão da polícia anti-bombas do Distrito Federal explode uma bolsa, que estava no Congresso Nacional, sob suspeita de conter uma bomba. Foi alarme falso.
- 20/08/2005 – Marcos Valério recorre à Justiça para pedir que o PT pague a ele R\$ 100 milhões.
- 24/08/2005 – Surge denúncia de que as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) fizeram contribuição de R\$ 5 milhões para a campanha presidencial de Lula.

- 24/08/2005 – Palocci faz pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV rebatendo acusações de Buratti, de receber pagamentos mensais (irregulares) de esquema fraudulento da Prefeitura de Ribeirão Preto.
- 24/08/2005 – Advogado de Buratti diz que ele está doente e não pode prestar esclarecimentos à CPI.
- 24/08/2005 – A Polícia Federal prende Francisco Antonio Cadenas Collazzos, das FARC, que disse que doação de US\$ 5 milhões era para a campanha de Lula.
- 24/08/2005 – Lula fala que não repetirá (trajetórias de) Getúlio, Jânio Quadros ou João Goulart (Jango), mas de Juscelino Kubitscheck (JK).
- 30/08/2005 – Em entrevista à “Folha de S. Paulo”, o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE), diz que não existe mensalão.
- 01/09/2005 – CPIs dos Correios e Mensalão aprovam relatórios recomendando cassação de 18 deputados.
- 02/09/2005 – O vice-presidente da República, José Alencar, desliga-se do PL, partido envolvido nas denúncias de benefícios do mensalão.
- 04/09/2005 – O empresário Sebastião Buani denuncia que é submetido a um esquema de pagamento de “mensalinho” por Severino Cavalcanti que o pressiona a pagar, regularmente quantias em dinheiro para manter restaurantes e lanchonetes na Câmara.
- 07/09/2005 – Em cadeira de rádio e TV, Lula enaltece ações do governo e diz que “vai punir doer a quem doer”.
- 09/09/2005 – Para escapar do processo de cassação e perda de direitos políticos, o deputado Bispo Rodrigues renuncia ao mandato parlamentar.
- 13/09/2005 – Em busca do resgate da imagem que foi manchada pelas denúncias associando o partido ao “mensalão”, o Partido Liberal (PL) passa a se chamar Partido Municipalista Renovador (PR).
- 13/09/2005 – Aldo Rebelo, ministro de Relações Institucionais (responsável pelas relações

políticas do governo com o Congresso), confirma que estava presente na reunião em que Jefferson disse ter advertido Lula sobre a existência de mensalão.

- 14/09/2005 – O ministro da Secretaria de Comunicação Estratégica Luiz Gushiken depõe na CPI dos Correios sob a acusação de desvio de dinheiro público.
- 14/09/2005 – Plenário da Câmara dos Deputados aprova processo de cassação de Jefferson com um placar de: 313 votos favoráveis, 156 contrários, 13 abstenções, 5 brancos e 2 nulos.
- 15/09/2005 – Formado majoritariamente por ex-integrantes do PT é criado o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).
- 15/09/2005 – Relatório da CPI dos Correios revela que oito empresas de Marcos Valério movimentaram R\$ 4,9 bilhões no período de 2000 a 2005.
- 15/09/2005 – Em entrevista coletiva, já cassado, Jefferson faz ironias, canta e demonstra estar tranqüilo.
- 20/09/2005 – O doleiro Antonio Oliveira Claramunt, o Toninho da Barcelona, presta depoimento à Polícia Federal e denuncia esquema do mensalão associando ao PT.
- 21/09/2005 – Acusado de cobrar mensalinho de empresário e ameaçado de ser cassado, Severino Cavalcanti renuncia ao mandato parlamentar e à Presidência da Câmara dos Deputados.
- 22/09/2005 – A empresária de Brasília, Jeany Mary Corner, acusada de aliciar garotas de programa para festa com integrantes do governo, presta depoimento à Polícia Federal e confirma que organizava eventos para políticos.
- 27/09/2005 – Denunciado de quebra de decoro parlamentar, Dirceu presta depoimento ao Conselho de Ética da Câmara.
- 28/09/2005 – Fora da pasta de Relações Institucionais (cujo gabinete está localizado no Palácio do Planalto), Aldo Rebelo (PCdoB-SP) disputa e vence a eleição para presidir a Câmara, substituindo Severino Cavalcanti (PP-PE).
- 28/09/2005 – Em cerimônia com a presença do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, Lula

diz que o país vizinho (Venezuela) tem “democracia em excesso”.

- 02/10/2005 – Em entrevista à “Folha de S. Paulo”, Sílvio Pereira diz que outros integrantes do PT sabiam sobre o esquema de “caixa 2”.
- 03/10/2005 – O secretário internacional do PT, Valter Pomar, ironiza Sílvio Pereira.
- 04/10/2005 – Policiais federais viajam para Nova Iorque, nos Estados Unidos, para reunir documentos sobre evasão de divisas.
- 05/10/2005 – CPI dos Bingos faz acareação com envolvidos em irregularidades e suspeitos do mensalão.
- 06/10/2005 – Irmão de Celso Daniel diz que o chefe de gabinete do presidente da República, Gilberto Carvalho, sabia de irregularidades na Prefeitura de Santo André (SP).
- 10/10/2005 – Em discurso durante solenidade no Palácio do Planalto, o presidente Lula reclama de “quem torce contra” o governo. Não cita nomes nem partidos.
- 12/10/2005 – É encontrado o corpo do médico legista Carlos Printes, que fez o exame em Celso Daniel. Ele é a 7ª pessoa relacionada ao caso que morre. A polícia suspeita de suicídio ou homicídio.
- 17/10/2005 – Acusados de envolvimento com o mensalão, os deputados José Borba (PMDB-PR) e o Paulo Rocha (PT-PA) renunciam aos mandatos e escapam da cassação.
- 18/10/2005 – Acusados de envolvimento com o mensalão, os deputados José Borba (PMDB-PR) e o Paulo Rocha (PT-PA) renunciam aos mandatos e escapam da cassação.
- 18/10/2005 – O deputado Júlio Delgado (PSB-MG), apesar de pertencer à base aliada do governo, apresenta relatório favorável à cassação de Dirceu no Conselho de Ética da Câmara.
- 18/10/2005 – O ministro do Trabalho Luiz Marinho diz que o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), “sente saudades” de (Adolf) Hitler.
- 22/10/2005 – Delúbio é expulso do PT por decisão do Conselho de Ética da legenda.

- 25/10/2005 – Surgem cartazes apócrifos difamando Bornhausen e associando-o a Adolf Hitler.
- 25/10/2005 – O juiz afastado João Carlos da Rocha Mattos diz à CPI dos Correios que não houve interesse das autoridades na investigação sobre a morte de Celso Daniel.
- 26/10/2005 – O petista Avel de Alencar assume ser o autor dos cartazes apócrifos contra Bornhausen e associando-o a Hitler, mas nega orientação do comando nacional do PT.
- 27/10/2005 – CPI do Mensalão faz acareação de Delúbio com Valdemar Costa Neto e Simone Vasconcelos, ex-diretora da SPM&B (empresa de Marcos Valério).
- 28/10/2005 – O procurador público Luciano Rolim protocola ação contra Dirceu por improbidade administrativa por suspeitas de que ele teria organizado estrutura especial para atender ao filho Zeca Dirceu, prefeito de Cruzeiro do Oeste (PR), no período de 2003 a 2004.
- 29/10/2005 – Surge a denúncia de que o governo de Cuba teria colaborado com o envio de dinheiro para a campanha de Lula. Segundo informações, o dinheiro teria sido transportado em caixas de bebidas em um avião de Brasília para Campinas.
- 31/10/2005 – O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio Netto (AM), diz que ele e sua família são investigados por um suposto ex-policia! do PT e estão sob ameaça.
- 01/11/2005 – O deputado Antonio Carlos Magalhães Neto (PFL-BA) diz que ele e outros integrantes da CPI dos Correios são espionados pela Agência Brasileira de Inteligência (ABIN).
- 01/11/2005 – Arthur Virgílio e a líder do PSOL no Senado, Heloisa Helena (AL), ameaçam “dar uma surra” em Lula.
- 01/11/2005 – Acusado negociar o mensalão, o líder do PL na Câmara, deputado Sandro Mabel, é absolvido no Conselho de Ética da Casa e chora.
- 03/11/2005 – Integrantes do Conselho de Ética denunciam que suspeitam que são alvos de escuta telefônica.
- 03/11/2005 – Relator da CPI dos Correios, deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR), anuncia parte de seu relatório.

- 07/11/2005 – Em entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura, Lula diz que nunca existiu mensalão.
- 09/11/2005 – Em depoimento à CPI do Mensalão, o ministro dos Transportes Anderson Adauto admite ter usado “caixa 2” e diz que recebeu dinheiro de Marcos Valério.
- 09/11/2005 – Assessoria de Lula confirma que ele assistiu ao DVD pirata “Dois Filhos de Francisco”.
- 10/11/2005 – O advogado Rogério Buratti, que trabalhou para Palocci na Prefeitura de Ribeirão Preto, depõe na CPI dos Bingos.
- 10/11/2005 – Governo monta esquema para evitar prorrogação dos trabalhos da CPI dos Correios. Segundo informações, a promessa era de liberar R\$ 1,2 bilhão em verbas para deputados e senadores.
- 11/11/2005 – Vladimir Poletto, ex-assessor de Ribeirão Preto, depõe na CPI dos Bingos sobre denúncia que trata de tráfico de influência de Palocci.
- 16/11/2005 – Em cerimônia pública, Lula elogia o momento econômico, mas evita citar Palocci.
- 16/11/2005 – O ministro Palocci vai à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal (CAE) do Senado para prestar esclarecimentos sobre questões econômicas, mas não trata das denúncias que o envolvem.
- 17/11/2005 – A CPI do Mensalão acaba, mas não aprova relatório final.
- 17/11/2005 – O empresário Sérgio Gomes da Silva, o “Sombra”, principal suspeito de envolvimento no assassinato de Celso Daniel, presta depoimento da CPI dos Bingos.
- 21/11/2005 – No Conselho de Ética da Câmara, o deputado Roberto Brant (PFL-MG) nega envolvimento com o mensalão.
- 22/11/2005 – No Conselho de Ética da Câmara, o presidente nacional do PP, Pedro Corrêa (PE), alega que jamais recebeu mensalão, apesar da denúncia de ter recebido R\$ 700 mil.
- 22/11/2005 – O presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Micro Empresas

(SEBRAE), Paulo Okamoto, tenta explicar que pagou de forma lícita as contas de Lula.

- 24/11/2005 – Em depoimento no Conselho de Ética da Câmara, o deputado João Paulo Cunha (PT-SP) confirma ter usado R\$ 50 mil de empréstimos do empresário Marcos Valério.
- 24/11/2005 – Lula elogia Palocci e o compara ao jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho.
- 24/11/2005 – O senador José Sarney (PMDB-AP), aliado do governo, faz campanha ao conversar com parlamentares para evitar a cassação de Dirceu.
- 26/11/2005 – Clarissa Matheus, filha do ex-governador Anthony Garotinho (Rio de Janeiro), organiza um protesto no Rio e reúne 2 mil pessoas contra a corrupção e tem Lula como alvo.
- 26/11/2005 – CPI dos Bingos ouvem testemunhas sobre o caso do assassinato de Celso Daniel, prefeito de Santo André (SP).
- 29/11/2005 – Inconformado com as denúncias de corrupção, um aposentado em Brasília, agrediu o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu com bengaladas.
- 30/11/2005 – STF autoriza suspensão do depoimento da presidente do Banco Rural, Kátia Rabello.
- 30/11/2005 – Conselho de Ética aprova recomendação para cassar o deputado José Dirceu.
- 01/12/2005 – Câmara aprova a cassação do deputado José Dirceu com um placar de 293 votos favoráveis e 192 contrários.
- 01/12/2005 – O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) condena Lula a pagar multa de R\$ 30 mil por propaganda eleitoral antecipada.
- 01/12/2005 – O deputado João Magno (PT-MG) presta depoimento ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados e diz que nunca recebeu mensalão.
- 01/12/2005 – A Polícia Federal disponibiliza informações que mostram que 80 mil notas apresentadas pelo empresário Marcos Valério são “frias”.

- 04/12/2005 – O comando do PT é acusado de fazer um depósito de R\$ 1 milhão para a empresa Companhia de Tecidos do Norte de Minas (COTEMINAS), que pertence a familiares do vice-presidente da República, José Alencar.
- 06/12/2005 – Na CPI dos Bingos, a jornalista Mara Gabrilli diz ter informado o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre suspeitas de irregularidades envolvendo a Prefeitura de Santo André (SP).
- 01/01/2006 – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva concede entrevista de 34 minutos ao programa “Fantástico”, da Rede Globo, mas não explica o escândalo.
- 03/01/2006 – O deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR), relator da CPI dos Correios, adverte sobre a possibilidade de estar sendo negociado um “acordão” por integrantes da base aliada para evitar a cassação dos envolvidos no escândalo do mensalão.
- 04/01/2006 – O presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB-SP), diz que não acredita em “acordão” para evitar cassações.
- 06/01/2006 – O ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares, que recebia aposentadoria como professor da rede pública estadual de Goiás, é exonerado por não ter renovado a licença.
- 06/01/2006 – O Tribunal de Contas da União (TCU) informa que encontrou irregularidades em contratos de informática do Banco do Brasil.
- 07/01/2006 – É denunciada nova conta bancária secreta do publicitário Duda Mendonça, responsável pela campanha eleitoral vitoriosa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (de 2001).
- 14/01/2006 – O publicitário Duda Mendonça, que fez a campanha eleitoral vitoriosa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (de 2001), é acusado pelo Ministério Público Federal de desviar recursos públicos.
- 15/01/2006 – Laércio Pedroso, ex-gerente financeiro da usina hidrelétrica de Itaipu Binacional, denuncia que havia US\$ 2 bilhões de “caixa 2” na estatal.
- 26/01/2006 – Santana Filho, suposto auxiliar do publicitário Duda Mendonça (responsável pela campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva), é denunciado de remeter US\$ 528 mil para o exterior.

- 13/02/2006 – Em festa na sede do clube dos funcionários do Banco do Brasil em Brasília, a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), petistas comemoraram 26 anos de fundação do PT. Alguns dos denunciados de envolvimento com o mensalão participaram da festa. Os convites custaram entre R\$ 200 a R\$ 5 mil.
- 14/02/2006 – Partidos de oposição criticam com veemência a festa, dos 26 anos, realizada pelo comando do PT em Brasília.
- 16/02/2006 – Conselho de Ética da Câmara dos Deputados aprova a recomendação de cassação do deputado João Magno (PT-MG) com um placar de: 10 votos favoráveis e 3 contrários.
- 21/02/2006 – O empresário Antônio Setti Braga, da área de transportes, diz que era obrigado a pagar quantias mensais à Prefeitura de Santo André (SP) durante a gestão de Celso Daniel, o que caracterizaria propina.
- 22/02/2006 – A Polícia Federal indicia Jacinto Lamas, ex-tesoureiro do PL, acusado de lavagem de dinheiro com saques que totalizaram R\$ 1,6 milhão nas contas do empresário Marcos Valério, que teria dado seu consentimento.
- 24/02/2006 – A Câmara concede aposentadoria ao deputado José Borba (PMDB-PR), que havia renunciado ao mandato depois de ser envolvido no escândalo, por ter supostamente sido beneficiado com o repasse total de R\$ 1,1 milhão.
- 02/03/2006 – As CPIs dos Correios e dos Bingos descobrem a existência de 161 ligações telefônicas do presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, para vários dos investigados por suposto envolvimento com o escândalo.
- 03/03/2006 – É publicada informação que o apresentador Carlos Massa, o Ratinho, cujo programa popular que levava seu nome ia ao ar na Rede Record, teria sido beneficiado com o repasse de R\$ 5 milhões para fazer menções elogiosas ao presidente da República e a primeira-dama.
- 06/03/2006 – O delegado de Ribeirão Preto (SP) Benedito Antônio Valencise denuncia que há indícios de envolvimento do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, no esquema de irregularidades em licitações para limpeza urbana do município.

- 08/03/2006 – Denunciados de envolvimento com o escândalo do mensalão, os deputados Roberto Brant (PFL-MG) e Professor Luizinho (PT-SP) são absolvidos pelo Conselho de Ética da Câmara.
- 08/03/2006 – O motorista do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, confirma à imprensa que em várias ocasiões levou o patrão à mansão onde eram realizadas festas, no bairro do Lago Sul (área nobre de Brasília).
- 08/03/2006 – Secretamente, funcionários da Prefeitura de Ribeirão Preto (SP) prestam depoimento à CPI dos Bingos e confirmam a existência de esquema de fraudes em licitações públicas no município.
- 10/03/2006 – Conselho de Ética da Câmara dos Deputados entra em crise após absolvição dos deputados Roberto Brant (PFL-MG) e Professor Luizinho (PT-SP), denunciados de envolvimento no esquema do mensalão.
- 14/03/2006 – Francenildo Santos Costa, caseiro da mansão alugada no Lago Sul de Brasília para a realização de festas, conta em entrevistas à imprensa que o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, era chamado de “chefe” e que, normalmente, chegava ao local em um veículo da marca Peugeot. O caseiro detalha a existência de orgias no local.
- 14/03/2006 – No mesmo dia, à imprensa, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, desmente as informações do caseiro Francenildo Costa.
- 15/03/2006 – Em votação no plenário, a Câmara aprova os processos de cassação dos deputados Pedro Henry (PP-PR) e Pedro Corrêa (PP-PE), denunciados de envolvimento no escândalo do mensalão.
- 16/03/2006 – O caseiro Francenildo Santos Costa presta depoimento à CPI dos Bingos e confirma o que disse anteriormente sobre o ministro da Fazenda, Antonio Palocci – que ele freqüentava festas em uma mansão em Brasília e era chamado de “chefe” por empresários e políticos.
- 17/03/2006 – É divulgado, na imprensa, o extrato bancário do caseiro Francenildo Costa, informando que ele seria dono de uma conta de R\$ 38.860,00. O caso vira escândalo, pois para a divulgação do dado houve quebra de sigilo bancário, sem consentimento, do caseiro. Francenildo diz que recebeu o dinheiro do pai

biólogo, um empresário nordestino.

- 23/03/2006 – No plenário da Câmara dos Deputados, o deputado João Magno (PT-MG) é absolvido no processo de cassação de mandato. A votação ocorre já de madrugada.
- 24/03/2006 – Na madrugada, no plenário da Câmara, câmeras de TV flagram a deputada Ângela Guadagnin (PT-SP) comemorando a absolvição do colega João Magno (PT-MG) e dançando. A comemoração ganhou o apelido na imprensa de a “dança da pizza”. A deputada pede desculpas pelo excesso, mas, depois, é punida com a advertência verbal em plenário e também com sua saída do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados e da CPI dos Bingos.

- 27/03/2006 – O presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), Jorge Mattoso, é suspeito de ter colaborado para a quebra de sigilo bancário de Francenildo Costa, o caseiro que denunciou o ministro Antonio Palocci. Mattoso informa, via imprensa, estar disposto a prestar esclarecimentos sobre o caso. Ele assume sozinho a responsabilidade pelo episódio.
- 27/03/2006 – Alvo de críticas e suspeitas, principalmente, depois da quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, pede demissão do cargo.
- 28/03/2006 – O presidente Lula nomeia Guido Mantega, que ocupava a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para o cargo de ministro da Fazenda. Mantega assume imediatamente.
- 29/03/2006 – É apresentado o relatório da CPI dos Correios confirmando a existência do mensalão e sugerindo 100 indiciamentos.
- 02/04/2006 – O ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, nega que houve lentidão por parte da Polícia Federal para investigar a responsabilidade sobre a quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.
- 02/04/2006 – Ministério Público abre inquérito para investigar denúncias de responsabilidade envolvendo o ex-ministro Antonio Palocci, o ex-presidente da CEF Jorge Mattoso e o jornalista Marcelo Netto, assessor de Palocci no governo. Eles são acusados de envolvimento na quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.
- 04/04/2006 – O caseiro Francenildo Costa, que contou em detalhes a participação do ex-ministro Antonio Palocci em festas e teve seu sigilo bancário quebrado, presta depoimento a Polícia Federal.
- 04/04/2006 – Em depoimento à Polícia Federal, o ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci nega as acusações de quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa e também as demais denúncias de fraudes em licitações na Prefeitura de Ribeirão Preto (SP).
- 10/04/2006 – Acusado de ser cúmplice do ex-colega de governo Antonio Palocci na quebra de

sigilo bancário do caseiro, o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, nega as denúncias.

- 11/04/2006 – O procurador-geral da República, Antônio Fernando de Souza, diz na imprensa que há 40 envolvidos no escândalo do mensalão e os chama de “organização criminosa”.
- 13/04/2006 – O ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci é indiciado em mais dois crimes - quebra de sigilo e denúncia caluniosa - em decorrência das acusações sobre o caso do caseiro. Anteriormente, ele havia sido denunciado por prevaricação.
- 14/04/2006 – O relatório, elaborado pelo Ministério Público, aponta mais quatro envolvidos no esquema de irregularidades do mensalão.
- 17/04/2006 – A defesa do caseiro Francenildo Santos Costa recorre à Justiça para que ele seja indenizado em R\$ 21 milhões.
- 17/04/2006 – Integrantes do PFL, partido de oposição ao governo federal, pedem o *impeachment* do presidente Lula.
- 19/04/2006 – Polícia Federal revela que o ex-ministro Antonio Palocci é o responsável pela quebra indevida do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.
- 19/04/2006 – É colocada para alocação a mansão, no Lago Sul (bairro nobre de Brasília), onde eram realizadas as festas com garotas de programa e negociadas, segundo a imprensa e o caseiro Francenildo Costa.
- 25/04/2006 – O doleiro Richard Waterloo acusa o deputado José Mentor (PT-SP) de receber suborno pago por ele.
- 25/04/2006 – O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), arquiva o pedido de abertura de CPI para investigar a família do presidente da República e o presidente do SEBRAE, Paulo Okamoto.
- 25/04/2006 – O presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB-SP), anuncia em plenário a punição de censura verbal contra a deputada Ângela Guadagnin (PT-SP) que dançou em comemoração à absolvição de um colega petista envolvido no

mensalão.

- 25/04/2006 – Durante visita do colega argentino, Nestor Kirshner, o presidente Lula se irrita com jornalistas ao ser questionado sobre as denúncias que tratam da quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.
- 27/04/2006 – A ministra Ellen Gracie assume a Presidência do STF. É a primeira mulher a ocupar o posto. No discurso da posse, ela diz que o “papel da Justiça é responder ao povo”.
- 28/04/2006 – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva concede entrevista coletiva e trata do mensalão e temas correlatos.
- 28/04/2006 – O presidente Lula participa da 13ª Convenção do PT, na qual o ex-ministro José Dirceu também está presente e é aplaudido.
- 04/05/2006 – O Conselho de Ética da Câmara dos Deputados absolve o deputado Josias Gomes (PT-BA) no processo de cassação por suposto envolvimento com o mensalão.
- 07/05/2006 – O jornal “O Globo” publica entrevista na qual o ex-secretário do PT Sílvio Pereira afirma que o empresário Marcos Valério e dirigentes petistas queriam arrecadar R\$ 1 bilhão.
- 07/05/2006 – A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) rejeita por 27 votos a 9 o pedido de *impeachment* encaminhado contra o presidente Lula.
- 07/05/2006 – O ex-secretário do PT Sílvio Pereira recorre à Justiça, alegando problemas emocionais, para não depor na CPI dos Bingos
- 10/05/2006 – Por mais de seis horas, o ex-secretário do PT, Sílvio Pereira, presta depoimento na CPI dos Bingos.
- 10/05/2006 – Em Belo Horizonte (MG), o ex-ministro José Dirceu é vaiado e xingado de “ladrão” por universitários.
- 10/05/2006 – O STF manda suspender a publicação do “Jornal da CUT (Central Única dos Trabalhadores)” por ter atacado o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB).

- 13/05/2006 – O banqueiro Daniel Dantas, ex-dirigente do Opportunity, acusa o presidente Lula e ministros de terem contas no exterior.
- 23/05/2006 – O ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares presta depoimento na CPI dos Bingos, pela quarta vez, por quatro horas.
- 29/05/2006 – À imprensa, o ex-presidente da CEF (Caixa Econômica Federal) Jorge Mattoso assume sozinho a responsabilidade por quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.
- 01/06/2006 – Em Manaus (AM), o presidente Lula ataca e desafia os partidos de oposição, que acirraram as críticas contra ele e o governo.
- 02/06/2006 – Governador de Minas Gerais, Aécio Neves (PSDB), que cultivava bom relacionamento com o presidente da República apesar de ser de oposição, afirma que Lula “está com os pés fora do chão” em uma resposta às críticas que fez aos oposicionistas.
- 12/07/2006 – Um ano depois de alardear a existência do mensalão, o ex-deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) dá entrevista à “Folha de S. Paulo” e lança sua filha Cristiane Brasil, vereadora no Rio de Janeiro, como sua sucessora política na esfera nacional.

2.2 Cronologia Seleccionada

Em um ano do escândalo do “mensalão”, os jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo” publicaram uma quantidade muito próxima, no total de notícias, com o conteúdo em tom de humor sobre o episódio. Porém, antes de se realizar a seleção para a pesquisa, foi feita uma cronologia, seleccionada com base nas notícias em que o humor – independentemente dos diferentes estilos – prevalecia.

No jornal paulista, foram identificadas 33 matérias, enquanto no veículo do Rio foram localizadas 36. Muitas tratam do mesmo assunto, como é o caso do assessor petista flagrado com dólares na cueca e o olho roxo de Jefferson ao depor na Câmara dos Deputados, por exemplo. Porém, ao final, para análise específica, foram escolhidas 11 reportagens: seis da “Folha de S. Paulo” e cinco de “O Globo”.

A seleção das 11 matérias jornalísticas, utilizadas para análise específica, foi realizada a partir da cronologia pré-seleccionada com base no critério de repercussão do fato nos dias posteriores à publicação da notícia. Para a pesquisadora, as reportagens escolhidas para a análise são as que

podem ser consideradas as mais emblemáticas do escândalo do “mensalão”.⁵² A seguir, a cronologia pré-selecionada:

- 14/06/2005 – Jefferson presta depoimento, com gestos teatrais, ao Conselho de Ética da Câmara.

- 30/06/2005 – Com o olho roxo, Jefferson depõe na CPI dos Correios.

- 02/07/2005 – O assessor petista José Adalberto da Silva Vieira é flagrado com R\$ 200 mil na mala e mais US\$ 100 mil colocados ao corpo dentro da cueca.

- 15/07/2005 – Lula dá entrevista exclusiva à Rede Globo, na França.

- 20/07/2005 – É instalada a CPI do Mensalão no Congresso Nacional.

- 20/07/2005 – A socialite Maria Christina Mendes Caldeira depõe no Conselho de Ética da Câmara, faz escândalo, cena e teatro para dizer que “viu malas de dinheiro” no período em que era casada com o deputado Valdemar Costa Neto (PL-SP), presidente nacional do PL.

⁵²Nota: Ver capítulo 5 que trata de análises específicas nesta pesquisa

- 22/07/2005 – Durante solenidade no Rio de Janeiro, Lula diz que está “para nascer quem venha querer discutir ética” com ele.
- 25/07/2005 – Lula homenageia faxineiro do aeroporto de Brasília que devolveu US\$ 10 mil que achou em banheiro público.
- 02/08/2005 – Jefferson presta novo depoimento na CPI dos Correios.
- 04/08/2005 – Em depoimento à CPI dos Correios, Jefferson faz ironia com Valdemar Costa Neto.
- 08/08/2005 – Em depoimento à CPI dos Correios, o publicitário Duda Mendonça, que fez a campanha vitoriosa do presidente Lula, chora ao lembrar de sua origem humilde.
- 08/08/2005 – Ricardo Machado, ex-sócio de Marcos Valério, diz em depoimento à Polícia Federal, que organizava festas com prostitutas e bebidas em Brasília para políticos ligados ao governo.
- 11/08/2005 – Duda Mendonça depõe espontaneamente na CPI dos Correios e acusa vários dos dirigentes petistas.
- 11/08/2005 – Lula vai à TV e ao rádio, em cadeia nacional, para dizer que foi “traído”, mas não revela nomes nem detalhes.
- 17/08/2005 – A executiva nacional do PT torna público o pedido de desculpas.
- 18/08/2005 – O esquadrão da polícia anti-bombas do Distrito Federal explode uma bolsa, que estava no Congresso Nacional, sob suspeita de conter uma bomba. Era alarme falso.
- 24/08/2005 – Palocci faz pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV rebatendo acusações de Buratti de receber pagamentos mensais (irregulares) de esquema fraudulento da Prefeitura de Ribeirão Preto.
- 24/08/2005 – A Polícia Federal prende Francisco Antonio Cadenas Collazzos, das FARC, que disse que doação de US\$ 5 milhões era para a campanha de Lula.

- 24/08/2005 – Lula fala que não repetirá (trajetórias políticas de) Getúlio Vargas, Jânio Quadros ou João Goulart (Jango), mas de Juscelino Kubitschek (JK).
- 04/09/2005 – O empresário Sebastião Buani denuncia que é submetido a um esquema de pagamento de “mensalinho” por Severino Cavalcanti que o pressiona a pagar regularmente quantias em dinheiro para manter restaurantes e lanchonetes na Câmara dos Deputados.
- 14/09/2005 – Câmara dos Deputados aprova processo de cassação de Jefferson com um placar de: 313 votos favoráveis, 156 contrários, 13 abstenções, 5 brancos e 2 nulos.
- 15/09/2005 – Em entrevista coletiva, já cassado, Jefferson faz ironias, canta e demonstra estar tranqüilo.
- 21/09/2005 – Acusado de cobrar mensalinho de empresário e ameaçado de ser cassado, Severino Cavalcanti renuncia ao mandato parlamentar e à Presidência da Câmara.
- 22/09/2005 – A empresária de Brasília, Jeany Mary Corner, acusada de aliciar garotas de programa para festa com integrantes do governo, presta depoimento à Polícia Federal e confirma que organizava eventos para políticos.
- 27/09/2005 – Denunciado de quebra de decoro parlamentar, Dirceu presta depoimento ao Conselho de Ética da Câmara.
- 03/10/2005 – O secretário internacional do PT, Valter Pomar, ironiza Sílvio Pereira.
- 10/10/2005 – Em discurso durante solenidade no Palácio do Planalto, o presidente Lula reclama de “quem torce contra” o governo. Não cita nomes nem partidos.
- 20/10/2005 – O ministro do Trabalho, Luiz Marinho, diz que o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), “sente saudades” de (Adolf) Hitler.
- 29/10/2005 – Surge a denúncia de que o governo de Cuba teria colaborado com o envio de dinheiro para a campanha de Lula. Segundo informações, o dinheiro teria sido transportado em caixas de bebidas em um avião de Brasília para Campinas.
- 01/11/2005 – Arthur Virgílio e a líder do PSOL no Senado, Heloisa Helena (AL), ameaçam “dar uma surra” em Lula.

- 01/11/2005 – Acusado negociar o mensalão, o líder do PL na Câmara dos Deputados, Sandro Mabel, é absolvido no Conselho de Ética da Casa e chora.
- 07/11/2005 – Em entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura, Lula diz que nunca existiu mensalão.
- 09/11/2005 – Assessoria de Lula confirma que ele assistiu ao DVD pirata “Dois Filhos de Francisco”.
- 24/11/2005 – Lula elogia Palocci e o compara ao jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho.
- 29/11/2005 – Inconformado com as denúncias de corrupção, um aposentado em Brasília agrediu o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu com bengaladas.
- 13/02/2006 – Em festa na sede do clube dos funcionários do Banco do Brasil em Brasília, a AABB, petistas comemoraram 26 anos de fundação do PT. Alguns dos denunciados de envolvimento com o mensalão participaram da festa. Os convites custaram entre R\$ 200 a R\$ 5 mil.
- 14/02/2006 – Francenildo Santos Costa, caseiro da mansão alugada no Lago Sul de Brasília para a realização de festas, conta em entrevistas à imprensa que o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, era chamado de “chefe” e, normalmente, chegava ao local em um veículo da marca Peugeot. O caseiro detalha a existência de orgias no local.
- 16/03/2006 – O caseiro Francenildo Santos Costa presta depoimento à CPI dos Bingos e confirma o que disse anteriormente sobre o ministro da Fazenda, Antonio Palocci – que ele freqüentava festas em uma mansão em Brasília e era chamado de “chefe” por empresários e políticos.
- 24/03/2006 – Na madrugada, no plenário da Câmara dos Deputados, câmeras de TV flagram a deputada Ângela Guadagnin (PT-SP) comemorando a absolvição do colega João Magno (PT-MG) e dançando. A comemoração ganhou o apelido na imprensa de a “dança da pizza”. A deputada pede desculpas pelo excesso. Mas, depois, é punida com a advertência verbal em plenário e também com sua saída do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados e da CPI dos Bingos.
- 19/04/2006 – É colocada para alocação a mansão, no Lago Sul, onde eram realizadas as festas com garotas de programa e negociadas, segundo a imprensa e o caseiro Francenildo Costa.

- 25/04/2006 – Durante visita do colega argentino, Nestor Kirshner, o presidente Lula se irrita com jornalistas ao ser questionado sobre as denúncias que tratam da quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.
- 10/05/2006 – Em Belo Horizonte (MG), o ex-ministro José Dirceu é vaiado e xingado de “ladrão” por universitários.

2.3 Legendas

O escândalo do “mensalão” envolveu políticos dos mais diferentes partidos, embora a legenda mais citada seja a do Partido dos Trabalhadores (PT), sigla a qual pertencem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e vários dos acusados. O noticiário político também destacou informações relacionadas ao principal denunciante do processo: o ex-deputado Roberto Jefferson, então presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

O presidente Lula foi eleito com apoio de uma ampla base de sustentação política, que reuniu além do PT, o PCdoB, PDT, PL, PMDB, PP, PRB, PSB e PV, além do PTC e outros partidos menores.

A oposição ao governo da gestão Lula foi liderada pelo PSDB, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, e o PFL cuja principal liderança, com base no número de notícias publicadas ao longo de um ano de mensalão foi ex-presidente da legenda, o ex-senador Jorge Bornhausen (PFL-SC).

A seguir, as legendas mencionadas no noticiário político do mensalão, em ordem alfabética:

DEM – Democratas, antigo PFL (Partido da Frente Liberal)

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PFL – Partido da Frente Liberal que se transformou em DEM

PL – Partido Liberal que depois se uniu ao PP e virou PR

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PPS – Partido Popular Socialista

PR – Partido Renovador

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PSB – Partido Social Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PSOL – Legenda que surgiu a partir da idéia de um grupo de dissidentes do PT, Partido

PV – Partido Verde

2.4 Personagens

O escândalo do “mensalão” envolveu uma série de personagens que devem ser observadas como principais - aquelas que monopolizaram as notícias e promoveram informações direta ou diretamente -, secundárias - que se envolveram nos fatos jornalísticos, mas não dominaram o noticiário - e coadjuvantes - que se destacaram nas notícias políticas, sem no entanto, serem as principais personagens. Independentemente de suas participações no episódio, as personagens foram citadas em diferentes momentos nas matérias analisadas, daí a necessidade de saber quem são e o porquê de serem mencionadas. Em ordem alfabética foram relacionadas as personagens do escândalo e uma breve biografia de cada uma delas.

A seguir, as personagens do “mensalão”:

Anderson Adauto Pereira:

Ex-ministro dos Transportes, mas foi eleito deputado federal (PL-MG) e acusado de ter sido beneficiado pelo mensalão. Foi denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Antonio Palocci:

Ex-ministro da Fazenda e deputado federal (PT-SP), foi acusado de quebrar o sigilo bancário do caseiro Francenildo Santos Costa que o denunciou de participar de festas em Brasília. Também foi denunciado de saber de irregularidades em licitações no período em que era prefeito de Ribeirão Preto (SP). Foi denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Delcídio Amaral:

Senador do PT (MS), é o presidente da CPI dos Correios, responsável pelas primeiras investigações sobre o escândalo.

Delúbio Soares Castro:

Ex-tesoureiro nacional do PT, perdeu o cargo, foi denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Duda Mendonça (José Eduardo Cavalcanti de Mendonça):

Publicitário responsável pela campanha política eleitoral e vitoriosa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Espontaneamente, ele denunciou o esquema do mensalão. Foi acusado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Fernanda Karina Ramos Somaggio:

Secretária do empresário Marcos Valério, na agência SMP&B. Ela denunciou irregularidades envolvendo integrantes do governo. Sua agenda foi apontada como um tesouro. Lançou-se candidata a deputada federal pelo PMDB de Minas Gerais e acabou derrotada.

Francenildo Santos Costa:

Caseiro de uma mansão no Lago Sul, onde eram realizadas festas regadas a bebidas, contando com a presença de garotas de programa e empresários. Acusou o ex-ministro Antonio Palocci e deputados federais de participação nestas festas. Teve o sigilo bancário quebrado e revelado que possuía um saldo elevado para suas funções.

Jeany Mary Corner:

Agenciadora de garotas de programa em Brasília, responsável por aliciar profissionais do sexo para as festas que eram realizadas em uma mansão no Lago Sul (bairro nobre de Brasília).

João Magno de Moura:

Deputado federal (PT-MG), que conseguiu ser absolvido no processo de cassação por envolvimento com o esquema do mensalão. Foi, contudo, denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

João Paulo Cunha:

Ex-presidente da Câmara e deputado federal (PT-SP), foi denunciado como um dos beneficiários do esquema do mensalão. Foi acusado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

José Adalberto da Silva:

Assessor parlamentar do deputado petista José Nobre Guimarães (PT/CE), que foi flagrado com R\$ 200 mil na mala e mais US\$ 100 mil juntos ao corpo dentro da cueca. Negou qualquer envolvimento com mensalão e afirmou ser o dinheiro com ele encontrado oriundo de produção agrícola. A polícia desconfiou da versão. O caso virou uma referência emblemática no escândalo e motivo de chacota.

José Dirceu da Silva:

Ex-ministro da Casa Civil e principal articulador político do governo. Perdeu o cargo em decorrência das acusações de envolvimento com o mensalão. Denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF. Acabou cassado pela Câmara dos Deputados.

José Genoio Neto:

Ex-presidente nacional do PT e ex-deputado federal, foi acusado Ministério Público e julgado pelo STF.

José Mohamed Janene:

Ex-líder do PP, o deputado federal (PR) conseguiu ser aposentado pela Câmara dos Deputados, apesar de ter sido acusado de envolvimento no mensalão.

José Rodrigues Borba:

Deputado federal (PP-PR), teve o nome envolvido no esquema, negou as denúncias, mas também foi submetido a processo de cassação. Foi acusado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Kátia Rabello:

Ex-dirigente do Banco Rural, instituição apontada como principal fornecedora de recursos provenientes do esquema supostamente conduzido pelo empresário Marcos Valério. Foi denunciada pelo Ministério Público e julgada pelo STF.

Luiz Gushiken:

Ex-ministro da Secretaria de Comunicação Estratégica, perdeu o cargo por suposto favorecimento ao esquema de irregularidades. Foi acusado Ministério Público e julgado pelo STF.

Henrique Pizzolatto:

Ex-dirigente do Banco do Brasil, acusado de ter sido favorecido pelo esquema do mensalão. Acabou deixando a instituição e foi alvo de denúncia no Ministério Público e julgamento no STF.

Luiz Inácio Lula da Silva:

Presidente da República Federativa do Brasil. Não foi citado pelo Ministério Público, porém, foi alvo de acusações e insinuações de vários dos envolvidos no escândalo.

Marcos Valério Fernandes de Souza:

Empresário do ramo de publicidade, acusado de ser o principal articulador financeiro do esquema de irregularidades do mensalão. Foi denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Marisa Letícia Lula da Silva:

Primeira-dama do Brasil, casada com o presidente Lula com quem teve três filhos homens. Não foi citada pelo Ministério Público, porém foi mencionada indiretamente e diretamente nas reportagens jornalísticas sobre o caso do Mensalão.

Osmar Serraglio:

Relator da CPI dos Correios, deputado federal (PMDB-PR), que revela em seu relatório a existência do mensalão e, ainda, encaminha os nomes dos denunciados para o Ministério Público.

Paulo Roberto Galvão Rocha:

Único deputado do PT que renunciou ao mandato para escapar do processo de cassação. Foi líder do partido e destituído do cargo depois de ter o nome envolvido no esquema do mensalão. Foi denunciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Pedro da Silva Corrêa de Oliveira:

Ex-líder do PP, partido apontado como um dos favorecidos pelo mensalão, foi submetido a processo de cassação e absolvido. Mas indiciado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Pedro Henry Neto:

Deputado federal (PP-PR), acusado de envolvimento com o esquema e absolvido pela Câmara dos Deputados. Foi alvo de denúncia no Ministério Público e julgamento pelo STF.

Professor Luizinho (Luiz Carlos da Silva):

Ex-líder do governo na Câmara e deputado pelo PT de São Paulo, foi submetido a processo de cassação e absolvido. Foi alvo de denúncia no Ministério Público e julgamento pelo STF.

Ricardo Machado:

Ex-sócio de Marcos Valério, afirmou em depoimento à Polícia Federal que organizava festas com prostitutas e bebidas em Brasília para políticos ligados ao governo.

Roberto Jefferson:

Era presidente nacional do PTB e deputado federal à época que eclodiu o escândalo do “mensalão”, aliado do governo federal, responsável pelas denúncias que desencadearam o maior escândalo da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foi ele quem cunhou o termo “mensalão”. Acabou cassado pela Câmara dos Deputados. Foi alvo de denúncia no Ministério Público e julgamento pelo STF.

Sebastião Buani:

O empresário do ramo de restaurantes em Brasília denunciou que foi submetido a um esquema de pagamento de “mensalinho” por Severino Cavalcanti, que o pressionava a pagar regularmente quantias em dinheiro para manter restaurantes e lanchonetes na Câmara dos Deputados.

Severino Cavalcanti:

Ex-presidente da Câmara, deputado (PP-PE), acabou renunciando ao cargo e ao mandato para escapar da cassação, após ser acusado de cobrar “mensalinho” do empresário Sebastião Buani. Aliado do governo, defendeu os acusados e negou a existência de mensalão.

Sílvio José Pereira:

Ex-secretário nacional do PT, acusado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Simone Reis Lobo de Vasconcelos:

Funcionária da empresa SPM&B, de propriedade de Marcos Valério, sendo responsável por vários repasses. Foi acusada pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

Valdemar Costa Neto:

Ex-presidente nacional do PL e deputado federal (SP), acusado de favorecimento com o esquema do mensalão, acabou renunciando ao mandato e escapando do processo de cassação. Foi acusado pelo Ministério Público e julgado pelo STF.

2.5 Dicionário do Mensalão

Por um ano, o noticiário político utilizou expressões próprias para caracterizar o escândalo do “mensalão”, assim como passou a aplicar termos comuns aos regimentos da Câmara dos Deputados e do Senado Federal nas reportagens diárias. O senso comum, aplicado no universo político, foi tirado dos ambientes fechados e levado a público, quando expressões, como “acordão” e “caixa dois” foram incluídos no vocabulário do cidadão, que se informava via imprensa.

Para compreender essa espécie de linguagem própria dos políticos incorporada pela imprensa, a pesquisadora incluiu este tópico que trata do dicionário do “mensalão”.

A seguir, algumas das principais expressões do mensalão:

Acordão

Expressão utilizada com frequência pelos políticos e pela imprensa para fazer referência a acordos (políticos) suspeitos.

Caixa dois ou caixa 2

Instrumento não-oficial que representa financiamentos não declarados pelos partidos políticos à Justiça Eleitoral. O termo, em geral, é associado a desvio de dinheiro público a empresas ou interesses privados.

Chefe

Aquele que exerce autoridade, dirige ou governa. Mas a expressão foi utilizada, em tom de deboche, por Roberto Jefferson, em várias ocasiões para se referir a José Dirceu e, mais adiante, ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

CPI

Comissão Parlamentar de Inquérito. É um organismo criado pelo Congresso com tempo determinado para funcionar com um único objetivo: investigar denúncias. Pelo regimento conjunto da Câmara e do Senado o correto seria Comissão Mista Parlamentar de Inquérito (CPMI), da qual participam deputados e senadores com o objetivo de investigar um determinado tema. O prazo de funcionamento de uma CPI costuma ser de 90 dias prorrogáveis por igual período.

Cueca ou cuecão

Peça íntima do vestuário masculino que, pela tradição, não deve ser revelada por motivos óbvios. A peça virou uma espécie de símbolo e referência do mensalão, depois que o assessor do irmão do então presidente nacional do PT José Genoíno foi flagrado com dólares escondidos dentro da cueca.

Dança da pizza ou dança da impunidade

Apelido com conotação pejorativa referente à comemoração feita pela deputada petista Ângela Guadagnin (SP), quando do anúncio da absolvição de seu colega de partido, João Magno (MG), em 23 de março de 2006.

Mensalão

A expressão ‘mensalão’ surgiu pela primeira vez nas declarações do deputado federal Roberto Jefferson para designar o suposto pagamento mensal feito por integrantes do governo para deputados da base aliada em troca de apoio de interesses do executivo. O significado da palavra foi ampliado e passou a designar pagamentos com uma certa regularidade para comprar deputados.

Mensalinho

É uma derivação do mensalão, mas que no caso do escândalo foi associada à denúncia do empresário de Brasília, Sebastião Buani, que disse ter sido pressionado com frequência pelo então presidente da Câmara Severino Cavalcanti (PP-PE) a pagar “mensalinho” – ou seja quantias de dinheiro – em troca da manutenção do direito de uso de espaços na Casa para seus restaurantes e lanchonetes.

Pizza

Espécie de gíria para designar que as denúncias feitas não serão apuradas nem os culpados vão ser punidos.

Propina

No Brasil, a palavra é lembrada no sentido pejorativo com o significado de “suborno” ou “pagamento feito a alguém para fazer algo geralmente ilegal ou anti-ético”, já em Portugal

é a quantia que se paga ao Estado em certas escolas e também pode representar a “gorjeta”.

Recursos não contabilizados

O mesmo que “caixa dois”. O termo passou a ser utilizado pelo tesoureiro do PT Delúbio Soares, um dos envolvidos no escândalo do mensalão.

Valerioduto

Aglutinação dos substantivos Valério + duto (ou valério + oleoduto), expressando o esquema de repasse de recursos financeiros operado pelo empresário Marcos Valério.

3 BASES TEÓRICAS

3.1 Os Mistérios do Riso

Por vezes, as notícias relativas ao “mensalão” publicadas na sisuda editoria de política da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo” provocaram risos soltos, em outras ocasiões reações mais contidas. Mas por que isso ocorria? Será comum ao homem sorrir mesmo quando o escândalo é político e envolve denúncias de corrupção e irregularidades de gestores públicos?

O humor pode ser compreendido como um meio estético, segundo Edgar Morin⁵³. Para Morin, em *Cultura de Massas no século XX*, é por meio dos espetáculos que seus conteúdos imaginários manifestam que se estabelece um consumo imaginário. E, a cultura de massa, a primeira cultura da história mundial, a ser também plenamente estética. Morin ressalta, ainda, que é por meio do estético que “há uma certa libertação psíquica em tudo o que é projeção, isto é, expulsão de fora de si daquilo que fermenta no interior obscuro de si”⁵⁴. Essa libertação pode ser o cômico e trágico, o riso e o choro. Neste trabalho será tratado do riso.

Segundo Morin⁵⁵, a libertação permitida por meio do estético que dá margem às projeções que também são associadas à identificação: o leitor ou espectador, ao mesmo tempo em que libera fora dele virtualidades psíquicas, fixando-as sobre os heróis em questão, identifica-se com personagens que, no entanto, lhe são estranhas, e se sente vivendo experiências que contudo não pratica.

No caso do escândalo do “mensalão”, essa análise de Morin pode ser compreendida perfeitamente, considerando as personagens – heróis e anti-heróis, protagonistas ou não.

De acordo com estudos de Georges Minois, o sorrir, gargalhar e divertir existe desde que o homem se percebeu. A explicação estaria na origem do mundo: o universo teria nascido de uma enorme gargalhada. Isso teria ocorrido porque Deus, o Único, foi acometido – não se sabe a razão – de uma crise de riso louco e a partir daí fez surgir a luz, a água, a matéria e o espírito. “Tudo” começou sem uma palavra, mas pelo riso, segundo relatos de um autor anônimo presente em um papiro alquímico, o Papiro de Leyde, do século III⁵⁶.

Para os gregos, o riso era o contato – até perigoso – com o divino. Era o momento em que alegria e tristeza se aproximavam. Por ser divino, o riso é inquietante. É o riso que marca a vida divina, tanto é que em várias estátuas de deuses, o sorriso está presente em suas faces. Os deuses

⁵³MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

⁵⁴MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

⁵⁵MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

⁵⁶MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

presentearam o homem com o riso, mas limitado, frágil; será que ele é capaz de controlar essa força que o ultrapassa?⁵⁷

O riso, nos mitos gregos, só é verdadeiramente alegre para os deuses. Para os homens, não há alegria pura: a morte está sempre por perto e essa intuição que contamina o riso humano – daí a impotência da alegria plena, como a permitida aos deuses. Tanto é que Aristóteles⁵⁸ buscava estudar a essência da comédia a partir da tragédia. Segundo ele, a comédia apresentava as “pessoas piores do que elas são”, uma vez que utiliza recursos como o exagero.

Para Aristóteles, a comédia, que é a síntese do espetáculo que leva ao riso, trata do risível e o risível são os “aspectos do vergonhoso, do feio ou do baixo”. De acordo com o filósofo grego, são especialmente risíveis os “moralmente inferiores, embora não os completamente depravados”. As definições de Aristóteles inspiraram outros pensadores, entre eles, o grupo dos retóricos.⁵⁹

Entre os retóricos, Cícero destaca que o risível é provocado por temas identificados com o ridículo que pode ser encontrado no comportamento repleto de vícios das pessoas, desde que “as pessoas em questão não sejam especialmente populares nem figuras de uma verdadeira tragédia”⁶⁰. Ou seja: o riso deve ser inspirado em personagens que se destaquem entre os populares e que não tenham relação direta com fatos caracterizados pela tragédia. Para Skinner, o riso “tem sua origem em coisas que são de algum modo deformadas ou indignas”⁶¹.

Para alguns pensadores gregos, o ideal seria estabelecer o “cárcere do riso”⁶². Segundo eles, era necessário desconfiar do riso, que deveria ser enjaulado, enfraquecido, supervisionado e regulamentado. Não se poderia deixar uma força dessas “livre e solta”, eles diziam. Os estóicos não deveriam rir e mostravam-se sensíveis à zombaria alheia. Para eles, o riso seria a marca da vulgaridade e do fracasso em transformar o mundo.

Os seguidores de Pitágoras também não deveriam rir; pois a lenda diz que seu mentor se tornou impassível, a partir de universo pessoal regido por números. Para Platão, o riso tem uma natureza malévola: que combina o bem e o mal, o prazer e a inveja. Na sua percepção, esse conjunto de reações é condenável.

Foram os gregos também que perceberam que havia um domínio no qual o riso deveria ser proibido: o político. Não se deveria zombar dos homens públicos já que o riso faria as pessoas perderem a lucidez e o controle de si mesmas – indispensáveis aos dirigentes.

Séculos depois, na França, conscientes da força do riso – e, portanto, do humor – os integrantes da Assembléia Nacional francesa, em 1789, proibiram o riso. A criação de um regulamento interno proibindo o riso, datado de 6 de junho de 1789, não durou 48 horas⁶³. A ordem foi

⁵⁷ MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

⁵⁸ PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

⁵⁹ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁶⁰ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁶¹ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁶² MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

⁶³ MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

desobedecida por um riso solto, provocado por um comentário irônico de um representante de Languedoc⁶⁴, e que acabou por contagiar os demais deputados que estavam ao lado do piadista.

A história mostra que a religião também tentou conter o riso e o humor, mas sem sucesso. O século XX adorou e queimou tudo, como afirma Georges Minois. Nada escapa (nem escapava) ao humor e à ironia – tabus, ídolos, valores, todos viram alvos. É por meio do humor que “se distendem os nervos do mundo, sem adormecê-los”, lembra o autor⁶⁵.

No entanto, Minois e outros pensadores afirmam que o riso foi objeto de estudo não apenas de filósofos, mas, sobretudo de médicos. Skinner destaca que o riso incontável incomodava, assim como o choro, reações consideradas excessivamente intensas a algum “movimento interior da alma”⁶⁶.

Sob a análise científica do riso, Demócrito concluiu que o hábito de cultivar o riso foi um remédio para sua saúde. Fazendo-se de si mesmo um constante espectador dos absurdos humanos, ele conseguiu superar seu mau humor rindo de tudo o que provasse seu desprezo. Isso não apenas melhorou seu fluxo de sangue, mas também tornando-o menos melancólico⁶⁷.

No século XVII, a análise médica sobre o riso, que tratava sobre a psicologia dos humores estabeleceu uma visão moralista a respeito da questão. Para Thomas Fuller, algumas zombarias não devem ser consideradas ilícitas, mas para isso não podem exceder “em qualidade, quantidade ou inoportunas”⁶⁸. Em um livro da época, denominado *Recomendações a uma Filha*, de Halifax, de 1688, a orientação para as moças de família era que o riso e o bom-humor em uma mulher envolve um “grave engano”⁶⁹.

No século XVIII, a orientação para os homens não era muito diferente, em *Cartas a Seu Filho*, de Earl of Philip Dormer Stanhope Chesterfield, de 1748, há uma recomendação clara de um pai: “Que muitas vezes possam te ver sorrir, mas que nunca possa te ouvir rir, por toda a tua vida”⁷⁰.

A contenção do riso é uma forma de limitar a crítica, uma vez que como constata Hobbes, está evidente que essa reação obtida a partir do rir é uma estratégia de enfrentar os sentimentos de inadequação e, portanto, de insatisfação. Apesar disso, o próprio Hobbes é um dos defensores do controle sobre o riso. Essa posição dele pode ser compreendida a partir do que o filósofo considera como o princípio básico de seu modo de entender a política: “buscar a paz e obedecê-la”⁷¹.

Ao preparar seu livro *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*, Quentin, em *Teoria clássica do riso de Hobbes*, conclui que: “o riso pode ser usado como arma potente em debates legais e políticos”. As reportagens, aqui analisadas nesta pesquisa, sustentam esse argumento.

⁶⁴ Nota: Região localizada no Sul da França.

⁶⁵ MINOIS, Georges. *Op. Cit.*

⁶⁶ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁶⁷ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁶⁸ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁶⁹ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁷⁰ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

⁷¹ SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

3.2 Tipos de Riso

O quê as narrativas repletas de humor provocam? O riso. Por mais simples que pareça ele pode ser classificado em, pelo menos, três categorias distintas: o riso mau, o bom e o alegre, segundo Henri Bergson⁷², que foi um dos primeiros a rechaçar a simplicidade da afirmação que existiria apenas um tipo de riso. De acordo com ele, o riso da zombaria é o mais freqüente.

Nos seus estudos, Bergson optou pelas três categorias – o riso mau, o riso bom e riso alegre –, escolha que foi seguida também por Propp⁷³. Com uma ressalva: Bergson resiste em acreditar na existência do riso, embora consiga encontrar uma definição para o que venha a ser essa reação.

Propp⁷⁴ e Bergson⁷⁵ afirmam que o riso maldoso está ligado a defeitos falsos e próximos ao riso cínico, a idéia é prender-se ao prazer pela desgraça alheia. Nele, os defeitos são aumentados, inflados, alimentando, assim, os sentimentos maldosos, ruins e de maledicência. Já o riso bom, os pequenos defeitos que embaçam os lados positivos e atraentes. Há, ainda, o riso alegre que pode se originar dos pretextos mais insignificantes – é o riso sem causa, como o sorriso do bebê ao nascer.

O humor está em toda parte. Mas adquire formas típicas, particulares a um povo, a uma nação, a um grupo religioso, profissional ou outro. Também há os diferentes estilos, como o humor inglês diverge do alemão, do americano, do judaico e do brasileiro. Para Luiz Gonzaga Motta⁷⁶, o humor também mantém uma relação direta com a cultura, portanto, para compreender certas ironias, chacotas e até zombarias é necessário compreender aquele universo retratado no texto para se envolver por inteiro com o humor.

Minois⁷⁷ ressalta que “o humor é universal e essa é uma de suas grandes qualidades”. Sem entrar nas nuances que diferenciam um humor de um determinado país a outro, ele afirma que o humor é o sexto sentido que não é menos útil do que os outros, mas lembra: há aqueles que não são dotados desse sentido.

Para entender o humor é fundamental buscar compreender o que é o cômico. Para Bergson, o cômico tem algo de acidental, que provoca uma reação inesperada e nasce quando a sociedade e o indivíduo se sentem como obras de arte.⁷⁸ Os filósofos idealistas como Schopenhauer, Hegel e Vischer associam o cômico a algo baixo, insignificante e infinitamente pequeno. Propp⁷⁹ destaca que para entender o humor é preciso criar a capacidade de perceber e dar vida ao cômico.

Mas que tipo de humor será trabalhado nesta pesquisa? O que pode ser encontrado nas notícias de jornal, publicadas ao longo de um ano de um dos maiores escândalos políticos do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva? Com base nos estudos de Bergson, Minois, Propp e Motta,

⁷²BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

⁷³PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

⁷⁴PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

⁷⁵BERGSON, Henri. *Op. Cit.*

⁷⁶MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006.

⁷⁷MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

⁷⁸BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

⁷⁹PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

buscou-se fechar as categorias de humor identificadas nas notícias de jornal a partir dos diferentes tipos de riso, utilizando o conjunto de definições desenvolvido por esses pensadores.

Ao analisar o *corpus* da pesquisa⁸⁰, as reportagens nas quais o humor era predominante durante o escândalo do “mensalão”, foi possível identificar as nuances que diferenciam o grotesco, o malogro, o ingênuo, o trocadilho, o sarcasmo, o paradoxo, a paródia, o escárnio, a zombaria, a sátira, o cáustico e a ironia, por ser fundamental compreender os sutis limites que separam cada um desses tipos de humor. A partir das definições e interpretações de Bergson, Minois, Propp e Motta foi elaborada uma espécie de glossário para entender esses tipos de humor.

O grotesco é quando o riso é provocado pelo ridículo a partir de características físicas da personagem em questão, como, a exemplo da reportagem intitulada “Petista despreza a opinião pública com celebração”, publicada na “Folha de S. Paulo”, em 25/03/2006, que trata da chamada “dança da pizza” na qual a deputada Ângela Guadagnin (PT-SP) foi flagrada dançando em comemoração à absolvição do processo de cassação de um colega de partido. O fato de a deputada ser acima do peso e fazer caretas, quando da “dança”, foi utilizado pelos narradores para narrar o acontecimento jogando com o grotesco.

Já no malogro, a linguagem utiliza causas externas para “brincar” com a personagem, por exemplo: a distração dos intelectuais com a aparência pode virar uma narrativa de humor, se a personagem principal fizer ao vestir uma combinação esdrúxula.

Propp trata do humor ingênuo, que faz surgir o riso fácil sem grandes provocações, quase pueril. Muitas vezes, o trocadilho e o paradoxo, que são próximos, utilizam-se, justamente, dessa ingenuidade identificada por Propp para provocar o humor, pois neles o predicado contradiz o sujeito, por exemplo: “Todos os inteligentes são tolos e apenas os tolos são inteligentes”.⁸¹

Muniz Sodré⁸² afirma que o grotesco é a categoria estética mais adequada para a apreensão do *ethos* da cultura de massa nacional. Segundo ele, o fabuloso, o berrante, o macabro e o demente, ou seja, tudo que à primeira vista se localizada em uma ordem fora da “normalidade” humana, pode ser encaixado na categoria do grotesco.

Sodré acrescenta, ainda, que pode ser incluído no grupo do grotesco o miserável, o estropiado em decorrência da sofisticação da sociedade de consumo por serem personagens apresentadas como espetáculo. “Estranheza que caracteriza o grotesco, coloca-o perto do cômico ou do caricatural, mas também do *kitsch*. O grotesco é o mundo distanciado, daí sua afinação com o estranho e o exótico”.

Na paródia, há uma imitação cômica da realidade quase burlesca de um fato. Já o escárnio e a zombaria podem ser analisados como sendo muito próximos, pois há um certo desdém com o que é narrado. Tanto o escárnio como a zombaria estão muito associados à cultura de cada região, daí sua tipicidade própria. Na sátira, há um tom picante e exagerado.

Já no cáustico, originário de Roma Antiga, indica a ligação direta com a sátira e com o cruel, sem perder a ironia. E, há, por fim a ironia que registra o contrário do que pensa.

⁸⁰ Nota: Detalhes sobre as análises empíricas do *corpus* no capítulo específico que trata do tema.

⁸¹ PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

José Luiz Braga⁸³ destaca que a sátira é uma categoria que tem o “máximo de eficiência”, uma vez que o humor serve aos artigos sérios porque aguça a percepção em busca de subentendidos. Além disso, a descoberta das implicações sérias dos artigos propõe um prazer lúdico próximo ao prazer do riso.

Braga lembra que há a sátira agressiva, o humor apaziguador e a afirmação do princípio do prazer, essas três notações do humor pasquiniano não são isoladas umas das outras. Ao contrário, elas se reforçam mutuamente⁸⁴.

3.3 O Humor no Noticiário Político

A publicação de reportagens em tom de humor e ironia, em meio ao sério noticiário político, surgiu da polêmica quando os responsáveis pela imprensa perceberam que seus argumentos estavam esgotados, segundo pesquisas de Isabel Lustosa⁸⁵. Essa tendência costuma se repetir até em episódios de denúncias e constrangimentos, como o caso do “mensalão”.

Juarez Bahia⁸⁶ trata sobre o que houve na primeira fase da imprensa brasileira – cujo período cronológico tem início com a circulação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, e vai até 1819, consolidando a protohistórica da imprensa nacional⁸⁷. De acordo com Bahia, a imprensa nacional esteve sujeita a circunstâncias pouco comuns nos países em que a revolução industrial se processava, como por exemplo, “a asfixia das liberdades” e a falta de estímulos à empresa do jornalismo. Segundo ele, gravadores, desenhistas, caricaturistas podem ser incluídos nesta fase do jornalismo.

José Luiz Braga⁸⁸ afirma, ainda, que o jornalismo atual é resultado de uma espécie de aprimoramento das técnicas de jornal – essencialmente voltadas para a produção de subentendidos (a implicação humorística) – tiveram que chegar a um nível de refinamento muito grande, em consequência da censura. Braga lembra que por causa da censura, uma vez que o regime não podia ser atacado diretamente, tratava-se de ridicularizar uma série de outros fatos sociais coerentes com a lógica do sistema: moral e costumes de classe média, problemas urbanos, atos de pessoas não diretamente protegidas pelas regras do sistema favoráveis a elas.

Segundo Braga, essa abordagem gerou a dupla implicação: a humorística ‘direta’, mais facilmente desvendável, para provocar o riso; e, atrás dela, as entrelinhas que, uma vez instituídas pelo leitor, provocam o riso de desforra e cumprem a tendência desnudadora e agressiva do humor pasquiniano⁸⁹.

⁸²SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. São Paulo: Vozes, 1975.

⁸³BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

⁸⁴BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

⁸⁵LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

⁸⁶BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ed. Martins, 1964.

⁸⁷SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1977.

⁸⁸BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

⁸⁹BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

Braga lembra, ainda, que há uma intensa interação entre o humor 'direto' e o 'indireto'. Para ele, um dos vínculos está associado a um objetivo: a contestação. Entre o riso e o sério há, então, processos paralelos, identidade nos alvos da crítica, e mesmo uma similaridade no prazer por intermédio da descoberta do implícito, da desforra e da cumplicidade. Com isso, a química entre o riso e o sério se completa.

Durante o escândalo do “mensalão” houve uma série de reportagens em tom de ironia, deboche e até sarcasmo no período, de pelo menos, um ano no qual o tema foi predominante na imprensa. A presença, confirmada nas análises empíricas contidas nesta pesquisa, inclui apenas as reportagens jornalísticas publicadas na editoria de política dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo”. Não houve análise sobre colunas políticas nem comentários ou crônicas. O objetivo era buscar respostas à pergunta da pesquisa a partir de análises das reportagens.

De acordo com José Marques de Melo⁹⁰, a feição eminentemente opinativa no jornalismo brasileiro, explicitando juízos de valor, buscando influenciar o público a que se dirige, está localizada no comentário, na coluna e na crônica. Ele lembra, ainda, que o editorial tem uma singularidade: estruturalmente, reproduz um modelo universal do discurso aristotélico: orienta-se não como bússola, mas como conversação.

Nesta pesquisa, o comentário, a coluna, a crônica e o editorial foram excluídos. Porém, o gênero opinativo implícito e sutil está presente nas reportagens selecionadas⁹¹.

É importante ressaltar que em cobertura jornalísticas relativas a escândalos, muitas vezes, estão presentes o sensacionalismo – que na definição de Danilo Agrimani é caracterizada pela “divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar e escandalizar. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos etc., com mesmo fim”⁹² – e o entretenimento. Tal tendência não ocorre apenas no Brasil, mas também nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, principalmente com publicações nos jornais tablóides sensacionalistas.⁹³

Nos Estados Unidos, um exemplo desse comportamento da mídia, que por pouco não provocou a saída do presidente norte-americano do cargo, foi a denúncia do chamado “escândalo sexual”. Um fato de foro íntimo do presidente democrata Bill Clinton, fruto de seu relacionamento amoroso com a estagiária Mônica Lewinsky e que recebeu projeção não apenas nacional, mas mundial, com direito a detalhes e minúcias com tom de ironia, deboche e gracejo. Nem por isso menos crítico e ácido.

A diferença é que no Brasil esse tipo de reportagem está presente nos jornais de circulação nacional, que não são formalmente sensacionalistas, e dão destaque normalmente para o noticiário que ganha o tom de “humorístico”.

⁹⁰MELO, José Marques de Melo. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis, 1985.

⁹¹Nota: *Detalhes sobre esse aspecto da pesquisa revelados no capítulo 5, que trata de análises empíricas.*

⁹²AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1994.

De acordo com Luiz Gonzaga Motta⁹⁴, que já realizou uma série de estudos sobre a reprodução dos mitos pela mídia, o que contribui também para alimentar essas publicações é a narrativa jornalística em forma de “estória” que colabora para acentuar na imaginação do leitor seus mitos, curiosidades e sonhos, ao invés de simplesmente relatar objetivamente os fatos.

Mauro Wolf, ao desenvolver estudos sobre *newsmaking*⁹⁵, chama de “noticiabilidade” os critérios fundamentais para um fato se tornar acontecimento e denomina seus componentes de “valores/notícia”. Segundo o autor, esses valores/notícia sugerem o que deve ser escolhido, omitido ou realçado nas rotinas dos profissionais das redações.

Compreendendo esse sentido, os fatos que envolvem curiosidades sobre o noticiário político, por exemplo, possuem elementos “naturais” para se transformarem em “acontecimentos jornalísticos”, como é possível verificar todos os dias nas publicações nacionais.

⁹³ GUERREIRO, Ana Gabriela. **A mídia e a ‘espetacularização’ da rotina do presidente Fernando Henrique Cardoso**. 2002. Dissertação de Mestrado do Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2002.

⁹⁴ MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise arquetípica: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea**. Mimeo, UnB, 2000.

⁹⁵ *Nota: O termo newsmaking é frequentemente utilizado pelo autor ao se referir aos estudos sobre a produção da informação. A expressão está presente no livro Teorias da Comunicação, referenciado ao final deste trabalho.*

Na esfera política, é possível observar essa ligação da mídia com a busca pela diversão dos espectadores/leitores. O desafio, como lembra Luiz Gonzaga Motta, é que no noticiário o humor deve manter-se leve, alegre e divertido, sem ultrapassar os limites do jocoso.⁹⁶ Motta diz que ao perceber a discrepância, o leitor é levado a rir do excesso, da falta ou da inversão que tão bem caracterizam a ironia, por exemplo.

Para Roberto Amaral⁹⁷, os meios de comunicação de massa atualmente são os verdadeiros partidos políticos, atuando em relação à população de forma mais influente do que as organizações teoricamente destinadas a esse fim, como os partidos políticos e demais instituições. O raciocínio de Amaral provoca o questionamento sobre a possibilidade de enfraquecimento do tensionamento entre partidos políticos e a imprensa, que é uma relação de tensão. Uma característica interessante da mídia é que determinadas figuras e fatos do meio político, mesmo com esse “enfraquecimento” dos partidos e das instituições, conseguem destaque constante por parte da mídia.

⁹⁶ MOTTA, L.C. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.

⁹⁷ AMARAL, Roberto. Imprensa e controle da opinião pública. **Comunicação & Política**, nova série, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.128-158, 2000.

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Método e Instrumentos

A pesquisa realizada teve como objeto as reportagens, notícias e matérias jornalísticas, nas quais o tom de humor estava presente, que foram publicadas na editoria de política dos jornais “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006, época em que o escândalo do “mensalão” foi foco principal do noticiário político nacional, conforme destaca Luiz Gonzaga Motta⁹⁸. O objetivo é fazer uma análise pragmática sobre o material coletado.

A data de 6 de junho de 2005 foi escolhida como referência para o recorte da pesquisa, porque, nesse dia foi publicada a entrevista do ex-deputado Roberto Jefferson, então presidente nacional do PTB e aliado do governo, concedeu a primeira entrevista exclusiva dele ao jornal “Folha de S. Paulo” para a colunista Renata Lo Prete, quando utilizou o termo “mensalão” e denunciou o esquema de propina. Já a data 12 de julho de 2006 foi escolhida porque neste dia o mesmo Jefferson, já cassado pela Câmara dos Deputados, concedia uma entrevista coletiva na qual fez um balanço sobre o escândalo seus supostos desdobramentos. O período analisado reuniu os meses entre essas duas datas, pois foi justamente a fase em que o “mensalão” se converteu em tema principal na grande imprensa, especificamente nos veículos pesquisados.

O *corpus* da pesquisa reuniu, inicialmente, todas as reportagens que direta ou diretamente caracterizavam-se pelo tom de humor, desde que publicadas nas editorias de política dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo”. Preliminarmente, foi realizada análise a partir da ordem cronológica que os fatos ocorreram. Inicialmente, foram observadas as notícias publicadas nas edições da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006. Em seguida, foram selecionadas as matérias jornalísticas, cujo tom de humor era predominante, publicadas na editoria de política, dos dois veículos. Por fim, foram escolhidas 11 reportagens jornalísticas para análise empírica a partir de temas considerados emblemáticos, segundo a avaliação do orientador e da pesquisadora⁹⁹

Após analisar 365 edições do “O Globo” e mesmo número da “Folha de S. Paulo” foi feita uma seleção preliminar do *corpus*: 36 reportagens do jornal fluminense e mais 33 do periódico paulista. Nessa seleção preliminar de reportagens, constatou-se que havia várias reportagens coincidentes, ou seja, de temas comuns, abordagens semelhantes, mas com diferenças de estilo, embora predominantemente irônicas e até sarcásticas, em várias situações os “humores” se misturam. É o que será demonstrado nesta pesquisa.

⁹⁸MOTTA, Luiz Gonzaga. Aula realizada na Pós-Graduação da Comunicação da Unb, no primeiro semestre de 2007.

⁹⁹ Nota: Detalhes sobre a análise empírica no capítulo 5, que trata especificamente sobre o assunto.

Por sugestão de Luiz Martins¹⁰⁰, a pesquisadora decidiu selecionar o *corpus* a ser trabalhado a partir da categorização das notícias com base nos diversos tipos de risos, ou seja, nos estilos de humor que podem ser adotados para descrever um episódio/ fato.

A partir das 69 notícias pré-selecionadas foi feita uma escolha qualitativa, obedecendo ao critério de destaque do fato, para incluí-lo por categoria de riso. As categorias de riso utilizadas nesta pesquisa são: grotesco; malogro; ingênuo; sarcasmo; paradoxo; paródia; escárnio; zombaria; sátira; cáustico e ironia.

Em busca de uma melhor compreensão, foi elaborada uma tabela, na qual as 69 notícias foram incluídas em uma primeira etapa, depois relacionadas as escolhidas a partir do critério de categorização do riso e também indicados o destaque disposto nos dois veículos avaliados.

Como recomenda nas suas fases e operações metodológicas, Maria Immacolata Lopes¹⁰¹ indica que seja realizada uma seleção do material coletado para fazer uma amostragem. No caso da pesquisa, o objetivo foi realizado a partir uma seleção sistemática de todas as notícias publicadas na editoria de política relacionadas ao “mensalão”, no período definido para análise. Em seguida, foram selecionadas as 69 notícias nas quais o humor estava presente direta ou indiretamente. Só depois, foi realizada a amostragem ao selecionar as notícias consideradas emblemáticas, a partir da avaliação do orientador e da própria pesquisadora, e que obtiveram mais destaque – chamadas na primeira página, fios cercando a reportagem, fotografias ampliadas, diagramação diferenciada e publicação em página ímpar e alto da mesma.

Na etapa de pesquisa teórica sobre o tema surgiram várias hipóteses de trabalho, sendo uma delas: como será que essa busca pela aparente leveza de um noticiário repleto de um humor irônico seria uma forma de manter a fidelidade do leitor?

O trabalho de pesquisa aqui proposto não discutiu problemáticas de linha editorial ou posições ideológicas desses veículos, mas buscou identificar o destaque para assuntos secundários por eles chamarem a atenção pelo humor e ironia.

Para buscar respostas à pergunta da pesquisa foi necessário entender e considerar o que vem a ser o humor e suas diversas variações e categorias – ironia, deboche, sarcasmo, entre tantos outros recursos que acabam provocando os diferentes tipos de riso. De acordo com estudos já realizados por Propp, por exemplo, há o riso bom, o mau e o alegre.

As técnicas aplicadas foram baseadas na coleta diária de todas as publicações no período já definido e na observação do *corpus*. Com o *corpus* reunido, foi feita, em uma primeira etapa, uma análise estatística e quantitativa. Em seguida, foi realizada uma amostragem temática, na qual foram escolhidas apenas as notícias cujo discurso tenha o tom de humor, de acordo com as categorias (do riso) já definidas.

Inicialmente, foi realizada uma análise descritiva do material e, em seguida, uma análise interpretada – observando a teoria da análise pragmática associada aos jogos de linguagem.

¹⁰⁰MARTINS, Luiz. Aula ministrada no curso de Pós-Graduação em Comunicação na UnB, em 24/03/2008.

¹⁰¹LOPES, Maria Immacolata. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

O trabalho realizado teve como objetivo buscar respostas à pergunta da pesquisa: “Em quais notícias e como o humor e a ironia estão presentes na editoria de política da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período do “mensalão”?”

4.2 Plano de Trabalho

A aplicação da metodologia obedeceu a uma ordem prática e lógica. Inicialmente, a pesquisadora reuniu os elementos teóricos e metodológicos para fundamentar o trabalho de pesquisa para fazer uma análise pragmática do discurso e dos jogos de linguagem contidos no *corpus* selecionado – notícias cujo discurso tinha um tom de humor e ironia publicadas na editoria de Política da “Folha de Paulo” e “O Globo”.

Na segunda etapa, foi coletado todo o material publicado no período definido de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006. Em um ano de publicação, foram selecionadas 365 edições do “O Globo” e a mesma quantidade da “Folha de S. Paulo”. No total, foram identificadas 69 publicações cujo conteúdo prevalecia o tom de humor, sendo 36 no jornal fluminense e 33 no periódico paulista.

A partir dessas notícias, foi feita uma nova seleção, obedecendo aos critérios de categorias do riso¹⁰² e destaque nos jornais¹⁰³, como publicação em página ímpar, alto de página e chamada na primeira página.

O desafio de separar o trabalho de pesquisadora da atuação cotidiana da jornalista/repórter foi imenso, mas fundamental de acordo com Pedro Russi¹⁰⁴. Segundo Russi, o fato de a pesquisadora ter acompanhado a cobertura do escândalo “mensalão” como jornalista – na época como correspondente do jornal “O Dia” em Brasília –, não poderia “contaminar” a pesquisa acadêmica, mas acrescentar dados ao retorno do tempo, por exemplo, observando o que ocorreu no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, depois na CPI dos Correios e, ainda, no plenário da Câmara, sob o foco do humor presente nos fatos e nos relatos (textos publicados nos veículos selecionados).

O retorno do tempo foi elaborado a partir de um resumo sobre o que ocorreu no período de 06/06/2005 – quando foi publicada entrevista do ex-deputado Roberto Jefferson na “Folha de S. Paulo” denunciando a existência do “mensalão” – até o dia 12/07/2006 – quando Jefferson concedeu entrevista, desta vez como deputado cassado e faz uma análise sobre o “mensalão”.

O plano de trabalho foi cumprido na seguinte ordem:

- 1.1) Introdução teórica e metodológica à temática de pesquisa: estudos sobre os principais trabalhos publicados e aliados
- 1.2) Levantamento bibliográfico
- 1.3) Leitura e seleção bibliográfica

¹⁰² Nota: vide capítulo que trata especificamente sobre os tipos de humor/categorias nesta pesquisa.

¹⁰³ Nota: vide capítulo que trata de cronologia do “mensalão” nesta pesquisa.

¹⁰⁴ RUSSI, Pedro. Durante a qualificação da pesquisadora, em 05/12/2007, ele recomendou que a pesquisadora buscar discernir entre o trabalho realizado na academia e aquele feito cotidianamente na cobertura jornalística/política.

- 1.4) Elaboração do projeto de qualificação
- 1.5) Qualificação
- 1.6) Seleção das matérias específicas publicadas nos jornais: “Folha de S. Paulo” e “O Globo”
- 1.7) Análise estatística do *corpus* escolhido
- 1.8) Análise pragmática da narrativa jornalística no *corpus* selecionado
- 1.9) Redação do texto e apreciações finais
- 2.0) Revisão e preparação da defesa da dissertação
- 2.1) Defesa

4.3 Teoria da Análise Pragmática

A pesquisa realizada utilizou como teoria principal a análise pragmática das notícias em o humor e suas diversas categorias, e preferencialmente, ironia publicadas nas editorias de política dos jornais “Folha de S. Paulo” e do “O Globo” – de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006. Por essa teoria, é possível analisar os jogos de linguagem tão presentes no noticiário político. É uma teoria que está se consolidando e tem aproximadamente 40 anos de estudos.

A escolha pela análise pragmática como teoria para realizar a pesquisa se deve a alguns aspectos específicos: por meio dela é possível analisar o emissor, o destinatário, o enunciado e o entorno. Em busca das respostas à pergunta da pesquisa foi necessário entender a representação da linguagem, pois o homem atua e pensa por meio da filosofia da linguagem. Luiz Gonzaga Motta¹⁰⁵ lembra que é “por intermédio da linguagem que nós conjecturamos e deslumbramos o mundo”. Para ele, não há vida humana fora da linguagem, daí a escolha da pesquisadora por uma teoria que observa os jogos de linguagem e seus desdobramentos.

Segundo Motta, a linguagem do caso é o movimento mimétrico de imitação da realidade. É o que ele chama de “discursificação da realidade” permitindo a nomeação de coisas e do próprio ser humano. “É o empalavramento da realidade”, diz Luiz Gonzaga Motta¹⁰⁶, que autoriza a criação das representações da realidade. Ele lembra que a linguagem “entra” no nosso ser, na nossa interioridade por meio de categorias – o mundo, a natureza e as coisas – que ganham nomes e classificações, pois a referencialidade é um mecanismo da realidade e do mundo material físico.

Motta ressalta que: “Cada um de nós tem a sua linguagem e seu olhar. Porém há significados consensuados e ou que não mais instáveis. A ironia é um jogo de linguagem, enquanto a

¹⁰⁵ Nota: Em aula ministrada, no curso de pós-graduação no Departamento de Comunicação na UnB, no dia 27/08/2007 quando tratou da pragmática e dos jogos de linguagem.

¹⁰⁶ Nota: Em aula ministrada, no curso de pós-graduação no Departamento de Comunicação na UnB, no dia 27/08/2007 quando tratou da pragmática e dos jogos de linguagem.

metáfora é instável”¹⁰⁷. Tudo isso faz parte dos jogos de linguagem que reúnem os aspectos implícitos e os explícitos que têm objetivos comuns, qual sejam no caso do jornalismo, representar e entender uma realidade que é mutante, que lida com situações contínuas e descontínuas.

As diversas categorias do humor, como a ironia e o deboche, por exemplo, buscam também o real, mas com “autorização” de representar por meio da poética e de um outro contrato cognitivo. Essas categorias devidamente autorizadas permitem as fugas provisórias presentes na literatura convencional para que o leitor desenvolva a afetividade, o emocional e a transcendência levados pelo texto do narrador/jornalista.

De acordo com Graciela Reyes¹⁰⁸, a análise pragmática abre espaços para o estudo da ironia que é um dos fenômenos analisados por essa teoria. Segundo Reyes, a ironia expressa o que um diz e abre uma série de âmbitos do significado. Os jogos de linguagem, de acordo com Reyes, que provocam o sorriso e o próprio riso surgem de um comentário irônico (inclusive os agressivos), que se devem não só ao contraste entre a observação literal e a realidade, mas ao prazer que isso provoca pela participação – de um jogo. Há uma aceitação implícita das regras, como afirma a estudiosa.

A pragmática busca o jogo da intencionalidade e o humor e a ironia são aspectos que burlam esse jogo. Na prática é a realização de um contrato entre o narrador e o receptor, que compreende o que é expressado por meio do humor e da ironia. No caso da pesquisa realizada surgem notícias políticas com conteúdo de humor em meio à sisudez do mundo repleto de denúncias de corrupção e irregularidades.

Esse noticiário, aqui selecionado para análise, é a prática de que o jornalista/narrador mantém uma relação cordial com o universo político e com os políticos, mas reivindica para si o lugar da verdade, indicando autonomia e independência. Segundo Wilson Gomes¹⁰⁹, é como se toda a narração/reportagem ocorresse em um teatro, é o que ele chama de “teatralização da notícia”. Um dos recursos utilizados para isso é o humor, que mostra o lado ridículo e coloca o político em situação de fragilidade e chacota.

Luiz Gonzaga Motta¹¹⁰ lembra que há um jogo de poder envolvendo a mídia e o político. A mídia que estabelece a ordem a ser definida, quando desqualifica a política e o político, ela se qualifica. Assim, em efeitos práticos, a mídia toma para si o lugar da razão e da verdade, dando a impressão que mantém o controle.

Para Maria Victoria Escandell Vidal¹¹¹, o estudo da pragmática pode ser definido como a análise dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação: nas condições que determinam tanto o emprego de um enunciado concreto por parte de quem fala em uma situação comunicativa concretas como na interpretação por parte do destinatário. Para realizar o trabalho de

¹⁰⁷ Nota: Em aula ministrada, no curso de pós-graduação no Departamento de Comunicação na UnB, no dia 27/08/2007 quando tratou da pragmática e dos jogos de linguagem.

¹⁰⁸ REYES, Graciela. **La pragmática lingüística**. Barcelona: Montesinos, 1994.

¹⁰⁹ GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

¹¹⁰ Nota: Durante a qualificação da pesquisa, no curso de pós-graduação da UnB, em 03/12/2007.

¹¹¹ VIDAL, Maria Victoria Escandell. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel S.A. 2006.

estudo da pragmática, é necessário considerar alguns elementos denominados “componentes materiais”.

Na relação desses componentes estão: o emissor, que designa a pessoa que produz intencionalmente uma expressão lingüística, é real e reúne conhecimentos, crenças e atitudes, capaz de estabelecer toda uma rede de relações ao seu redor. Há, ainda, o destinatário que se designa a pessoa ou pessoas para a qual o emissor dirige seu enunciado e com elas, normalmente troca, a comunicação. O destinatário é sempre o receptor eleito pelo emissor – a mensagem está construída especialmente para ele.

Também deve ser analisado o enunciado que é a expressão lingüística produzida pelo emissor. Um enunciado não é mais que um estímulo, uma modificação do entorno. O enunciado usa referências baseadas em uma mensagem construída segundo um código lingüístico. No código lingüístico, deve ser observada a independência das chamadas “implicaturas”, como define Graciela Reyes¹¹². As implicaturas são independentes das estruturas lingüísticas e estão inseridas no contexto em que se encontram.

Há, por fim, a necessidade de observar o entorno, que é a situação espaço-temporal onde se realiza o enunciado. Devem ser considerados o lugar e o tempo.

Para observar o entorno, é necessário considerar seis fatores: o contexto físico, o contexto empírico, o contexto natural, o contexto prático ocasional, o contexto histórico e o contexto cultural.

Observados os “componentes materiais”, deve-se partir para os componentes racionais: a informação pragmática que é o conjunto de conhecimentos, crenças, suposições, opiniões e de sentimentos de um indivíduo em um momento qualquer de interação verbal. Nela, há três sub-componentes: geral que é composta de conhecimento do mundo, de suas características naturais e culturais; situacional que inclui conhecimento derivado de interlocutores que percebem a interação; contextual que inclui do que se deriva as expressões lingüísticas ocorridas durante o discurso precedente.

Para trabalhar com a análise pragmática é necessário também observar a intenção de que o discurso desenvolve: a relação entre o emissor e sua informação pragmática – de um lado – e o destinatário e o entorno – do outro lado. É legítimo buscar descobrir que atitude há por trás de um determinado ato e perguntar-se qual a intencionalidade de atos e decisões.

Outro componente a ser considerado é o da relação social que passa a impor uma série de seleções que determinam a forma do enunciado. Há, também, o significado (o conteúdo semântico) que é a informação codificada em expressão lingüística e a interpretação que põe em jogo uma série de mecanismos pragmáticos. A função entre o significado codificado na expressão lingüística utilizada (conteúdo semântico), de um lado, e a informação pragmática com que conta o destinatário (com todos os conhecimentos, crenças e hipótese), de outro lado. A interpretação estabelece uma relação multívoca entre uma expressão lingüística e a situação do emissor.

¹¹²REYES, Graciela. **La pragmática linguística**. Barcelona: Montesinos, 1994.

Pela análise da pragmática da narrativa jornalística, narrar é uma atitude devidamente organizada por um discurso que permite os chamados aspectos intuitivos com uma estratégia comunicativa que é a intenção. Os jogos de linguagem analisados são da intenção (a meta a ser atingida com o texto e seus desdobramentos, como a diagramação e a imagem), os reconhecimentos e a interpretação. Há, segundo a pragmática, intenções de quem transmite e as interpretações de quem recebe as informações.

Utilizando os componentes que integram a análise pragmática será observado, por exemplo, situações como a revelada na reportagem da “Folha de S. Paulo”, publicada em 23 de setembro de 2005, sobre Jeane Mary Corner, agenciadora de garotas de programa em Brasília, que ganhou uma das principais páginas da editoria de política dos jornais, quando seu nome é associado ao de integrantes do governo federal e parlamentares que contam com a confiança do presidente da República¹¹³. Em outras situações, a agenciadora poderia ser mencionada no noticiário de polícia e, talvez, sem destaque.

¹¹³*Nota: a reportagem citada é uma das analisadas nesta pesquisa.*

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para realização do trabalho foram selecionadas notícias cuja narrativa era predominante o tom de humor na editoria de política a partir da ordem cronológica que os fatos ocorreram. Inicialmente, foram observadas as notícias publicadas nas edições da “Folha de S. Paulo” e do “O Globo”, no período de 6 de junho de 2005 a 12 de julho de 2006. Em seguida, foram selecionadas todas as notícias cujo tom de humor era predominante, publicadas na editoria de política, dos dois veículos (“Folha de S. Paulo” e “O Globo”). Por fim, foram escolhidas 11 matérias jornalísticas para análise empírica a partir de temas considerados emblemáticos, segundo a avaliação do orientador e da pesquisadora.

A seguir, a análise empírica do *corpus* desta pesquisa.

5.1 Análises do Corpus

5.1.1 Análise 1: 'Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos'



Jefferson diz ter 'medo' de Dirceu e o chama de arrogante; petista acusa adversário de prevaricação por não ter denunciado 'mensalão'

'V. Ex.^a. provoca em mim instintos primitivos'

DA REDAÇÃO DE BRASÍLIA
DA REDAÇÃO DA JORNALIDADE
CORRESPONDENTES EM BRASÍLIA

Na primeira vez em que ficaram frente a frente desde o início da maior crise política dos últimos dez anos, os deputados Roberto Jefferson (PTB-RJ) e José Dirceu (PT-SP) trocaram insultos, ironias e acusações, em um duelo de quase um hora de duração.

Jefferson e Dirceu contradiziam-se ao atacar uma mesma série de vezes, principalmente quanto ao papel exercido pelo ex-ministro da Casa Civil no governo.

Engenheiro Dirceu, na condição de deputado do Conselho de Ética da Câmara, procura minimizar sua influência no governo no PT — e, por consequência, sua relação com o empresário Marcos Valério de Sousa — a propósito, recorrendo à agressividade e ironia, disse

que o petista tinha pleno conhecimento das supostas esquemas.

"O José Genoino [ex-presidente petista] era vice-presidente do PT. O presidente de fato era o ministro José Dirceu. Tudo o que nós fazíamos na sede nacional do PT tinha que ser fechado e homologado depois na Casa Civil pelo ministro José Dirceu", declarou Jefferson, sentindo-se cercado de cinco outros deputados.

Re-procurou contrariar Dirceu citando diversos nomes políticos e citando a aliança entre PTB e PT que teriam sido a base da oposição.

"O acordo da Bahia foi fechado na Casa Civil. O acordo de Goiás, o acordo de São Paulo, o acordo do Paraná, que envolvia a associação em dupla [empresa elétrica], foi fechado na Casa Civil", afirmou.

Foi com aceitação informal. Cada vez que era questionado por

deputados se confirmava alguma acusação de Jefferson, Dirceu respondia com um sorriso "não". Invariavelmente respondia: "Não é fato. Não é verdade".

"O deputado Roberto Jefferson fez muitas acusações. O deputado teve todas as condições de denunciar o 'mensalão'. Mas ele quer transferir a prevaricação que é de 'prevaricação', disse.

Não chegou a haver um debate direto entre os dois, mas discussões intercaladas. Jefferson, após ouvir quase duas horas de depoimento, finalmente teve chance de falar às 17h32. Dirigindo-se ao "porão do Brasil", disse que Dirceu "mentou" as principais impugnações em acusações — Silvio Ferreira, Hélio Sobrinho e Valério.

E carregou no sarcasmo: "Não tem mentado no Brasil. E convença a imprensa, todos os jornais mentem, todas as revistas men-

tem. Os gerentes do Delúbrio não são do conhecimento dele [Dirceu]. As atividades do Marcos Valério, que foi 12 vezes à Casa Civil, ele não sabe".

E depois, virando-se para os câmeras: "Vede, que está em casa, acredita nisso! A Polícia Federal não continua para o homem mais importante do governo. O Caud [Conselho de Controle de Atividades Financeiras], que controla essas movimentações financeiras, não informa. O general [Bispo] Felix [Segurança Institucional], o delegado branco Marcelo [ex-delegado da Alti], mesmo postulado, não dá ideia".

Dirceu, irritado, respondeu dizendo que não tinha justificativa sobre essas ditas, subentendendo outros órgãos do governo. "Por que o Coaf, a PF, via me informando que então [deputado] Era [Jefferson] quer vender a fécula que eu

usava para funções na Casa Civil".

Jefferson afirmou por diversas vezes a perda de poder do ex-ministro, logo depois, chamou-o de "insomne, apático, humilde, deputado".

"Vejam José Dirceu logo pela primeira vez depois daquela arrogância natural, daquela arrogância que calha".

Dirceu rebateu: "O sr. fala da minha arrogância, mas fala aqui com solidão e arrogância. Nunca fui arrogante quando era ministro".

Jefferson ficou na platéia de cerca de 200 pessoas e manifestações de desaprovação: "Ele já nasceu arrogante", gritou a deputada Zuleia Cobres (PSDB-SP). "A arrogância não sobrevive logo quando fomos amigos de faculdade", rebateu outra petista.

Jefferson também tentou envolver o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tinha prescrito também agora. Foi quando mencionou

as negociações para a troca da diretoria da estatal elétrica Furnas, que Jefferson acusa de fazer uma "colônia" para financiar o PT. Declara que o assunto era tratado no gabinete do presidente, com a aprovação.

"Vossa Excelência falou a verdade e o episódio de Furnas. O assunto foi tratado no gabinete do presidente Lula entre mim, Vossa Excelência, o ministro Wolfioldo [Marcos Gullu do Bierito] e o presidente Lula e outros".

Em um dos momentos de maior ironia, Jefferson afirmou que tinha amizade de Dirceu: "Vossa Excelência empreendeu as pessoas. Eu tenho medo, confesso, porque Vossa Excelência provoca em mim instintos mais primitivos. Tenho medo, sinceramente, da consequência dessas provocações".

MÉDICO DA MEXA FARM, 07.29.05/05/05

Figura 1 - 'Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos'

Fonte: FZ, SN, RB e CG. 'Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos'. **Folha de S. Paulo**, p. A 5, 3 de agosto de 2005.

A reportagem, com 16 parágrafos, foi publicada no jornal "Folha de S. Paulo", no dia 3 de agosto de 2005, quando os então deputados Roberto Jefferson (PTB-RJ) e José Dirceu (PT-SP) prestaram esclarecimentos ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados. A notícia foi publicada na

página A 5, uma das principais da editoria de política, ocupando meia página, no alto, sendo que a parte de baixo é toda dedicada a um anúncio publicitário da Telefônica para o Dia dos Pais. A matéria foi ilustrada por duas fotografias: à esquerda há uma foto em primeiro plano de José Dirceu com as mãos cruzadas, como quem aguarda explicações; enquanto à direita está Roberto Jefferson com a mão esquerda no queixo, como quem sinaliza que vai atacar. Ao lado de cada fotografia, nas extremidades da página, foram destacadas frases de efeito das duas personagens – Dirceu e Jefferson.

Esta é uma das principais reportagens publicadas ao longo do escândalo do “mensalão” porque Dirceu e Jefferson, que se atacavam em declarações à imprensa, são colocados no mesmo ambiente. Apesar de não ter ocorrido uma acareação formal, ambos ficaram muito próximos, a uma distância de cerca de cinco metros um do outro, segundo informações da reportagem. A diagramação da matéria foi feita em formato de filme fotográfico – quando há fotografias expostas na horizontal – e acima delas o chamado “selo” para caracterizar o assunto: “Escândalo do ‘mensalão’/ Duelo na Planície”. O “selo” traz a frase escrita em caixa alta (letras maiúsculas) e de forma destacada em negrito, é claramente irônico ao definir o episódio a ser relatado como: um duelo ocorrido na planície.

A matéria da “Folha” é assinada apenas pelas iniciais dos repórteres/narradores (FZ, SM, AB e CG). Porém, a intervenção deles se faz presente em vários momentos.

Analisando a reportagem, pode-se classificá-la em quatro categorias de humor: ironia, cáustico, zombaria e sarcasmo. Com base nas definições de Bergson, Minois, Propp e Motta foi possível chegar a essas quatro categorias no caso desse texto.

A ironia aparece em várias circunstâncias, no discurso de Jefferson, ao virar-se na direção de Dirceu e desafiá-lo com a frase-título: “Vossa Excelência inspira em mim instintos primitivos” e na referência feita pelos narradores que indicam que justamente nesse momento, o ex-deputado é irônico ao representar medo pela figura de Dirceu. No texto, a palavra ‘medo’ referenciada por Jefferson aparece em aspas simples e chama a atenção por isso.

A frase-título “Vossa Excelência inspira em mim instintos primitivos” também pode ser classificada na categoria de zombaria, uma vez que Jefferson se dirigia a Dirceu, que estava próximo a ele fisicamente, e demonstrava pouco caso com o petista. O zombar é ironizar com desprezo.

O cáustico surge no texto a partir do embate entre Jefferson e Dirceu e trocas de farpas entre ambos. “Ele quer transferir a prevaricação que é dele para nós”, acusou Dirceu, em tom agressivo, segundo o texto. Em seguida, Jefferson “carregou em sarcasmos”, informa a reportagem, ao se referir a Dirceu, que negou a existência de “mensalão”. “Não tem mensalão no Brasil. É conversa da imprensa. Todos os jornais mentem”, disse o integrante do PTB.

O título da matéria ‘Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos’ é exposto em aspas simples porque representa uma das frases proferidas por Jefferson referindo-se a Dirceu.

Demonstrando estar incomodado com as afirmações do petista, que negava ter influências no governo federal, Jefferson colocou o dedo em riste e olhou fixamente para as câmeras de TV e dos fotógrafos e proferiu a frase, que virou referência de ironia durante um bom tempo. “[...] Vossa Excelência amedronta as pessoas. Eu tenho medo, confesso, porque Vossa Excelência provoca em

mim os instintos mais primitivos. Tenho medo, sinceramente, das conseqüências dessas provocações [...]”, diz o texto, no trecho final, já no último parágrafo. O tom da afirmação de Jefferson, segundo os narradores, é de zombaria sendo que ao longo da sessão na Câmara dos Deputados ele teria sido irônico e sarcástico.

Os narradores descrevem a participação de Dirceu e Jefferson, na sessão, como um “duelo” que mesclou momentos de agressividade e ironia. Mas os repórteres afirmam que, apesar do clima, não houve um “debate” entre os dois, apenas trocas contínuas de acusações. “[...] O deputado Roberto Jefferson fez muitas acusações. O deputado teve todas as condições de denunciar o ‘mensalão’. Mas ele quer transferir a prevaricação que é dele para nós [...]”, afirmou Dirceu, segundo um dos trechos da reportagem.

Os repórteres destacam o maneirismo teatral de Jefferson, quando relatam que ele, consciente que seu depoimento estava sendo transmitido ao vivo pelas redes de TV e rádio, dirigiu-se aos telespectadores e ouvintes. “[...] Povo do Brasil [...] Ele [Dirceu] treinou [para estar aqui] [...]”, afirmou o então deputado, em um dos trechos da reportagem. Dono de um humor próprio, Jefferson foi sarcástico ao tratar do mensalão, que ele denunciou. “[...] não tem mensalão no Brasil. Todos os jornais mentem, todas as revistas mentem [...]”, diz ele, em um dos trechos da reportagem.

A intervenção dos narradores é absoluta quando julgam, qualificam e identificam atos das personagens. O texto seco, padronizado pelo veículo, não limita em momento algum a contextualização quando os repórteres descrevem cada reação das personagens, como quando Jefferson vai falar frases de efeito e vira-se na direção das câmeras de TV. “[...] Você que está em casa, acredita nisso? [...]”, desafiou Jefferson, referindo-se às negativas de Dirceu.

A narrativa sobre esse episódio se transformou em uma das reportagens emblemáticas do período do mensalão por envolver duas personagens que se destacavam no cenário político e ao longo de suas trajetórias em campos opostos. Dirceu, exilado político e militante de movimentos de esquerda, enquanto Jefferson, construiu sua carreira por meio de apoio a políticos conservadores e vinculados à direita como o ex-presidente Fernando Collor de Mello.

A ironia na narração da notícia está presente também no “selo” da reportagem escrito em letras maiúsculas e em negrito: “Escândalo do mensalão/duelo na planície”. Por que planície, se Brasília, onde está inserida a Câmara dos Deputados na qual se realizou o embate entre as duas personagens, está localizada no planalto? É uma ironia porque tanto Dirceu como Jefferson foram colocados no mesmo nível, sem distinção, algo possível apenas em um terreno plano ou na planície.

5.1.2 Análise 2: Petebista faz ironias e exhibe 'talento teatral'

ESCÂNDALO DO "MENSALÃO" / GOVERNO

Ministro da Casa Civil descarta demissão no curto prazo; presidente sonda o empresário Abílio Diniz para uma vaga no ministério

Planalto avalia que dia foi ruim para Dirceu



O ministro José Dirceu (Casa Civil) cumprimenta o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em cerimônia ontem sobre educação em Brasília

Casa Civil nega saída de Dirceu; governo não comenta

MANOEL JAVIER DE BRASÍLIA

Questionada sobre as reflexões que precedem o pedido de afastamento de Dirceu...

...não pediu demissão" e o presidente Lula indicou a saída de Dirceu...

...Anisa indicou. A Alina (Agência Brasileira de Inteligência) e o GSI (Serviço de Segurança Institucional) também foram afetados...

...o dia em que Jefferson, se considera que foi um acerto no primeiro momento...

KENNEDY ALENCAR

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA

No momento da maioria da cúpula do governo, o depoimento de Roberto Jefferson foi decisivo para a PT e para o ministro José Dirceu...

...Antes do depoimento, a Bolsa caiu e o dólar sobiu. Apesar de ter dito que não tinha provas, a Balcinella, o ministro...

...Para tentar manter normalidade administrativa, Lula se recusou a aceitar as acusações. Foi a agenda diária, mas foi freqüentemente interrompida por manifestos...



Petebista faz ironias e exhibe 'talento teatral'

CLÁUDIA TREVISAN

INVESTIMENTOS ABREVIADA

...Vestindo camisa e gravata, o ministro petebista Roberto Jefferson...

..."Paralá o Espírito Santo, o prefeito do 'Cidade de Deus'...

Advertisement for HP Pavilion ze2020 and ze2010 notebooks, including specifications and pricing.

Figura 2 - Petebista faz ironias e exhibe 'talento teatral'

Fonte: TREVISAN, Cláudia. Petebista faz ironias e exhibe 'talento teatral'. Folha de S. Paulo, p. A 5, 15 de junho de 2005.

A reportagem, publicada no jornal "Folha de S. Paulo", na página A 5, no dia 15 de junho de 2005, reúne nove parágrafos. A notícia está disposta no canto esquerdo abaixo da página e conta como ilustração uma charge bastante irônica, na qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva é retratado como um homem de baixa estatura e sobrepeso, questionando os cinco cavalheiros que estão atentos observando uma televisão. "O quê vocês estão assistindo?", diz o baião, único momento de diálogo reproduzido na charge. Na ilustração, os cinco homens prestam atenção à televisão, na qual está a imagem de Jefferson. A charge é uma sátira do escândalo do mensalão, caracterizado entre outros aspectos, pela presença da mídia e o fato de os depoimentos serem transmitidos ao vivo e em tempo real, virando assunto em rodas de conversas.

A charge remonta exatamente o momento político nacional: o país praticamente parou para acompanhar os depoimentos realizados na CPI dos Correios e também no Conselho de Ética da Câmara que tratavam sobre o escândalo do mensalão. Nela, o presidente Lula é retratado como alguém distante desta “realidade” porque em suas entrevistas durante o auge do escândalo ele passava a impressão de dar pouca importância ao que ocorria.

Na reportagem intitulada: “Petebista faz ironias e exhibe ‘talento teatral’”, a repórter (Cláudia Trevisan) descreve o comportamento de Jefferson, no depoimento, que comparece ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados como acusado, sob suspeita de quebra de decoro parlamentar, cita o clima de suspense que predominou no ambiente da sala do Conselho de Ética. A ironia surge logo no título da reportagem, colocando em dúvida se de fato Jefferson tem o talento teatral que ele exhibe no decorrer do acontecimento. Também há ironias no próprio discurso do petebista. A ironia foi a forma encontrada pela narradora para fazer suas intervenções. Do começo ao fim, a narradora usa o recurso da ironia para contar a história que se passa diante da dela e destaca o comportamento de Jefferson. “[...] Com talento teatral lapidado em seis mandatos parlamentares e na atuação como advogado criminalista, o deputado abusou da entonação de voz, dos gestos, das expressões faciais e não dispensou momentos de humor”, diz o texto, no segundo parágrafo (no sub-*lead* da matéria).

A sátira está presente na representação ilustrativa da reportagem, na qual foi utilizada a charge. José Luiz Braga¹¹⁴ afirma que a sátira é uma categoria que tem o “máximo de eficiência”, uma vez que o humor serve aos artigos sérios porque aguça a percepção em busca de subentendidos. Além disso, a descoberta das implicações (sérias) dos artigos propõe um prazer lúdico próximo ao prazer do riso: é o humor pasquiniano. O tom utilizado pela narradora/repórter, por vezes, esbarra na sátira e ganhou a colaboração da charge para acrescentar informações.

Na busca por subentendidos, como afirma Braga, a narradora usa a sátira para se referir ao momento em que o deputado reclamou de uma reportagem, publicada no jornal “Estado de S. Paulo” e menciona o repórter responsável pela matéria (Expedito Filho). “[...] Peraí. O Expedito me chama de metrossexual e agora me chama de Michael Jackson?”, diz o texto, reproduzindo uma das frases de Jefferson. Naquele momento, um dos parlamentares afirmou que apesar de Jackson ter sido absolvido pela Justiça os pais temiam deixar seus filhos na companhia do cantor. Jefferson não deixou por menos e respondeu à provocação do parlamentar. “[...] já fui chamado de troglodita e de integrante da tropa de choque do Collor [ex-presidente da República Fernando Collor que renunciou ao governo sob fortes denúncias de corrupção] , mas metrossexual [...]”, reagiu o deputado, segundo a matéria.

Em decorrência da charge e do texto da reportagem são suscitados dois tipos de reações do riso em “clave maior” e em “clave menor”, como define Peter Berger¹¹⁵. A charge estimula o riso solto quase às gargalhadas o que é natural na sátira, que marca a clave maior, enquanto a ironia utilizada pela narradora leva ao riso suave, sem êxtase da clave menor.

Para Berger, nem sempre se ri por causa de alguém, mas por causa da consciência soberana da liberdade que o humor promove. A ironia, a sátira e até mesmo o sarcasmo, identificados

¹¹⁴BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

na reportagem “Petebista faz ironias e exhibe ‘talento teatral’”, concedem essa autorização. Segundo Berger¹¹⁶, o homem tem um impulso básico para organizar a realidade e a percepção de que algo está fora de uma ordem geral das coisas é que provoca a incongruência e o riso. Baseada na permissão para “organizar”, a narradora utilizou os instrumentos contidos no humor, enquanto o veículo acrescentou a charge à reportagem, reforçando a intenção de ironizar e satirizar o fato.

¹¹⁵MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do Fantástico*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006.

¹¹⁶MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do Fantástico*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006.

agenda nas mãos na qual há a ilustrada de um coração. A ilustração é uma alusão a Jeany Mary Corner, cafetina acusada de agenciar mulheres de programas para políticos e empresários em Brasília.

O título da reportagem ‘O preço depende do bolso de quem solicitar e da menina’ aparece em aspas simples por ser a reprodução da frase de um dos empresários, mantido em *off* pelos narradores, referindo-se ao preço cobrado pelas mulheres de programa, contratadas para as festas com políticos em Brasília. O *soutien* da matéria também faz menção ao empresário cujo nome é preservado no texto: “Segundo empresário cujo nome está na lista de telefones de Jeany Mary Corner, havia clientes ‘figurões da República’”.

Dois narradores são responsáveis pela reportagem (Andréa Michael e Paulo Sampaio) que reúne um texto com 15 parágrafos. A matéria é classificada em dois tipos de humor: a ironia e a sátira. A descoberta de uma agenda com nomes e números de autoridades políticas e empresariais entre os pertences da cafetina é narrada como uma novela rápida, transcrevendo diálogos e detalhes das investigações em curso da Polícia Federal.

Logo no primeiro parágrafo (no *lead* da matéria), os narradores insinuam que o número do telefone do senador Valmir Amaral (PP-DF) é localizado entre as anotações de Jeany. “[...] O parlamentar atende ao celular e responde em voz alta: ‘É o senador Valmir Amaral’. Do outro lado da linha, a reportagem se apresenta, dizendo que o número do senador está entre os acionados por Jeany Mary Corner, suposta agenciadora de meninas de programa para festas com políticos pagas pelo caixa de Marcos Valério de Souza [...]”, diz o texto, no seu trecho inicial.

Ao longo do texto, os repórteres são irônicos quanto à justificativa do senador que alega apenas ser “amigo” da cafetina. Segundo a reportagem, os narradores tiveram acesso a uma lista com 50 números de telefones acessados por Jeany, porém muitos dos números tentados caíram em caixa postal, outros, segundo relatos dos repórteres, faziam-se de desentendidos. O texto é repleto de aspas que levantam dúvidas sobre os argumentos dos envolvidos, como por exemplo, a ligação de um assessor do ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci com uma das funcionárias de Jeany que é apontada por ele como “amiga”.

A ironia e a crítica dos repórteres se fazem presentes nas sutilezas, uma vez que a intervenção dos narradores ocorre de forma menos ostensiva. Na reportagem, os repórteres detalham como atuava a cafetina, utilizando intermediários, evitando atender às chamadas telefônicas, e estabelecendo como preço por garota o cachê de R\$ 100 a R\$ 10 mil. “[...] O preço depende do bolso de quem solicita e da menina. Ela traz gente de todo Brasil, capas de revistas de mulheres nuas. E, entre os clientes estão figurões da República [...]”, diz o texto, no trecho que reproduz o comentário de um empresário que freqüentava as festas organizadas por Jeany em Brasília.

A reportagem que relata o submundo da política envolvendo sexo e festas em Brasília reúne uma série de relatos, mas todos mantidos em *off*. Os narradores indicam que foram atrás de Jeany e do filho dela, Paulo, mas que não foram atendidos por eles. Pelo telefone, o rapaz sugeriu que um dos narradores desistisse da empreitada. Ao final, os repórteres dão a entender que a descoberta sobre a ação de Jeany e das festas que promovia esvaziou as noites de Brasília. A afirmação é baseada em uma entrevista com uma garota de programa cujo nome não aparece. “[...] agora não vai ter festa em

Brasília tão cedo [...]”, diz a prostituta, segundo a reportagem, no trecho final. Mais uma vez a ironia se faz presente.

A sátira é localizada na imagem em formato de charge de Jeany: uma mulher bem vestida, com laços e fitas demonstrando a feminilidade da sua “profissão”, com uma agenda na mão e em posição de domínio. A imagem de Jeany não apareceu até o momento da citada reportagem; ela é descrita por conhecidos, como uma mulher baixa, de cabelos pintados de loiro, magra e de 45 anos. O domínio de Jeany é evidente, a partir do momento que a Polícia Federal informa que ela dispõe uma lista com mais de 50 telefones de autoridades do meio político e empresarial.

5.1.4 Análise 4: Maria Christina liga Valdemar a 'mensalão' e fala em 'várias malas'

A 8 quinta-feira, 21 de julho de 2005

BRASIL

FOLHA DE S. PAULO

ESCÂNDALO DO "MENSALÃO"/HORA DAS PROVAS

Saques para PP e PL coincidem com votações

Ex-tesoureiro do PL e assessor do líder do PP retiraram pelo menos R\$ 2,5 milhões de contas de Valério, revela quebra de sigilo

MARTA SALOMON ROSENVALDTE

Entre as movimentações financeiras que até agora mais se aproximam do "mensalão", a CPI das Contas Identificou 15 saques em dólares, em um período entre setembro de 2003 e janeiro de 2004 das contas das agências de publicidade Marcos Valério Fernandes de Souza no Banco Rural. Nesse período de cinco meses, R\$ 2,5 milhões foram saques por Jacinto Lamas, ex-tesoureiro do PL, e por Jula Cláudia Corvalim Gema, chefe de gabinete do líder do PP, José Jurema (PP).

O período dos saques, identificados numa análise parcial da quebra de sigilo bancário das empresas de Marcos Valério, coincidiu com decisões importantes na Câmara dos Deputados. A reforma da Previdência, que acabou com a aposentadoria integral para servidores públicos e marcos os inativos, acabou de ser aprovada pelos deputados.

No começo de setembro, a Câmara aprovou outra proposta de emenda constitucional que reforça o poder do governo. Foi aprovada a cobrança da CIMF (imposto do cheque) e mantida margem de liberdade de gastos, por meio do "meu-malho contábil" como DDU (Declaração de Recolha da União).

Entre setembro de 2003 e janeiro de 2004, também foi registrado um intenso movimento de partidos na Câmara. Em cinco meses, ocorreram 41 mudanças de partidos, 35 deputados trocaram de legenda.

116 saques em espécie que podem não qualificar pagamento de mensalidade, mas mostram pagamentos não determinados período em intervalos até fevereiro de que um mês", disse o deputado José Roberto Cardoso (PT-SP).

Nove dias após o anúncio de que o sistema da CPI dos Correios, havia sido aprovado em nome do ex-tesoureiro do PL, e cinco em nome do chefe de gabinete do PL, Jacinto Lamas e Jula Cláudia Gema, foram saques de R\$ 1,590 milhões no Banco Rural.

De acordo com as denúncias do deputado Roberto Jefferson (PT-BR), os saques partiram da base aliada de beneficiários do pagamento "mensalão".

O último saque foi registrado em 10 de janeiro de 2004, por parlamentares da CPI dos Correios Identificou 46 saques diferentes das contas de movimentações bancárias das agências de publicidade SMPR Comunicação e DNA Propaganda. As entidades em espécie chegaram a R\$ 2,546 milhões.

Nas análises das movimentações encaminhadas pelo Banco Rural à CPI, muitos pareceres em vão do beneficiário de um saque de R\$ 2 milhões da conta da SMPR no Banco Rural. Também foi notada

PP diz que quitou dívidas de 2002; PL não comenta

O líder do PP na Câmara, deputado José Jurema (PP), afirmou ontem que o débito dos saques em espécie efetuados por seu assessor Jula Cláudia de Corvalim Gema no Banco Rural foi usado para pagar dívidas do partido. Mas ele admitiu que os valores não foram contabilizados na prestação de contas do PP na Justiça Eleitoral.

"Infelizmente, essa não é uma coisa nova na política", disse o deputado, referindo-se à não contabilização do dinheiro.

Gema sacou R\$ 1,15 milhão entre 2002 e 2004 da conta da SMPR. Comunicando, da qual é sócio o empresário Marcos Valério Fernandes de Souza, apontado como um dos principais operadores do "mensalão" — suposto pagamento de propina a parlamentares.

Gema, ex-chefe de gabinete de Lamas e atual assessor da liderança do PP na Câmara, está em férias no Rio de Janeiro.

O PL divulgou nota na qual afirma que fez uma investigação interna. "Após a análise dos documentos, o PL se pronunciou".

O ex-tesoureiro do PL, Jacinto de Souza Lamas assou R\$ 1,35 milhão em 2003 e em 2004. Ele também não foi contabilizado ontem.



Antes de prestar depoimento, Maria Christina Mendes Caldeira (em pé) recou em Igreja de Brasília

NO PALCO
'Brasil precisa de exorcismo'

PAULO SAMPAIO

"Eu e meu ex-marido fomos a Brasília porque havia muita pressão de gente que quer tinha investido na campanha [do presidente Luiz Inácio Lula da Silva] e queria o retorno. Sei porque se soube do intercepto do Valdemar, ele não fala uma palavra em inglês."

"O Valdemar gastou US\$ 200 mil numa viagem em novembro em Punta del Este [Uruguai]. De onde saiu esse dinheiro? 70% do cofre lá de casa estava cheio de notas. 30% eram dólares, 20% reais."

Entre uma e outra declaração ao Conselho de Ética da Câmara, ontem, a socialista paulista Maria Christina Mendes Caldeira, 59, ex-cônjuge do deputado Valdemar Costa Neto, presidente do PL e acusado de envolvimento com o "mensalão", diz:

"Eu não estava muito ligada no assunto [político] naquela época. Lá souvi por acaso. Depois é que eu fui juntando os pontos. Por isso, eu só vou me meter em coisas que eu não tenho certeza de que não vão me trazer prejuízo."

Embora entretida durante o depoimento em dezembro a investigação do ex-marido, Maria Christina parecia mal encaixada. Ela se concentrou em várias ocasiões: "Eu queria de dizer 'eu não sou burro, uma hora eu preciso', pois depois afirmar que 'a fúria para não denunciar pra ninguém'."

Quando o sodalite, que preferiu ser chamado de publicista, não sabia responder às perguntas, dizia simplesmente: "Eu não vou responder a essas perguntas, eu não quero investigar".

Não era verdade. Valdemar arduamente apressado por ela a ponto de perguntar durante esse ano. "Se depois de um tempo percebi que me envolvi com um partido, não com um homem", conta. Sem medo de se jogar junta no interrogatório, afirmou: "O Valdemar mesmo disse: 'Vai, nada é por amor, não é por dinheiro'. Indivíduo."

Sobre o milênio de controvérsia de seu ex-marido, Maria Christina diz: "Ele entrou no Brasil de volta de Punta del Este, no Uruguai, com US\$ 60 mil na mala, a pedido de Valdemar. Mas depois pediu o dinheiro de volta."

Maria Christina chegou a Brasília no mês de agosto e se hospedou no hotel Bloom Plaza. Por volta das 18h de ontem, ela estava na praça perguntando ao motorista que a servir: "Onde é o Conselho de Ética?"

Ela tinha acabado de chegar da Igreja do Espírito Santo, a igreja de onde, segundo ela, tem um poder exorcista. "O Brasil precisa de um exorcismo geral. O padre João Ottoni".

De pulso, blusa e calça cinza, um espartilho de salto com corrediça, ela diz que não trocar a roupa por "algo mais leve" por causa da ar-condicionado. O que vai usar Ela recusa, mas não muito, a dizer que pretende ir com "uma calça amarela preta com o nome de Gema".

"Isso que eu não sei. Você quer me pôr de pé, mas não adianta, eu não sou", ela diz, rindo de novo, antes de voltar para o quarto do hotel.

Vinte minutos depois, um colunista-magrelado com duas malas, que se identifica como Roberto Jefferson, pergunta por Maria Christina para portar um fone.

A reportagem sobre Jurema com Jula Cláudia e Maria Christina feita em cima que Jurema e Jula estão "no salão" vem ao encontro de uma reportagem de Paulo Sérgio, de ontem, que fala que Jurema e Jula estão "no salão".

Quando de saída da esquadra, o colunista de Jula, Christina diz que a ser entrevistada, Valdemar também passou, mas não de "Doutor Jurema" para "Mr. Jurema", disse, em diálogo ao jornal "O Globo" e "Mecenas". "Não sou uma mulher burra nem almeida, eu sou um momento em que muitas mulheres são presas e se referem de que fatos espaciais", completa.

Maria Christina liga Valdemar a 'mensalão' e fala em 'várias malas'

BAHNER DRAGON

Em um depoimento marcado por reviravoltas de detalhes factuais, a publicista Maria Christina Mendes Caldeira, ex-cônjuge do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, disse ter presenciado conversas que se relacionam a este "mensalão" e afirmou ter ouvido o ex-marido pedir diversas vezes ao ex-tesoureiro da legenda Jacinto Lamas para ir a São Horizonte buscar "várias malas".

Caldeira passa por um tumultuado processo de separação com Valdemar, e quer a saída de diversos irregularidades, além de caracterizar o como uma pessoa que movimentou suas contas em dinheiro. Valdemar também processa a ex-mulher por tentativas de extorsão.

Segundo ela, Valdemar teria um "cofrinho" lotado de dólares — "não era um cofre de peregrina" —, popularizado em Curitiba, perdido só em uma noite: US\$ 500 mil em um cassino de Paraná, no Uruguai.

"De onde veio tanto dinheiro? Do governo dela, do PT não, do Delúbio, sim", afirmou, em referência ao nome do marido.

A publicista, que conviveu com Valdemar entre o início de 2002 e meados do ano passado, prestou depoimento ao Conselho de Ética da Câmara. Ela disse ter presenciado uma entrega de dinheiro de Valdemar a um deputado do PL, Romir Trindade (PL-MA).

Segundo ela, Valdemar entregou ao deputado uma mala de dinheiro em São Paulo. "Uma mala dessas que vocês recebem aí", disse, em referência à política e à Câmara contida — "várias" — resalvadas e não equipadas.

O presidente do PL, eleito por Roberto Jefferson (PT-BR) de ser um dos beneficiários do "mensalão", o suposto esquema de pagamento de mensalidade para deputados do PL e do PP.

"Acho que o PT não tem nada a ver com isso. Operação mensalão, mas acredito que tenha sido



Maria Christina Caldeira, ex-mulher de Valdemar Costa Neto

Família de sacador mora em casa modesta em BH

FREDERICO VASCONCELOS

para doá-lo e seria informado da família de João Horácio.

O economista Newton Vieira Filho, que aparece efetuando saques de R\$ 17,329,00 e R\$ 17,564,00 em agosto e setembro do ano passado, negou ter feito os saques. Por celular, Vieira Filho disse estar desempregado.

"Não vou falar nada. Não tenho nenhuma ligação", disse. Antes, ele havia divulgado o celular quando o repórter citou seu número em uma reportagem da Folha de São Paulo.

Em uma reportagem da Folha, o número da RG apresentado no Banco Rural é o da sua esposa. O celular está separado, segundo ela, que não soube informar onde Santos mora atualmente. Ela nega, no entanto, que seu marido tenha saído para si o dinheiro. "Uma mala dessas não pode sair sem a assinatura dele. Não vou saber qual o valor para a gente".

Valdemar de Souza afirmou à Folha que "Cláudio Ozeira", como é conhecido pelo amigo, é um empresário profissional e eventualmente trabalha de gestor para ele. O dono de uma empresa onde Santos fez currículos disse que também presta serviços

algumas vezes enviou o Valdemar pedir ao Jacinto para ir a BH buscar malas", afirmou, sendo questionada sobre que tipo de malas "As malas que são usadas para o alimentarem". Lamas também figurou em lista dos sacadores nas contas de Valério.

Além da quebra do mensalão, Caldeira vai acusar Valdemar de "comprar" um partido nacional e de estar reconhecido em benefício próprio. Ela reclamou ainda que o presidente do PL, Jurema, não se encontrou com o governo de Jurema em candidatura de Lula Inácio Lula da Silva. A formação sempre foi regular.

A publicista diz entender que rompiu o relacionamento com Valdemar por não concordar com "fatos espaciais" que teria presenciado. "Quando começou a questionar essas coisas, ele passou a ser extremamente violento comigo, passou a me chamar de 'Doutor Jurema' para 'Mr. Jurema', disse, em diálogo ao jornal "O Globo" e "Mecenas". "Não sou uma mulher burra nem almeida, eu sou um momento em que muitas mulheres são presas e se referem de que fatos espaciais", completa.

Figura 4 — Maria Christina liga Valdemar a 'mensalão' e fala em 'várias malas'

Fonte: BRAGON, Ranier. Maria Christina liga Valdemar a 'mensalão' e fala em 'várias malas'. Folha de S. Paulo, p. A 8, 21 de julho de 2005.

A reportagem de 14 parágrafos, publicada no jornal "Folha de S. Paulo", na página A8, em 21 de julho de 2005, está inserida em uma série de cinco matérias dispostas na mesma página sob o "selo": "Escândalo do 'mensalão'/ Hora das provas" — esse título está escrito em caixa-alta (letras maiúsculas) e em negrito. A reportagem que sustenta o título é assinada por um único

narrador/repórter (Rainier Bragon).

Para ilustrar o texto, foram utilizadas duas fotografias da publicitária e socialite Maria Christina Mendes Caldeira. Na primeira fotografia e maior, colocada no alto da página e que chama a atenção pelo tamanho, Maria Christina está em pé, segurando uma sacola plástica (o que parece ser um disparate para uma socialite), participando de uma missa em uma igreja católica de Brasília. Na segunda fotografia, a empresária aparece com outra roupa, igualmente cara, como na foto em que está na missa, com os cabelos escovados e gesticulando.

O título da reportagem: “Maria Christina liga Valdemar a ‘mensalão’ e fala em ‘várias malas’” baseia-se no depoimento dado pela empresária ao Conselho de Ética da Câmara. As palavras de Maria Christina tornaram-se uma espécie de referência simbólica para várias situações associadas ao mensalão, pois ela cita ter visto “malas de dinheiro”, um “cofrão” no qual seriam guardados objetos oriundos de negociações escusas, e afirma ter rompido o casamento com o então presidente nacional do PL, o deputado Valdemar Costa Neto (SP), por discordar de “fatos esquisitos” que presenciou. Todas as expressões destacadas aqui foram ressaltadas na reportagem por meio de aspas atribuídas à socialite.

O depoimento de Maria Christina ocorre em meio às investigações do mensalão e quando o público e o privado se misturam. A empresária colaborou ainda mais para essa mescla do público/privado ao depor na Câmara dos Deputados, expondo detalhes de sua vida íntima com Valdemar Costa Neto. Na reportagem, o narrador evidencia essa relação entre o público e o privado, no terceiro parágrafo a depoente relata que seu ex-marido mantinha um “cofrão lotado de dólares”: “Não era um cofre de porquinho”, disse ela. A relação sobre os detalhes dos investimentos supostamente com dinheiro público feitos pelo deputado e o tom ingênuo do relato levam ao riso. É a mescla do humor ingênuo com a ironia.

Outra menção ao público e privado, presente na matéria jornalística, ocorre quando o narrador conta que Maria Christina e Costa Neto vivem uma “separação tumultuada” e lembra que deputado processa a ex-mulher por “tentativa de extorsão”.

A reportagem pode ser classificada em duas categorias de humor: a ironia e a paródia. No caso, a ironia é o recurso utilizado pelo narrador para contar o episódio, enquanto a paródia também está presente, porque a personagem central da matéria é exagerada nas expressões e nos atos. O repórter se aproveita das características pessoais da personagem para jogar com as palavras.

“[...] não era um cofre de porquinho. [Era um] ‘cofrão’ [...]”, diz a socialite, em determinado trecho da reportagem. “[...] algumas vezes ouvi o Valdemar pedir ao Jacinto [Lamas, ex-tesoureiro do PL] para ir a BH [Belo Horizonte, capital de Minas Gerais] buscar malas [...] aquelas que têm andado por aí ultimamente [...]”, afirma Maria Christina, em outro trecho da reportagem. O narrador, com um texto bastante formal e seco, joga essas frases de efeito da personagem para levantar dúvidas sobre o papel de uma das principais colaboradoras do governo – Valdemar Costa Neto. A ironia é sutil, mas funciona como elo entre as referências mencionadas por Maria Christina.

A notícia seria absolutamente usual se a personagem não fosse por ela própria uma figura exagerada e teatral: com 1,78 m, corpo bem desenhado, vestida com grifes dos pés à cabeça, Maria Christina se transformou na modelo que os fotógrafos e cinegrafistas precisavam e colaborou com os

repórteres em decorrência de seus trejeitos pessoais. Na reportagem, o narrador usa de metáforas para resumir o perfil da ex-mulher do deputado. “Em um depoimento marcado por revelações de detalhes íntimos, a publicitária Maria Christina Mendes Caldeira, ex-mulher do presidente do PL, Valdemar Costa Neto (SP), disse [...]”, inicia o texto, logo no primeiro parágrafo (no *lead* da matéria).

O narrador quer, com isso mostrar uma mensagem implícita sobre a possível veracidade dos fatos relatados por Maria Christina, uma vez que ela demonstra ter tido intimidade com Valdemar Costa Neto, com quem era casada, e detalha informações, associando a outras pessoas envolvidas no mensalão. Ao introduzir a matéria com a explicação sobre quem é a socialite, o repórter prepara o leitor para o que vem a seguir.

A partir do depoimento de Maria Christina algumas expressões foram incluídas no anedotário do mensalão, como a “necessidade” de políticos terem cuidado com suas ex-mulheres, “malas de dinheiro”, “cofrão” e “fatos esquisitos”. Apesar de esta ter sido diagramada com outras quatro matérias, não há entre elas uma que mostre o lado do deputado Valdemar Costa Neto.

5.1.5 Análise 5: Jeany Mary Corner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF – Promotora de eventos que seriam bancados por Valério nega trabalhar como cafetina

ESCÂNDALO DO "MENSALÃO"/RUMO A 2006

PFL divulga nota na qual culpa o governo pela corrupção, dizendo que ela foi estimulada pela não-instalação da CPI dos Bingos em 2004

Nome da crise é Lula, afirma Bornhausen

Jeany Corner entrega agenda de telefones em depoimento à PF

Promotora de eventos que seriam bancados por Valério nega trabalhar como cafetina

MARCELO SALINAS
BRASÍLIA

A promotora de eventos Jeany Mary Corner, que ficou conhecida por organizar festas supostamente bancadas pelo publicitário Marcos Valério de Souza para políticos em Brasília, entregou ontem sua agenda telefônica durante depoimento à Polícia Federal em São Paulo.

Seu advogado João José Ramacciotti nega "peremptoriamente" que sua cliente agencie gestões de programas. A agenda entregue ontem continha telefones de autoridades que costumam contratar seus serviços.

"Não se trata de agenda e, para evitar má-fé, não especifico nomes de autoridades", afirmou Corner. Ela afirmou que as duas festas que realizou em 9 de setembro e 5 de novembro de 2003, na suite presidencial do hotel Gran Itaipava em Brasília, foram pagas pelo

empresário Ricardo Penna Machado, ex-sócio de Valério na Matúsculos.

A segunda festa, segundo Machado disse à PF em agosto, seria uma "recepção surpresa", para celebrar o aniversário do ex-secretário-geral do PT Sérgio Vieira, que não teria comparecido. Em nota divulgada em agosto, Valério negou que tivesse "colaborado no financiamento de festas para políticos com participação de garotas de programa".

Outrem, o advogado negou que Jeany tenha trabalhado para autoridades de Brasília. "A dona Jeany não criou nome de nenhum parlamentar no depoimento. Até porque ela não sabe quem participou dessas festas. Ela não as acompanhou".

Ramacciotti não soube dizer o número de recepcionistas que trabalharam nas festas, mas afirmou terem sido "de dez a 20". Também não soube informar o custo total dos serviços, mas disse que "cada recepção custa R\$ 150". Comida e bebida são cobradas à parte, disse.

Em seu depoimento à PF, Machado, que afirmou ter participado de festas a mando de Valério, declarou ter pago R\$ 27 mil.



Jeany Corner chega para depor à PF, ontem, em São Paulo

LUIZ FRANCISCO

BRASÍLIA

Em nota oficial divulgada ontem, o PFL responsabiliza o governo pela crise política e critica o comportamento do presidente Lula desde a saída da Síria.

A nota do partido sustenta que o PFL considera que foi por culpa do governo, impediendo a CPI dos Bingos em 2004 (quando ocorreu o caso Waldomiro Vieira), que a corrupção se sentiu estimulada, tornou-se arrogante, oportuna na impunidade e muitos se insubordinaram, impedindo correções de rumo e o punição dos culpados antes que a acumulação de complacências tornasse irremediável o tempo que resta do mandato do presidente Lula.

Antes da divulgação da nota, o presidente do partido, Jorge Bornhausen (SC), também criticou duramente o presidente. "A crise e a corrupção têm um só nome: Lula", disse o senador. Assinado pela Executiva Nacional do PFL, a nota foi uma resposta ao PFL, que acusou a oposição de "golpistas e demagogos". "O PT está tentando a deslegitimação em deslealdade", acrescentou Jorge Bornhausen. "Não somos os responsáveis pelo festival de demagogos no país. O PT quer desviar a atenção, fazer um mal de cabeça que não dá".

Para o PFL, as instituições estão fortes e a economia, "grças aos trabalhadores, aos empresários brasileiros e ao crescimento nacional, continua com números razoáveis, apesar de governo atrapalhar o setor produtivo com o aumento de tributos e juros exorbitantes", afirmou o texto.

"Se o governo Lula, sem programas e planos, mergulhado na improvisação, mantendo programas sociais falhos (caso da Fobafamília) e sob absoluta falta de coordenação, desqualifica-

Serra diz querer deixar presidência do PSDB até 2006

CARLOS FORTES/REUTERS

O prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), disse ontem que não pretende permanecer na presidência de seu partido e defende eleições internas em novembro. "Sou presidente há 10 anos, estou licenciado, não quero continuar até o ano que vem", afirmou.

Serra afirmou que a disputa interna tem importância na opção pelo candidato do partido à Presidência da República, mas que a escolha será consensual. "Nunca houve disputa no PSDB sem eu querer", declarou.

Há mais de um ano, porém, querendo a vaga, como o governador de São Paulo Geraldo Alckmin.

Serra se diz feliz em saber que as pesquisas o apontam como favorito na disputa presidencial, mas afirma que a questão ainda precisa decidir.

(044.8970)

se e se arrasta pateticamente", diz outro trecho da nota.

Sem moral

O deputado Maurício Ramos (PT-PE) disse que Bornhausen não tem "moral" para criticar Lula. "O senador colacione seu preceito no poder e demonstre desprezo pelas causas populares. Além, sistematicamente, de estar com dor de cotovelo".

Figura 5 - Jeany Mary Corner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF - Promotora de eventos que seriam bancados por Valério nega trabalhar como cafetina.

Fonte: SALINAS, Marcelo. Jeany Mary Corner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF. **Folha de S. Paulo**, p. A 9, 23 de setembro de 2005.

A reportagem, acima descrita, reúne nove parágrafos e foi publicada no jornal "Folha de S. Paulo", em 23 de setembro de 2005, na página A 9. A matéria ocupa a metade superior da página e tem como ilustração uma fotografia de corpo inteiro de Jeany Mary Corner. Na fotografia, a agenciadora de garotas de programa para festas destinadas a políticos e empresários em Brasília

aparece usando óculos escuros que tapam parte de seu rosto, assim como casaco leve e vestido decotado. Usa pulseiras de bijuteria grosseira e segura uma bolsa grande. De expressão facial fechada, Jeany passa a impressão de poucos amigos. A reportagem é diagramada entre fios, em um *box*, que se destaca em meio a outras duas notícias também relacionadas ao mensalão.

A inclusão de Jeany Mary Corner nas investigações do mensalão levou à suspeita de que o dinheiro do empresário Marcos Valério de Souza era utilizado também para promover festas, em Brasília, nas quais garotas de programa eram contratadas para divertir os convidados. Jeany seria a agenciadora das garotas, porém ela e seu advogado negam as acusações. Na reportagem, o narrador/repórter (Marcelo Salinas) trata Jeany como “promotora de eventos”, tal qual ela se apresenta e autodenomina.

A reportagem foi classificada em duas categorias de humor: ironia e sátira. A ironia está presente ao longo do texto e na linguagem subliminar, utilizada pelo narrador. No mesmo parágrafo em que o narrador conta que a promotora de eventos entregou à Polícia Federal sua agenda telefônica, na qual suspeita-se haver uma lista com mais de 50 números de autoridades, ele informa que ela é acusada de participar das organizações de festas financiadas pelo empresário Marcos Valério.

“A promotora de eventos Jeany Mary Corner, que ficou conhecida por organizar festas supostamente bancadas pelo publicitário Marcos Valério de Souza para políticos em Brasília, entregou ontem sua agenda telefônica durante depoimento à Polícia Federal, em São Paulo”, diz o texto, logo no primeiro parágrafo (*lead* da matéria). Com isso, o narrador informa, subliminarmente, que a agenda dela é um importante documento para as investigações sobre o mensalão.

Apesar das negativas de Jeany e seu advogado, o repórter discorre sobre as suspeitas quando descreve (no quinto parágrafo) que a cafetina teria organizado duas festas em Brasília, nos dias 9 de setembro e 5 de novembro, ambas em 2003. Sem citar a origem da informação, o narrador conta, ainda, que as festas foram financiadas por Ricardo Penna Machado, ex-sócio de Marcos Valério. Entre aspas, a segunda festa é definida como “recepção surpresa” para celebrar o aniversário do Sílvio Pereira, ex-secretário geral do PT.

Com uma ironia fina, o narrador relata que o advogado de Jeany não soube dizer quantas funcionárias - que ele chama de recepcionistas - trabalham para sua cliente nos eventos que organizava. Segundo o repórter, o advogado também não conseguiu detalhar qual o valor de um evento organizado por Jeany, o profissional apenas comentou de forma geral quanto recebe cada recepcionista. “[...] cada recepcionista custa R\$ 150 [...]”, diz o texto, reproduzindo aspas do advogado.

O narrador joga com as palavras ao informar as negativas de Jeany e de seu advogado, associando-as às informações obtidas pela Polícia Federal nas investigações. A contraposição ainda é colocada no último parágrafo do texto quando o repórter informa que o ex-sócio de Marcos Valério declarou aos policiais ter patrocinado as festas, que são negadas por Jeany, gastando cerca de R\$ 27 mil com elas.

A intervenção do narrador nesta reportagem é sutil, mas o suficiente para ele levantar dúvidas sobre as afirmações de que Jeany não mantinha vínculos com prostituição nem com festas destinadas a autoridades. Ao apontar as evasivas do advogado, o repórter evidencia a ironia, quando menciona que o número de recepcionistas citadas pelo profissional “de 10 a 20”, algo superficial e sem

detalhes.

Em momento algum do texto, o narrador é claro, chamando Jeany de cafetina, mas o substantivo é empregado no *soutien* matéria: “Promotora de eventos que seriam bancados por Valério nega trabalhar como cafetina”. No terceiro parágrafo da reportagem, o advogado dá voz à Jeany, ao dizer que ela não conhecia Marcos Valério. A própria Jeany não aparece falando em momento algum do texto.

A reportagem sobre a agenda de Jeany ganhou destaque no noticiário do mensalão em decorrência dos mais de 50 números de telefone e nomes que estariam nela e seus eventuais donos. A partir dessas informações surgiram piadas sobre os efeitos da agenda em Brasília e as repercussões disso nas casas dos políticos e empresários que freqüentavam as festas organizadas pela cafetina.

5.1.6 Análise 6: Após dança da impunidade, deputada do PT se desculpa

"MENSALÃO"/IMPUNIDADE

Angela Guadagnin diz que manifestou alegria com absolvição, mas não quis desrespeitar povo

Após dança da impunidade, deputada do PT se desculpa

SILVIA FREIRE
EVALUACIONISTA

A deputada federal Angela Guadagnin (PT-SP), 57, pediu desculpas ontem a quem viu a entrevista como deboche os passos de dança feitos por ela na plenária da Câmara logo após o anúncio da absolvição da colega deputada, Joana Magalhães (PT-MG), na madrugada de quinta-feira.

Guadagnin diz que não fez exatamente uma dança, mas "uma manifestação de alegria".
"Ninguém me obrigou a levantar do meu lugar e fazer aquela coisa", afirma a petista. "Você se aproxima a dar um abraço no João Magalhães, vai se a puxar".
"Não estava dançando, nem debochando, nem escarneando da opinião pública, muito menos dos deputados", afirma.

"Foi uma manifestação de amizade e de alegria, que não tem nada a ver com desrespeito com a Câmara, com o cidadão, com o eleitor", afirmou a deputada.

Outra, a deputada passou parte do dia dando entrevistas em São José dos Campos (RJ) e no nordeste de São Paulo, sua base eleitoral, e disse que não imaginava que sua "manifestação de alegria" teria repercussão que teve.

"A quem se sentiu ofendida com a minha manifestação de alegria, eu peço desculpas", disse.

Guadagnin é petista e foi professora de São José dos Campos entre 1993 e 1996. Em 1998, foi eleita deputada federal e reeleita em 2002. Em 2000, tentou voltar para a prefeitura, mas foi derrotada.

Apesar da comemoração pela absolvição de Magalhães, a deputada reconheceu a suspensão do mandato do deputado por um mês, mas que foi votado vencido.

Para Guadagnin, alguns dos deputados submetidos ao Conselho de Ética cometeram irregularidades —mas irregularesidades cuja gravidade não justificava a suspensão do mandato. A deputada citou os deputados Profimar Ladeira (PT-SP), Rômulo Queiroz (PT-MG) e Wanderlei Santos (PT-SP). Todos foram absolvidos em plenária, apesar de o relatório do Conselho de Ética recomendar a cassação.

"Foi para plêniário a cassação ou a suspensão de deputado. A comissão do plêniário era que as irregularidades cometidas não eram suficientes para a cassação, do número de deputados absolvidos", disse Guadagnin.

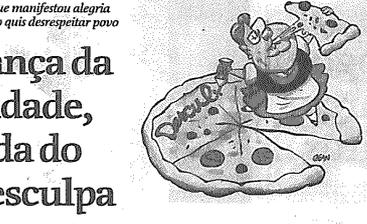
Para a deputada, existe uma pressão da mídia para a cassação de todos os envolvidos no "mensalão", independentemente da participação que tiveram e que influenciou a opinião pública.

Sobre sua atuação no Conselho de Ética, Guadagnin disse que agiu "com coerência e em defesa do processo democrático". Ela é a única representante do PT no conselho e pediu vistas a vários processos, incluindo votações.

"Tenho me manifestado no Conselho de Ética de uma forma a defender a democracia, a defender os procedimentos do processo e que o direito de defesa, de contradição, seja respeitado. O Juri foi o plêniário", disse.

ALTERNATIVA

"Foi uma manifestação de amizade, de alegria, que não tem nada a ver com desrespeito com a Câmara, com o cidadão, com o eleitor"
ANGELA GUADAGNIN



Angela Guadagnin concede entrevista em São José dos Campos

Oposição quer pedir punição da deputada

CYNTHIA GABIRA
DA SECRETARIA DE MARIAGEM

A dança da deputada Angela Guadagnin (PT-SP) no plenário da Câmara mobilizou cinco partidos, que se reúnem na próxima terça-feira para cobrar uma atitude do presidente da casa, deputado Adão Ribeiro (CC do PSB). Guadagnin chocou eleitores ao comemorar com passos de dança e sorrisos a absolvição do deputado João Magalhães (PT-MG), acusado de receber dinheiro do viciado na noite da última quarta.

PT, PSDB, PV, PPS, PSOL, que nem fizesse uma punição contra o gesto da deputada. "Chegamos no final do popô", disse o líder do PT na Câmara, Rodrigo Maia (RJ), que falou com Jairaj Júnior (PSB-BA) e com Fernando do Gabreta (PV-RJ). "Foi das coisas que não dá pra não falar. Estamos no limite do nosso direito".

"Vamos exigir uma resposta com relação a esse artigo da deputada", disse Gabreta. "O erro não é a punição, é a comissão foi protelada". Segundo assessores de parlamentares, os membros da Câmara ficaram isolados de mensagens de apoio de eleitores. "O melhor que ela faz é arrastar um emprego de dançarina do viciado", disse o deputado Alberto Goldman (PSDB-SP), referindo-se ao futuro político da deputada.

"Foi um erro, mas foi erro cometido", disse o vice-líder dos tucanos na Câmara, deputado Ramonck Aida (CDB). Ele considerou a dança um "deboche".
"Entre os parlamentares, a Maria da Paz" já é parte do debate sobre se punir ou não. "Essa punição não é o suficiente", disse Jairo Gomes (PT-BA), acusado de envolvimento no "mensalão". Na próxima semana, Gabreta vai propor que o parlador discuta uma estratégia para a cassação do deputado João Paulo Cunha (PT-SP). "Queremos fazer uma coisa para evitar a vitória de João Paulo".

A defesa do voto aberto nos processos de cassação ganhou força depois dos "passinhos infantis", maneira como o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ) se referiu à dança. A Frente Parlamentar contra o Voto Secreto promete entregar a Aida na próxima semana milhares de assinaturas pedindo a votação aberta na Câmara.

"Todo mundo perdeu a vergonha, ninguém fez mais constrangimento com sua própria postura", disse a deputada. Manifesta (PSOL-PR). Ela acha, porém, que a repercussão foi maior por se tratar de uma deputada. "Se a Angela fosse homem e esse homem tivesse enviado passos no plenário, o caso teria outra dimensão", disse.

Para o presidente do Conselho de Ética, deputado Ricardo Izar (PTB-SP), a dança não foi um deboche, mas sim uma forma de comemorar a absolvição de um amigo. "Ele não tem nada a ver com desrespeito", disse.

Em São Paulo, o prefeito José Serra (PSDB) criticou a atitude. "É um espetáculo que pode parecer engraçado, mas eu fiquei até triste de ver aquilo, já que estou por 16 anos no Congresso". "Foi o momento de comemorar a impunidade".
O governador Geraldo Alckmin classificou a dança de um "deboche contra o cidadão". "É lamentável o que temos visto no país nos últimos tempos".

Quem quiser e quiser de mais...
Repercussão local

A expressão corporal da decadência

COMENTÁRIO

MARCOS AUGUSTO GONCALVES
EDITOR DA VITÓRIA

A decadência moral do PT e do Congresso encenou-se ontem na expressão corporal da deputada Angela Guadagnin (PT-SP) para festejar mais um sucesso da ética na política brasileira. Um strip-tease da revolução parlamentarista não está mais chocante.

A indecência televisiva de "caminhadinha mais saltitante" (como a parlamentar definiu a coisa) ficou como um dos símbolos do ruidoso marulho de um partido que se apresenta à sociedade como guardião dos bons costumes e reformador da "política estratificada".

Mais do que a conhecida falsificação petista, o rebeldado enocelado pela deputada explicou o grau de indignidade e desfez o que a chamada política de hoje não paralisou no Congresso, em 1964: a ética institucionalizada e a inocência.

Assim, a que se comemorou foi o resultado de um vacacionismo pacato em favor da impunidade que nossos supostos representantes firmaram para salvar a pele de corrupção. A mensagem não poderia ser pior. A ballarina deveria ser banida da política, assim como todos aqueles que, sustentados pela sociedade, fazem da vida pública um negócio sócio para ganhar propina e dinheiro.

PERFIL

Deputada petista propôs a criação do Dia do Saci

RECORDE DE BRASIL

Em quase um ano de crise política, a deputada Angela Guadagnin (PT-SP) afirmou-se como a defensora número um das acusações do "mensalão". Graças ao partido deve dissipar verbas e casar delatores para ajudar em uma rejeição que se tornou incerta.

Ela está no segundo mandato. Médica pediatra, especializou-se na aprovação de projetos relacionados à saúde, mas também apresentou projetos criando o Dia do Saci, proibindo a utilização de animais em circo e restringindo a publicidade de bebidas alcoólicas.

Cadênia praticante, é ferrenha adversária da desregulamentação do aborto e da pilula do dia seguinte. Indefiniu, contudo, estratégias sobre pesquisas com células-tronco e destino da maioria da sua bancada votando contra a Lei de Biosegurança em 2005.

Antes de chegar à Câmara, era uma ativista em nomeada pelo PT. Entre 1993 e 1996 foi professora de São José dos Campos (SP), onde enfrentou problemas com a Câmara, mas conseguiu manter de um impeachment. Em 1997 venceu no voto do primeiro grande ex-candidato petista, o caso Clemente Paulo de Barros Verdelina, seu ex-secretário de Fazenda, denunciado um esquema de caixa dois no partido. Nada foi provado contra ela.
No Conselho de Ética, suas manobras procedidas em processo já viraram parte do folclore.



Figura 6 – Após dança da impunidade, deputada do PT se desculpa

Fonte: FREIRE, Silvia. Após dança da impunidade, deputada do PT se desculpa. **Folha de S. Paulo**, p. A 10, 25 de março de 2006.

"MENSALÃO"/DANÇA DA IMPUNIDADE



CONTRA
Petista despreza opinião pública com celebração

LEANDRO BEGUOCI
CORREIO

O ballada da deputada petista Ângela Guadagnin (SP) revela o cinismo dos parlamentares pela opinião pública e pela própria consciência. Ela é a avaliação de advogados, cientistas políticos, juizes e professores ouvidos pela Folha.

"Uma investigação só tem legitimidade quando demonstra respeito por si mesma", diz o cientista político Lúcio Martins Rodrigues. Roberto Bussio, presidente da OAB, acha que a dança, no contexto da impunidade, é uma falta grave e uma afronta: "A deputada quebra o decoro parlamentar, mas o decoro técnico, mas o moral". Ambos avaliam que o Congresso perde muito com os gestos da deputada.

Il Rodrigo Collao, presidente da AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros), e Cândido Mendes, reitor da Universidade Cândido Mendes e embaixador de longa data do presidente Lula Inácio Lula da Silva, demonstram preocupação com as concepções que o gesto de Guadagnin provocou na opinião pública.

Collao afirma que o Congresso está criando um padrão de emulação muito baixo. "Mas não temo de encetar isso com intuito de não nos conformarmos com isso", Mendes diz que "os passos não são um convite ao cinismo, sendo ao voto não", "Nunca tivemos um Congresso tão demercedor da opinião pública".

Por fim, Claudio Weber Abramo, diretor-executivo da Transparência Brasil, ONG dedicada a combater a corrupção, e Roberto Romano, professor de filosofia da Unicamp, preferem comentar o simbolismo da dança.

Abramo diz que Guadagnin "mostrou uma banalidade para todos nós e tripudiou sobre a opinião pública". Ele não aceita os pedidos de desculpas da deputada: "O que ela fez é indesculpável".

Roberto Romano analisa o gesto da deputada como um "desrespeito à cidadania". Ele conta "que na Grécia Antiga, quando os deuses queriam perder uma pessoa, a enlouqueciam". Ele usa a história para exemplificar o que aconteceu com a petista. "É a dança do deboche, uma manifestação de insensibilidade. Fiquei estupefocado".

A FAVOR
Analistas vêem exagero na reação à 'dança'

DA REPORTAGEM ILLUSTRADA

Alguns analistas ouvidos ontem pela Folha afirmaram que a atitude da deputada federal Ângela Guadagnin (PT-SP) de dançar no plenário da Câmara em comemoração à absolvição de seu colega João Pinheiro (PT-MG) — ocasião de receber recursos do "mensalão" — ainda que "exagerada" ou "infantil", representou um fato menor, e que a reação a ele é que foi exagerada e marcada por uso de critérios diferentes para o PT e para a oposição.

Fabiano Santos, professor de Inepi (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), afirmou que a "dança" de Guadagnin é um tema "irrelevante". O único problema que ele disse ter visto no gesto da deputada foi a sua falta de percepção de que, hoje, "nada o que o PT faz pode ser voltado contra o PT". "Qualquer coisa."

"Se não tem a menor relevância, ela é uma pessoa sã. Está fazendo um exagero completo", declarou Santos.

A opinião é parecida com a do sociólogo Einar Sader, que disse não ver maiores problemas no gesto. "Dançar no Congresso não é das coisas mais vexatiosas que têm acontecido por lá."

Dura de acreditar? "Desproporcional". "A imprensa quer espalhar o tema das CPIs quando elas estão terminando", disse.

A socióloga Maria Victoria Bonavides, militante histórica do PT, disse a princípio que a melhor atitude diante do ocorrido seria a de "manter um piedoso silêncio".

Mas depois Bonavides afirmou que o gesto da deputada federal, embora "inapropriado" e "infantil", era provavelmente resultado de horas de estresse e cansaço, e "muito menos grave do que outros, como, por exemplo, o senador Arthur Virgílio (PSDB-AM) vir ao microfone e dizer que vai dar uma surra no presidente da República".

Seu colega ministro Fábio Vantondy (PSB) também se recusou a comentar a deputada. "Acho que as pessoas estão exagerando. Já me viro coisas muito mais feias, como a greve dos desbravadores de Minas Gerais contra as resoluções do CNJ [Conselho Nacional de Justiça]. Mas, evidentemente, a deputada exagerou", de disse.

FRASE

Na Grécia Antiga, quando os deuses queriam perder uma pessoa, a enlouqueciam. (...) A dança é do deboche, uma manifestação de insanidade. Fiquei estupefocado por isso mesmo professor da Unicamp

FRASE

[Esse gesto] é muito menos grave do que outros, como, por exemplo, o senador Arthur Virgílio (PSDB-AM) vir ao microfone e dizer que vai dar uma surra no presidente da República

Novo Vectra com pagamento parcelado. Agora ficou mais fácil ter um.

Vectra Elegance a partir de entrada + 24x R\$ 699 + parcela final

REDE CHEVROLET CONTE COMIGO

www.chevrolet.com.br SAC: 0800 702 4200

Figura 7 – Mensalão/Dança da Impunidade” - petista despreza opinião pública com celebração - Ângela Guadagnin diz que manifestou alegria com absolvição, mas não quis desrespeitar povo

Fonte: BEGUOCI, Leandro. Mensalão/Dança da Impunidade. **Folha de S. Paulo**, p. A 11, 25 de março de 2006.

A reportagem que sustenta a matéria reúne o texto principal, com 13 parágrafos, que foi publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, em 25 de março de 2006, nas páginas A 10 e A 11. A matéria foi diagramada em um formato diferente do usual, pois há seis reportagens inseridas em duas páginas com sub-títulos, entre elas uma análise de um comentarista da editoria Ilustrada (que trata de temas de cultura e televisão). Na página A 10, há uma fotografia em primeiro plano da deputada Ângela Guadagnin (PT-SP), disposta à direita da página, e uma charge de uma pizza em tamanho gigante

sendo devorada por uma mulher obesa e semelhante fisicamente à parlamentar, que foi colocada bem ao centro da página. Já na página A 11, foi feita uma diagramação denominada de filme, na qual quatro fotografias diferentes são expostas na horizontal, como se uma completasse a outra, nas quais Ângela Guadagnin aparece comemorando e dançando em celebração à absolvição do colega João Magno (PT-MG). A comemoração passou a ser conhecida como a “dança da pizza” ou “dança da impunidade”, depois disso, a deputada disputou a reeleição e foi derrotada nas urnas.

Na página A 10, a notícia que sustenta o título ocupa a primeira coluna de uma série de três (colunas), sendo que a última delas está dividida em duas faixas de reportagens. Já na página A 11, não há título em destaque, apenas sub-títulos, dando a entender que é uma continuidade da página anterior. Em ambas as páginas, o “selo” que registra as reportagens referentes ao escândalo aparece, escrito em caixa alta (letras maiúsculas) e em negrito: “Mensalão/Impunidade”, na página A 10; “Mensalão/Dança da Impunidade”, na página A 11.

A diagramação incluiu ainda um “olho” (frase destacada) referente a um comentário da deputada. “[...] foi uma manifestação de amizade, de alegria, que não tem nada a ver com desrespeito com a Câmara e com o cidadão, com o eleitor”, afirmou Ângela Guadagnin, no texto destacado da reportagem, na página A 10. E, mais dois “olhos” na página A 11, dessa vez com frases de especialistas. “Na Grécia Antiga, quando os deuses queriam perder uma pessoa a enlouqueciam [...]”. A dança é do deboche, uma manifestação de insanidade, fiquei estomagado”, diz Roberto Romano, professor da Universidade de São Paulo (USP), segundo o destaque na página. Em seguida, há outro “olho” na página A 11. “[Esse gesto] é muito menos grave do que outros, como, por exemplo, o senador Arthur Virgílio vir ao microfone e dizer que vai dar uma surra no presidente da República”, afirmou a socióloga Maria Victoria Benevides, na frase destacada.

No total, as seis reportagens são escritas por diferentes narradores (Sílvia Freire, Cynthia Garda, Marcos Augusto Gonçalves e Leandro Beguoci), sendo que em duas delas não há assinaturas. As reportagens são incluídas em quatro categorias de humor: a ironia, sátira, o grotesco e o sarcasmo. Na matéria principal, a narradora conta que a deputada pediu desculpas por ter comemorado de forma esfuziante a absolvição do colega de partido. Irônica, a repórter diz que a deputada negou ter feito uma dança (embora as imagens comprovem exatamente o oposto), mas uma “manifestação de alegria”, relata a narradora ressaltando a frase entre aspas.

A ironia na imprensa, como advertem Motta¹¹⁷ e Gomes¹¹⁸, é um mecanismo utilizado pelos jornalistas/narradores para ridicularizar o política e a política, colocando-o em uma espécie de patamar mais elevado. Nesta reportagem o recurso é aplicado em mais de uma vez, quando as explicações da deputada são apresentadas de forma pouco convincente. Também com ironia são feitas referências de parlamentares de oposição que criticaram a reação de Guadagnin.

Já na segunda matéria, diagramada ao lado da principal, a oposição defende a punição da deputada do PT “[...] chegamos ao fundo do poço [...] foi uma das piores imagens que já vi no

¹¹⁷MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006.

¹¹⁸GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

Parlamento”, resumiu o então líder do PFL na Câmara, Rodrigo Maia (RJ), segundo o trecho da reportagem. No caso a ironia está presente no discurso de Maia. A narradora dá voz à sua tese de sarcasmo ao sustentar com palavras em *on* de lideranças políticas, como o deputado Bismarck Maia (PSDB-CE). “Foi um escárnio. Fiquei envergonhado [...] [Foi um] deboche”, disse o deputado do PSDB, segundo um dos trechos da matéria.

Tanto na primeira como na segunda reportagem as narradoras têm intervenções sutis nos textos, elas buscam sustentar suas ironias e sarcasmos com afirmações de parlamentares que explicitam o que está sendo relatado de forma implícita. A sátira surge na forma como o conjunto de reportagens foi paginado/diagramado pelo jornal. O grotesco, que joga com os defeitos físicos e os diferenciais aparentes, também é utilizado não só pelas narradoras, como também pelo veículo. A prova disso é a charge da mulher gordinha, em uma referência à deputada, saboreando a pizza. Sobre peso, a deputada é retratada de forma ridícula na imagem e comendo a pizza, que representa que a onda de denúncias oriunda do “mensalão” não levou a punições. A reportagem é ilustrada ainda pelo o que se chama em diagrama de “filme” com a disposição de quatro fotografias, indicando seqüência cronológica, em que Ângela Guadagnin aparece dançando. A sátira está presente nas imagens, na diagramação e no “selo” contido nas duas páginas (A10 e A11) quando indica o mensalão e a impunidade. O que caracteriza a sátira é o exagero e o tom picante tudo isso está bastante evidente nesses aspectos.

Na página A 11, a “Folha de S. Paulo” destinou a dois especialistas para que comentassem sobre as comemorações de Ângela Guadagnin. Na primeira matéria, os especialistas ouvidos condenam a celebração e a forma como a deputada a fez, já na segunda reportagem, outro grupo de intelectuais nega que tenha ocorrido exagero na dança da petista e aponta outras situações reúna sete parágrafos e a segunda, cinco. Em ambas foram destacados “olhos” que considera mais graves. As duas notícias têm o mesmo tamanho: embora a primeira valorizando as aspas dos especialistas com posições opostas.

Na matéria que critica a posição da deputada, o narrador aparece assumindo o discurso de suas fontes, tanto é que usa de ironia ao definir o episódio chamando a celebração de Ângela Guadagnin de “bailado”. A intervenção do repórter aparece claramente apenas no primeiro parágrafo da reportagem (no *lead* da matéria). Nos demais parágrafos, ele cede a palavra para as fontes. Já na segunda reportagem (sem assinatura de narradores), o texto é seco e direto. Há pouco espaço para o narrador se posicionar, ele se limita a sintetizar o que pensam os especialistas ouvidos pelo jornal, que evitam condenar a atitude da petista.

A comicidade nessas reportagens ganha força pelas intervenções dos narradores, a paginação das matérias, a diagramação escolhida pelo veículo, as imagens da charge da gordinha devorando a pizza e as fotos da deputada dançando sorridente.

Em análise, pode-se afirmar que o efeito de sentido obtido junto ao leitor seria o de desprezo pela política, provocados pela ironia, o sarcasmo, a sátira e o grotesco. A impressão é que esses recursos levam o leitor a ter uma imagem pública da política manchada e, quem sabe, há uma afirmação sobre a superioridade ética do jornalismo sobre a política. Para Motta, é a permanente disputa entre o campo dos mídia e o campo da política. São dois campos que disputam hegemonia

ética (e política, em última instância).

Outro detalhe fundamental contido na diagramação desta reportagem, publicada em página dupla, é que as matérias foram dispostas de forma entrecortada – como fatias de pizza. Entre uma “fatia de pizza” e outra, ou seja, entre as matérias há como pano de fundo a publicidade do automóvel Vectra cujo mote é “Novo Vectra com pagamento parcelado. Agora ficou mais fácil ter um”.

O mote do comercial do Vectra sustentando a reportagem que trata do mensalão é uma mensagem subliminar sobre a presença do escândalo caracterizado pelo pagamento regular, em dinheiro, a seus colaboradores. No comercial do automóvel o que se oferece é justamente uma nova forma para obter o modelo de carro por meio de um pagamento parcelado e “mais fácil”.

5.1.7 Análise 7 : Olho roxo por 'Vingança'

O PAÍS

CRISE POLÍTICA

Jefferson usa agora intimidação

Petebista acusa integrantes da CPI de sonegar gastos de campanha e admite que faz o mesmo

Maria Lima e Fernando de La Peña

BRASÍLIA. Em seu primeiro depoimento na CPI dos Correios, o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) pediu para cima de deputados e senadores, anunciando que levava em caixa as prestações de contas de campanha de todos os integrantes da comissão. Jefferson disse que os políticos brasileiros burham a Justiça Eleitoral em suas prestações de contas e admira que faz o mesmo.

Olhando para as câmeras e se dirigindo ao "povo brasileiro", disse que não há campanha de deputado que custe menos de R\$ 1 milhão, mas que a média das prestações apresentadas nos tribunais eleitorais é de R\$ 100 mil. O próprio Jefferson declarou ao Tribunal Superior Eleitoral ter custado apenas R\$ 141.900 em 2002.

Segundo ele, nenhuma candidatura ao Senado custa menos de R\$ 2 milhões em R\$ 3 milhões, mas a média das prestações é de R\$ 250 mil. De fato, recentemente foi divulgado o relatório, porém, o presidente da CPI dos Correios, senador Delcídio Amaral (PT-MS), declarou ter gastado R\$ 1,1 milhão em 2002. Já o relator, deputado César Sérgio (PMDB-PE), declarou gastar R\$ 292 mil.

Esses processos começam na mesa e desliza no PC Fátima, no Instituto Soares e nos outros comunistas. — disse Jefferson, completando.

A campanha mais milionária de todo o país foi a do PT, mas as da Jefferson e da Justiça Eleitoral não tendem a realidade, nem a média, porque ela é igual à dos senhores.

Acaração com Dirceu e Pereira
• O chefe da Casa Civil José Dirceu (PTSP) não apareceu para se defender, embora Jefferson insistisse a acusá-lo de comandar, juntamente com o secretário-geral do PT, Silvo Pereira, o tesoureiro, Delbino Soares, a empresa de indicação para cargos públicos. A pedido do senador Jefferson (PTB-RJ), Delcídio aprovou o requerimento de acaração entre Jefferson e Dirceu.

Freixo, Euren e Sérgio Freixo.

Com um torço nas mãos, Jefferson pediu para cima dos deputados e senadores, mas repetiu as denúncias de que a Ação Educadora Brasileira de Iniciação (AEBI) é uma organização política que levava em caixa as prestações de contas de campanha de todos os integrantes da comissão. Jefferson disse que os políticos brasileiros burham a Justiça Eleitoral em suas prestações de contas e admira que faz o mesmo.

Olhando para as câmeras e se dirigindo ao "povo brasileiro", disse que não há campanha de deputado que custe menos de R\$ 1 milhão, mas que a média das prestações apresentadas nos tribunais eleitorais é de R\$ 100 mil. O próprio Jefferson declarou ao Tribunal Superior Eleitoral ter custado apenas R\$ 141.900 em 2002.

Segundo ele, nenhuma candidatura ao Senado custa menos de R\$ 2 milhões em R\$ 3 milhões, mas a média das prestações é de R\$ 250 mil. De fato, recentemente foi divulgado o relatório, porém, o presidente da CPI dos Correios, senador Delcídio Amaral (PT-MS), declarou ter gastado R\$ 1,1 milhão em 2002. Já o relator, deputado César Sérgio (PMDB-PE), declarou gastar R\$ 292 mil.

Esses processos começam na mesa e desliza no PC Fátima, no Instituto Soares e nos outros comunistas. — disse Jefferson, completando.

A campanha mais milionária de todo o país foi a do PT, mas as da Jefferson e da Justiça Eleitoral não tendem a realidade, nem a média, porque ela é igual à dos senhores.

Acaração com Dirceu e Pereira
• O chefe da Casa Civil José Dirceu (PTSP) não apareceu para se defender, embora Jefferson insistisse a acusá-lo de comandar, juntamente com o secretário-geral do PT, Silvo Pereira, o tesoureiro, Delbino Soares, a empresa de indicação para cargos públicos. A pedido do senador Jefferson (PTB-RJ), Delcídio aprovou o requerimento de acaração entre Jefferson e Dirceu.



NO DEPOIMENTO DE Jefferson na CPI, enfermista faz um curuleiro em seu olho esquerdo, onde é deputado pelo 20º distrito.

Olho roxo por 'Vingança'

Estante teria caído quando Jefferson buscava CDs de Lupicínio Rodrigues

BRASÍLIA. Com uma aparência de quem parecia ter acabado de sair de um ringue de boxe, o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) causou espanto quando surgiu com o olho esquerdo roxo, sangrando, cheio de hematomas e inchaço estranho. Foi difícil convencer a todos que os machucados eram resultado de um acidente doméstico ocorrido na última segunda-feira.

— Ele ficou uns cinco minutos deitado no chão, em contato com móveis e o terrazzo para uma cirurgia de emergência. Laura Carneiro (PTB-RJ), que fora visitada em sua casa, quando ele foi apalpar uma caixa de CDs de Lupicínio Rodrigues — compositor de "Vingança", entre outros

canções — uma enorme estante de suspenção desabou sobre ele e o não escapou suas pernas porque uma escaninha agarrou o nível. Atirado em cheio no rosto, teve um choque, provocado por alguns minutos, disse ele. — Chegou a ficar descontrolado por alguns minutos, disse ele. — Ele ficou uns cinco minutos deitado no chão, em contato com móveis e o terrazzo para uma cirurgia de emergência. Laura Carneiro (PTB-RJ), que fora visitada em sua casa, quando ele foi apalpar uma caixa de CDs de Lupicínio Rodrigues — compositor de "Vingança", entre outros

A hipocrisia

• A prestação de contas da campanha de 2002 apresentada pelo deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) está disponível na página do Tribunal Superior Eleitoral e soma apenas R\$ 141.900. Ele seria, portanto, um dos hipocritas, como se referiu a integrantes da CPI. Seu maior doador declarou ser fabricante de armas Taurus, com total de R\$ 50 mil. Jefferson é tido como integrante da chamada bancada da balala. Entre os doadores está também o empresário CIPCO, com R\$ 30 mil.

Table with columns: Nome, CPF, Valor, Data, etc. It lists various donors and their contributions to the campaign.

Conselho também quer quebrar sigilo

Relator diz que há evidências, mas faltam provas do pagamento do mensalidade. O relator do Conselho de Ética da Câmara, João Carneiro (PTB-BA), anunciou ontem, após o depoimento do ex-deputado do PP Pedro Henry (MT), que vai pedir a Mesa a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) do empreendimento Marcos Valério de Souza e das empresas SUREB Comunicação e DNA Propaganda. Após mais de duas semanas de depoimentos, o Conselho chegou a evidências da existência de caixa clandestina na campanha eleitoral, mas não conseguiu confirmar o pagamento do mensalidade. O relator afirmou que o PTB não denunciou Jefferson. A confirmação de Jefferson é negativa pelas testemunhas.

Advertisement for FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS S.A. featuring the slogan 'ESCLARECIMENTO' and a list of 6 points regarding their services and company policies.

Figura 8: Olho roxo por 'Vingança' – Estante teria caído quando Jefferson buscava CDs de Lupicínio Rodrigues

Fonte: LIMA, Maria. Olho roxo por 'vingança'. O Globo, p. 3, 1º de julho de 2005.

A notícia publicada em "O Globo", em 1º de julho de 2005, foi diagramada no formato de box, cercada por fios, destacada no alto (da página) à direita e em página ímpar (nº 3) a principal da editoria de política. A disposição da reportagem na página indica o privilégio dado à matéria. Na mesma proporção da matéria, que tem sete parágrafos, foi exposta a fotografia, na qual Jefferson tem o olho esquerdo sendo curado por uma profissional de saúde. Na fotografia, o ex-deputado aparece olhando à direita e fazendo um gesto de "positivo" com a mão direita. O título da reportagem tem duplo sentido e contém elementos de metafóricos e irônicos: "Olho roxo por 'Vingança'". O sentido é dúbio porque Jefferson vivia um momento em que inspirava a

ira de muitos, portanto, poderia ter sido vítima de um de seus adversários. A palavra “vingança” está entre aspas, tendo em vista representar o título de uma composição que Jefferson disse estar ouvindo, quando se acidentou. No *soutien*, da reportagem é exposta a explicação para o ferimento no rosto do ex-parlamentar: “Estante teria caído quando Jefferson buscava CDs de Lupicínio Rodrigues”. A ironia, que registra com sutileza a graça da chacota, surge tanto no título como no *soutien*. No título, com duplo sentido e no sentido com o verbo “teria” e não “caiu”, levantando dúvidas sobre as explicações para o ferimento no rosto do parlamentar.

Responsável pela série de denúncias do mensalão, Jefferson passou a ser alvo de ódio de vários políticos, daí a interpretação de que ele foi vítima de vingança. Mas a matéria jornalística e o título faziam menção ao que poderia ter causado o ferimento no olho esquerdo de Jefferson: uma estante caiu quando ele buscava CDs de Lupicínio Rodrigues (intérprete conhecido por canções dolorosas e melancólicas, responsável pela criação do termo “dor-de-cotovelo” para representar o mal-estar que atinge aqueles têm o relacionamento amoroso rompido). No caso, o ex-deputado buscava um CD cujo título é “Vingança”, daí a palavra aparecer com letra maiúscula também no título da matéria.

A metáfora “vingança” tem duplo sentido: pode ser uma associação à música de Lupicínio Rodrigues como também o ato de castigar ou punir no que representa a vingança na prática. A ironia é compreendida pela situação como um todo e o inusitado do momento, no qual Jefferson é “nocauteado” por uma estante de CDs, sendo que seres humanos gostariam de cometer o ato. Pela classificação inicial da pesquisa essa reportagem pode ser encaixada em quatro categorias de humor: a ironia, a paródia, a zombaria e a sátira. No texto, a repórter (Maria Lima) insinua que a alegação de que a estante caiu sobre o rosto do ex-parlamentar não convenceu como explicação para o tipo de ferimento sofrido por ele.

“Com uma aparência de quem parecia ter acabado de sair de um ringue de *boxe* [...]”, diz o texto, a narradora levanta dúvidas e ironiza com o acidente envolvendo o ex-parlamentar. “[...] mas estava difícil convencer os presentes de que aquilo tinha sido mesmo uma acidente e não o resultado de uma troca de socos [...]”, diz a narradora, em outro trecho, zombando da coincidência.

A sátira surge no momento em que a narradora descreve em detalhes o ferimento causado supostamente pela queda da estante sobre o rosto da personagem central, insinuando um exagero nos efeitos para justificar a dúvida de que teria sido de fato um acidente o que ocorreu. “[...] com o olho esquerdo roxo, sangrando, cheio de hematomas e pontos cirúrgicos [...]”, afirma o texto. “[...] levou 20 pontos, 12 externos e seis internos”, diz o texto, em outro trecho.

Trechos do texto podem ser classificados como paródia, quando há uma imitação exagerada/burlesca da realidade, no momento em que ocorre uma coincidência de fatores: há suspeitas de que muitos dos acusados de Jefferson gostariam de vingar-se dele por causa das denúncias e o CD que ele disse que iria ouvir e acabou provocando os ferimentos é justamente o que se chama “Vingança”.

O jogo de palavras utilizado pela narradora/repórter reitera insistentemente para que o leitor tenha dúvidas sobre a versão oficial para o ferimento de Jefferson. Brincando com as palavras e usando as categorias de humor/riso, a narradora ressalta que: “[...] mas estava difícil convencer os

presentes de que aquilo tinha sido mesmo um acidente e não resultado de uma troca de socos [...]”, diz a narradora, no sexto parágrafo, numa fina ironia com o acontecimento.

Nessa reportagem, como um todo, predomina o humor denominado como “clave menor”, de acordo com Peter Berger e reproduzido por Luiz Gonzaga Motta, que é aquele tom que provoca um sorriso suave, mas sem chegar à gargalhada.

A matéria é uma retranca (não é a principal) da reportagem central de Política que trata do depoimento de Jefferson à CPI dos Correios, no Congresso, onde depôs pela primeira vez. Porém, ganha destaque em decorrência dos efeitos da diagramação e da foto em si (a imagem propriamente dita) e o tamanho dela – que é maior do que da reportagem.

A intervenção da repórter no texto é absoluta: do começo ao final. No início da matéria, ela começa a descrever a situação já em tom irônico, julgando, comparando e qualificando. Ao final, para embasar suas suspeitas, a repórter recorreu a um “especialista”: um segurança anônimo (o nome dele é mantido em *off*) que confirma a “tese” da jornalista. “[...] aquilo ali está com jeito de nocaute de baixo para cima [...]”, avaliou um dos seguranças, segundo o texto.

Por mais que seja trágico um ferimento que atinja o rosto, especialmente um órgão delicado como o olho, há um jogo de sentidos e de palavras utilizando o episódio. O divertido é que a impressão que o ferimento causa é de que houve uma forte pancada sobre o olho, como se fosse um soco, justamente no momento que Jefferson é “alvo” da ira de vários de seus ex-companheiros da política.

Oferece-se o exagero como humor diante da dura realidade que afeta o cenário político nacional em meio a suspeitas de desvio de recursos públicos, propinas, tráfico de influências e prostituição.

5.1.8 Análise 8: Dólares até na cueca

Sábado, 9 de julho de 2005

O GLOBO

O PAÍS

CRISE POLÍTICA

Dólares até na cueca

Dirigente do PT é preso em SP com R\$ 200 mil em mala e US\$ 100 mil amarrados ao corpo

Germano Oliveira e Flávio Freire

SÃO PAULO

Em meio às denúncias de que o PT comprava o apoio de parlamentares, a Polícia Federal prendeu ontem no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, um dirigente do PT e ex-assessor de José Adalberto Vieira da Silva — secretário de Organização do PT do Ceará e chefe de gabinete do deputado José Nogueira Guimarães, líder da bancada do PT na Assembleia Legislativa e irmão do presidente nacional da legenda, José Genoino — foi preso quando embarcava para Fortaleza. Com ele em uma mala, carregando R\$ 407.500 em dinheiro vivo; US\$ 200 mil estavam numa mala e outras US\$ 100 mil (cerca de R\$ 237 mil) presos ao corpo, escondidos sob a cueca.

Os policiais apreenderam ainda com o assessor uma agenda comemorativa aos 25 anos do PT, além de documentos do partido na Assembleia do Ceará. Delegados da PF disseram ontem que apresentaram à imprensa apenas o dinheiro apreendido porque o material caracterizava a prática de crime e recusaram-se a exibir os documentos do PT que estavam na mala.

Esmaite do assessor despertou suspeitas

• José Adalberto, de 39 anos, foi detido quando passava a mala de mão com o dinheiro pelo aparelho de raios-x do aeroporto, recém apreendido e ampliado pelo governo Lula. Perguntas sobre o alto valor que carregava na mala, o assessor disse que é proprietário de imóveis no Ceará, o maior centro de abastecimento do país. Depois de chegar às mãos de Adalberto apresentavam sinais comuns de quem costumava mexer com terra, os policiais verificaram que se tratava de uma mão "bem cuidada" e que ele usava esmalte na unha.

Descobertos, os agentes federais o levaram a uma sala reservada do aeroporto. Lá, descolaram os US\$ 100 mil contra o sistema financeiro e a ordem tributária nacional ("qualquer pessoa que veja com mais de R\$ 10 mil dentro do país deve declarar o valor ao escritório da Receita Federal no aeroporto), o petista recebeu voz de prisão de 11h30m e foi levado à sede da PF. Ele se recusou a prestar depoimento e disse que só falava em português na presença de seus advogados.

Em 2004, José Adalberto tentou se eleger vereador pelo PT em Aracati, no interior do Ceará, mas só obteve 215 votos. O assessor teria chegado a São Paulo na quinta-feira por volta de 14h. Ficou hospedado no Hotel

Quality, na Avenida Faria Lima, região nobre da capital.

As ser informado da prisão de José Adalberto, o presidente do PT do Ceará, Sérgio Braga, disse estar surpreso. — Isso não entra na minha cabeça. Que diabo é isso que você está me falando? Quando você me disse que ele estava preso em São Paulo, pensei que tivesse matado alguém. Almocei logo e ele aqui na cantina da sede do PT no Ceará ainda ontem (ontem). Ele me disse que ia para a cueca (meia sem apertar) e ainda não acredito que ele foi para São Paulo e que estava voltando para cá com uma mala cheia de dinheiro. Estou passando mal — disse Sérgio Braga.

"Estou chocada", diz petista do Ceará

• A presidente do PT do Ceará disse não acreditar que o irmão de Genoino tenha envolvido com o dinheiro José Adalberto carregava.

— Eu conheço o Guimarães há 25 anos. Ele é um irmão político, não tem participação. Sempre foi muito correto — disse Sônia Braga, afirmando que o dinheiro era "lá muito bem com o irmão José Genoino", negando a versão de que os dois estariam recolhendo politicamente.

Sônia disse que, se ficar comprovado que José Adalberto carregava dinheiro de forma ilícita, ele será expulso do partido.

— Não passa nem pela comissão de ética. Estou chocada com tudo isso. Prefiro acreditar que tudo não passa de um grande engano. Mas antes de tudo não posso acreditar que o deputado Guimarães tenha qualquer coisa a ver com essa mala de dinheiro — disse a presidente do PT cearense.

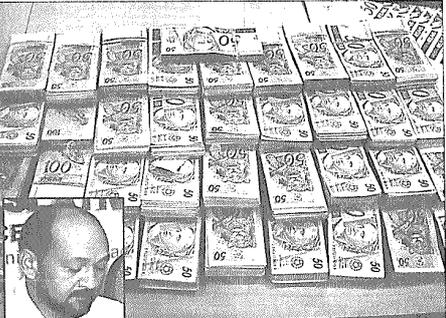
Procurado pelo GLOBO por telefone, José Genoino, que estava na reunião do Campo Majoritário, correte que dirige o PT há dez anos, não quis comentar o assunto, informando que seu irmão já havia dado entrevista e esclarecido sua posição a respeito do homem da mala preso em Congonhas.

O ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, disse que, por determinação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a PF está apurando todos os fatos que devam ser esclarecidos. O ministro afirmou ainda que o governo não protege mil, mas, nem persegue os inimigos.

"A investigação será ampla e profunda e não deixará origem e destino do dinheiro", disse, em nota diária enviada pelo "Jornal Nacional".

O GLOBO tentou falar com o ministro de José Adalberto, com Anaclet, mas a celular estava desligado.

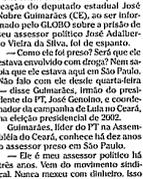
COLABORARAM Tatiana Faria e Dawilton Moura



OS REAIS APREENHIDOS com José Adalberto (na destreza) quando ele embarcou no Aeroporto de Congonhas; agrilhar com mais de mil reais escondidos em uma mala e US\$ 100 mil amarrados ao corpo

'Ele falou ao ser preso? Nada? Ainda bem'

Deputado cearense se espanta e diz que a prisão 'está cheirando a armação'



GUIMARÃES: "Como ele foi preso?"

— Como ele foi preso? Será que ele estava envolvido com drogas? Não sei, mas ele estava aqui em São Paulo. Não falo com ele desde quarta-feira — disse Guimarães, irmão do presidente da PF, José Genoino, e coordenador da campanha de Lula no Ceará, na eleição presidencial de 2002.

Guimarães, líder do PT na Assembleia do Ceará, conhece há dez anos o assessor preso em São Paulo.

— Ele é meu assessor político há três anos. Venho do movimento sindical. Nunca mexi com dinheiro, isso está me cheirando a armação, para surgir num momento como este em que o partido enfrenta tantos problemas — disse o deputado, membro do diretório nacional do PT, que estava ontem em São Paulo para participar da reunião do Campo Majoritário.

Depois de falar com o GLOBO pelo celular, Guimarães não dialogou o aparelho, sem saber quando retornou do ouvido, conversou em outro tele-

fone com um assessor que fora a PF se encontrar com José Adalberto.

— Ele falou alguma coisa ao ser preso? Não falou nada? Disse que só vai falar na presença do advogado? Ainda bem. Me mantenha informado — disse Guimarães.

Ele está no segundo mandato como Leitor de Quilombo, no interior do Ceará, onde também nasceu

Genoino, advogado. É líder do PT na Assembleia do Ceará, onde é presidente do Comitê de Constituição, Justiça, Redação e de Fiscalização e Controle. Ele presidiu o PT cearense de 1992 a 2001 e foi chefe de gabinete da prefeitura petista de Fortaleza.

Professor Latino defende Genoino no novo escândalo

O ex-líder do governo na Câmara Professor Latino defendeu ontem à noite o presidente nacional do PT, José Genoino, de mais um escândalo, ao ser conhecido a prisão do dirigente petista do Ceará.

— O Genoino não tem nada com isso. Ele não pode ser responsabilizado por um crime cometido por uma pessoa do Ceará, que nem é dirigente do PT — disse o professor Latino, esquivando-se de José Adalberto Vieira da Silva, ex-Secretário de Organização do PT do Ceará e assessor político do deputado José Nogueira Guimarães.

José Adalberto ocupa o cargo desde janeiro quando o então presidente do PT estadual assumiu a direção da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT). (Germano Oliveira, Tatiana Faria e Dawilton Moura)

Abrigo

• Do presidente Lula a quem cujo nome, nem na CPL, a coluna não pode revelar.

— Não tenho apego a isto aqui. Posso voltar tranquilamente para a casa no final deste mandato. Para um balanço que fiz e deixei de fazer. Se for positivo, eu me candidato à reeleição. Se não, tenho meu apartamento. Não vou ficar na rua.

Esquerda, voltar!

• Lula mandou o Campo Majoritário Hér a crise de dentro do PT. São dessa corrente os dirigentes já afastados e o presidente José Genoino.

Mandou, não pediu.

Paí da crise

• Lula não acusa, mas responsabiliza José Dirceu pela ascensão de Sérgio Pereira, o Silvinho, no comando do PT.

Codônimo

• "Inaguard" é o nome de Genoino no gabinete de Lula.

"Segura o tochan..."

• Tasso Jereissati e José Serra é que estão segurando FT.

O ex-presidente está focado para conversar com Lula.

Não secretamente, como querem os articuladores do governo.

Mas publicamente, como recomendou a liturgia.

Força estranha

• Lula disse a José Sarney e Renan Calheiros que Delim Netto só não foi escolhido agora ministro do governo porque Severino Cavalcanti votou.

Cabra macho, esse presidente da Câmara!

Tabela

• Alita, Severino diz estar muito transtornado com as insinuações de que estaria na lista do mensalão.

Lembra que, como candidato à presidência da Câmara, foi o primeiro a dar rímelas aos olhos. Ele fêz que mesada era de R\$ 10 mil a 30 mil.

Nhenhenhém

JORGE BASTOS MORENO - de Brasília

As razões do ministro Luiz Gushikien

• Poucas horas antes de viajar, o presidente Lula foi surpreendido com o pedido de demissão de Gushikien. Assustado, o presidente disse que respondia quando retornasse.

E foi o que fez ontem à tarde, pouco antes de anunciar os nomes dos novos ministros.

Gushikien pediu demissão porque as denúncias haviam chegado até a Secom e a ele próprio. Não viu outro. Achou que deveria explicar essas denúncias fora do governo e, com isso também, aliviar a carga que pesa sob o governo.

Gushikien pertence à comunidade "Babi", mas dela está formalmente afastado, já que ela não admite políticos em seus quadros. A comunidade sublima a própria vida terrena. Para ela, a vida começa depois da morte. Nem é preciso dizer a desastrosidade que ela dá a cargos, poder e dinheiro. Marcos Valério e belôlo Sarney jamais poderiam ser "Babi".

O "Babi" valoriza a família. Os filhos Guilherme, Arthur e, com todo o respeito, formosa Helena (uma linda modelo de apenas 16 anos de idade) disseram a Gushikien que não têm motivos para, por causa dessas denúncias, abandonar a casa, bica nas escolas e entre amigos porque conhecem e admiram a honestidade do pai. Mas o deixaram a vontade para cozer com grêmios.

Belo gesto

• A coluna testemunhou uma cueca rara na política.

Antes de pensar em declarar o governo, José Dirceu andava irritado com um discurso do líder do PFL, Rodrigo Maia, que lhe fora mal traduzido por assessores. Dal ter ouvido, às vésperas de declarar o governo, que não deveria voltar à Câmara para não bater boca com Maia.

Finalmente, frente a frente, cosbe a Rodrigo. Maia sacou primeiro a arma.

— Soube que o senhor se sentiu ofendido com um discurso meu. Não faço política com ofensas. Se eu ofendi, quero o pedir desculpas.

Dearmado, José Dirceu agradeceu o gesto.

Muito tempo depois, a coluna viu Dirceu, já à vontade, perguntar a Rodrigo:

— Líder, quando teremos reserço?

— Então, uma demonstração de civilidade difícil quando os inimigos estão exaltados. Nem por isso deturbo de ser adversários políticos. Mas com grêmios.

É hoje

• O ministro Tarso Genro prometeu a coluna que hoje será delimitado seu destino político: se detra o governo para integrar a executiva provisória do PT.

Tarso adora desafios. Acha que aloda tem muito a fazer no Ministério da Educação. Mas está sendo pressionado a assumir um desafio muito maior: tentar reconstruir a imagem do PT.

Colinho

• Dona Olga, extremamente politizada e alerta à crise do PT, mandou chamar o filho José Dirceu a Festa Quilombo.

Acha que o menino está muito estressado e prestando de um reticido insubstituível nestas horas: o colo de mãe.

— Se eu não for, eu apapno — reconhece José Dirceu.

Sem chão

• O Impopularável toma conta da política. O país está com vontade do pânico.

Figura 9 - Dólares até na cueca – Dirigente do PT é preso em SP com R\$ 200 mil em mala e US\$ 100 mil amarrados ao corpo

Fonte: OLIVEIRA, Germano; FREIRE, Flávio; FARAH, Tatiana; MOURA, Dawilton. Dólares até na cueca. O Globo, p. 3, 9 de julho de 2005.

A reportagem publicada no dia 9 de julho de 2005, no "O Globo", foi uma das mais importantes referências da série de notícias veiculadas ao longo do escândalo do 'mensalão'. O jornal deu destaque para a matéria que foi publicada em página ímpar – a de número 3, a principal da editoria de Política. A foto, em primeiro plano, mostra as notas de reais empilhadas, novas e

dispostas de forma organizada. Porém, o título faz menção aos dólares encontrados na cueca do assessor. Mas a fotografia principal traz em primeiro plano de notas empilhadas de reais, mais precisamente de R\$ 50. Como destaque, foi colocada uma foto denominada 3 x 4 de um “boneco” de José Adalberto Vieira da Silva, o assessor flagrado com o dinheiro, que é superposta na imagem principal do dinheiro empilhado. Há, ainda, uma foto também do tipo “boneco” do deputado estadual José Nobre Guimarães (PT-CE), para quem Silva trabalhava, e que ganha destaque também por ser irmão do presidente nacional do PT, José Genoíno.

O uso do título da matéria “Dólares até na cueca” chama a atenção pelo inusitado e também pelo simbolismo: a moeda norte-americana é encontrada na cueca, peça íntima do vestuário masculino, que no imaginário coletivo é compreendida como algo sujo e, naturalmente, impróprio para o fim que foi utilizado. No *soutien* a explicação: “Dirigente do PT é preso em SP com R\$ 200 mil em mala e US\$ 100 mil amarrados ao corpo”. O jogo de palavras envolvendo o dinheiro encontrado é feito no título, na reportagem e nas imagens utilizadas para ilustrar a narração.

A matéria é longa, com 13 parágrafos, e subdivida em duas retrancas: a principal que relata o flagrante da Polícia Federal em São Paulo, no aeroporto de Congonhas, quando Silva foi descoberto, e os detalhes da sua prisão. Já na sub-retranca, inserida no mesmo fio que cerca a reportagem que sustenta o título, surge um sub-título: ‘Ele falou ao ser preso? Nada? Ainda bem’. Nessa reportagem menor, a matéria é disposta em 11 parágrafos e trata da reação do chefe de Silva, o deputado estadual do PT, e de aliados em Brasília.

Em meio à reportagem há dois olhos (recurso utilizado na diagramação para destacar informações consideradas relevantes da matéria): “Esmalte do assessor despertou suspeitas” e “‘Estou chocada’, diz petista”. Os recursos chamam a atenção para o texto e dão suavidade à matéria que é longa e tensa, por reunir muitos detalhes e informações.

Ambos os textos foram classificados na categoria de ironia, que foi aplicada pelos autores da reportagem (Germano Oliveira, Flávio Freire, Tatiana Farah e Dawlton Moura) ao longo das reportagens. A escolha da categoria ironia foi baseada na sutileza que o fato foi narrado e a opção pelas insinuações que levam o riso: no título a palavra “cueca” já inspira um riso leve, em clave menor, como afirma P. Berger¹¹⁹, que aquele mais suave, pois como uma peça íntima pode guardar dinheiro e ainda virar tema de página principal da editoria de política? O uso do “olho” para contar que o assessor estava com “esmalte incolor” também é irônico, uma vez que no Brasil não é hábito homens usarem esmalte, menos ainda aqueles que trabalham no campo.

A metáfora também é bastante presente, pois logo no início da matéria principal há a vinculação entre o flagrante policial e as denúncias envolvendo o mensalão, mesmo sem a conclusão das investigações. “[...] em meio às denúncias de que o PT comprava o apoio de parlamentares, a Polícia Federal prendeu ontem, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, um dirigente do PT cearense que carregava quase meio milhão de dinheiro [...]”, diz o texto, no seu primeiro trecho (no *lead* da reportagem). Ao iniciar a reportagem com essa introdução, os narradores associam a descoberta policial com as suspeitas de irregularidades envolvendo o escândalo político. Também, no

¹¹⁹ MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos**, 2006.

primeiro parágrafo, é informado que Silva é assessor de um deputado estadual que é irmão de José Genoíno, presidente nacional do PT.

Esse conjunto de informações, inclusive o grau de parentesco do chefe de Silva com Genoíno, faz uma associação sutil das suspeitas da ligação do assessor com a cúpula da legenda do presidente da República e o escândalo do mensalão. No segundo parágrafo (*sub-lead* da reportagem), a associação com o Partido dos Trabalhadores é mais direta: há detalhes de que foram encontrados com o assessor uma agenda comemorativa dos 25 anos do PT e ofícios do partido.

A ironia aparece também no terceiro parágrafo da matéria, quando Silva é questionado sobre a origem do dinheiro. “[...] o assessor disse que é agricultor e que o dinheiro seria fruto da venda de legumes ao – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), o maior centro de abastecimento do país. Depois de checar se as mãos de Adalberto apresentavam sinais comuns de quem costuma mexer com terra, os policiais verificaram que se tratava de uma ‘mão bem cuidada’ e que ele usava esmalte incolor [...]”, diz a reportagem.

Com essa referência, os narradores indicam que Silva mentiu ao relatar que era produtor rural e havia obtido o dinheiro com a venda de suas mercadorias. A indignação com a mentira é demonstrada pela ironia e o absurdo, uma vez que agricultores costumam ter as mãos sacrificadas e não “bem cuidadas”, como menciona a reportagem entre aspas, dando a entender que a análise feita partiu de policiais federais.

A reportagem não explica como os policiais desconfiaram que havia US\$ 100 mil escondidos na cueca de Silva. Apenas informa que os policiais suspeitaram que havia algo errado. Com o flagrante, os policiais deram ordem de prisão ao assessor do PT. Isso indica que a intervenção dos repórteres no texto é presente e absoluta, uma vez que insinua sem explicar como se chegou àquela conclusão. Os narradores descrevem a situação já em tom irônico, julgando, comparando e qualificando.

Em tom de ironia, a matéria destaca, ainda, a surpresa da presidente regional do PT no Ceará, Sônia Braga. “[...] isso não entra na minha cabeça. Que diabo é isso que você está me dizendo? Estou chocada [...]”, relata a reportagem, reproduzindo a reação da petista.

A matéria informa que o presidente nacional do PT, José Genoíno, não atendeu aos chamados do jornal porque participava de uma reunião do Campo Majoritário (maior ala do partido a qual fazia parte), assim como a mulher do assessor preso também não atendeu ao telefone celular que deu sinal de desligado. Com metáforas, os narradores indicam que há um esforço dos petistas de não vincular sua imagem com o flagrante criminoso envolvendo o assessor. Porém, os indícios identificados pela polícia desmentiam as ações dos políticos e para demonstrar a incoerência entre os atos e os fatos, os narradores ironizaram com as reações em aspas como “estou chocada”, referindo-se à dirigente estadual do PT e a impossibilidade de Genoíno de fornecer explicações por estar envolvido em uma reunião do partido.

O humor, portanto, o riso oriundo dele nesses casos surge como uma manifestação da incongruência, como analisa Berger¹²⁰. O surreal é tão claro para quem acompanha o noticiário político e a impossibilidade de se dissociar as situações parece ser tão evidente, a ironia é o recurso ideal para demonstrar a indignação dos narradores com as justificativas e atos apresentados.

Na sub-retranca intitulada: ‘Ele falou ao ser preso? Nada? Ainda bem’ relata a reação do deputado estadual José Nobre Guimarães para quem Silva trabalhava. Na reportagem, os jornalistas informam que o assessor conhece o deputado há dez anos e trabalha para ele há três. Também reproduzem o diálogo de Nobre Guimarães, que indica estar surpreso com a prisão do assessor. “[...] nem sabia que ele estava aqui em São Paulo. Não falo com ele desde quarta-feira”, diz um trecho da reportagem.

Mas por ironia e falta de sorte no caso do deputado, que deixou o celular ligado, depois de atender à reportagem, surge a surpresa. Sem saber que ainda estava sendo ouvido pelos repórteres, o deputado faz comentários com um assessor que provavelmente estava ao seu lado. “[...] ele falou

¹²⁰ BERGER, Peter. **Risa redentora**: la dimensión cómica de la experiencia humana. Barcelona: Editorial Kairos, 1999.

alguma coisa ao ser preso? Não falou nada? Disse que só vai falar na presença do advogado? Ainda bem. Me mantém informado [...]”, diz a reportagem, referindo-se a Nobre Guimarães.

Esse diálogo obtido graças ao celular mantido ligado, por displicência do deputado, virou o título da matéria e conteúdo para a ironia que sustenta o texto e a associação do dinheiro encontrado com o assessor em São Paulo e as denúncias do mensalão. Na reportagem, Nobre Guimarães é descrito como irmão de Genoino, que construiu sua trajetória política em Quixeramobim (CE), onde também nasceu o presidente nacional do PT.

5.1.9 Análise 9: Uma republicana coleção de nomes

Um dia para ficar na História

Secretária repete a versão de que cheque era para filho já morto

Gabriela Kênia depois de se reunir com Severino

Jairton de Carvalho

BRASILIA. Quatro dias depois de negar que tenha recebido qualquer encomenda de Sebastião Augusto Buarque, Gabriela Kênia Martins, secretária da presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti (PP-DF), confirmou ontem, em depoimento à Polícia Federal, que em julho de 2002, sacou um cheque no valor de R\$ 7.500 assinado pelo empresário.

Buarque disse que usou o cheque para pagar a Severino no valor de uma suposta indenização de R\$ 10 mil. Gabriela Kênia é secretária do presidente da Câmara desde que o deputado ocupava o primeiro-secretariado da Casa. Mas, ao longo do depoimento na PF, Gabriela tentou transferir o chefe de qualquer responsabilidade no recebimento do suposto dinheiro. A secretária disse que o cheque é a uma doação de Buarque à campanha eleitoral de Severino Cavalcanti, filho do presidente da Câmara que morreu num acidente de carro em agosto de 2002.

A doação, no entanto, não aparece na contabilidade da campanha eleitoral de Severino. Um dos responsáveis pela investigação do chamado mensalão de Severino considerou plausíveis as explicações dadas pela secretária do presidente da Câmara.

— Não tem qualquer lógica disso.

Buarque nega que distribua em campanha Sebastião Coelho, um dos advogados de Buarque, alega que seu cliente tenha feito qualquer outro político. Ele alega que o empresário sempre esteve em situação financeira aberta. O advogado não conseguiu demonstrar a versão apresentada por Gabriela. Antes de prestar depoimento à Polícia Federal, a secretária passou vários dias na residência oficial do presidente da Câmara.

— Acho muito triste usar um filho morto para uma história como essa — observou Coelho.

Gabriela chegou à sede da PF numa camionete de cabine dupla de fora da Câmara. Ela estava acompanhada de José Eduardo Alcântara, advogado de Severino, e de Marcos César Vaccaroni, assessor jurídico da presidência da Câmara. No grupo de apoio à secretária ainda estavam o motorista da camionete e um registrador.

Para escapar das reportagens de jornais locais, o grupo tentou entrar pela garagem. Mas, como não conseguiu, tentou usar a passagem reservada, o grupo foi barrado na entrada da garagem do prédio principal da PF.

Em depoimento ao delegado Sérgio Menezes na sexta-feira passada, Gabriela negou "temporariamente os fatos afirmados" ao delegado Severino Cavalcanti concernentes aos pagamentos do mensalão realizados por Sebastião Buarque. No interrogatório de ontem, ela mudou a versão e disse que recebeu o cheque de Buarque, mas alegou que o dinheiro seria para o filho do presidente da Câmara. Para a polícia, a secretária mentou desde o começo, e agora, terá dificuldades de se livrar das acusações de envolvimento com o suposto esquema do mensalão.



GABRIELA KÊNIA Martins ao chegar à PF para depor, acompanhada por assessores de Severino

A trajetória do presidente da Câmara

Severino chega à Câmara dos Deputados após a morte de seu pai, João Severino, em 1967. Conquistou um cargo na Mesa Diretora, logo para ser sucedido em primeiro mandato. Durante dois anos foi segundo vice-presidente, ocupando o cargo até o fim do mandato geral em 1995.

Em 1995, foi eleito presidente da Câmara. Em 2001, foi reeleito para o segundo mandato. Em 2002, foi eleito para o terceiro mandato. Em 2003, foi eleito para o quarto mandato. Em 2004, foi eleito para o quinto mandato. Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

1967 Severino chega à Câmara dos Deputados após a morte de seu pai, João Severino, em 1967. Conquistou um cargo na Mesa Diretora, logo para ser sucedido em primeiro mandato. Durante dois anos foi segundo vice-presidente, ocupando o cargo até o fim do mandato geral em 1995.

1995 Em 1995, foi eleito presidente da Câmara. Em 2001, foi reeleito para o segundo mandato. Em 2002, foi eleito para o terceiro mandato. Em 2003, foi eleito para o quarto mandato. Em 2004, foi eleito para o quinto mandato. Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

2001 Em 2001, foi reeleito para o segundo mandato. Em 2002, foi eleito para o terceiro mandato. Em 2003, foi eleito para o quarto mandato. Em 2004, foi eleito para o quinto mandato. Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

2002 Em 2002, foi eleito para o terceiro mandato. Em 2003, foi eleito para o quarto mandato. Em 2004, foi eleito para o quinto mandato. Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

2003 Em 2003, foi eleito para o quarto mandato. Em 2004, foi eleito para o quinto mandato. Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

2004 Em 2004, foi eleito para o quinto mandato. Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

2005 Em 2005, foi eleito para o sexto mandato.

Procurador-geral pede pressa à PF

Antônio Fernando de Souza diz que caso Severino deve ir para o STF

Carolina Hidalgo

BRASILIA. O procurador-geral da República, Antônio Fernando de Souza, disse ontem que as apurações da Polícia Federal (PF) sobre o suposto pagamento de propina ao presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-DF), devem ser transferidas imediatamente para o Supremo Tribunal Federal (STF), o foro adequado para investigar parlamentares. Segundo Souza, depois que o empreiteiro Sebastião Buarque apresentou o cheque que comprovava a operação, aumentaram os indícios de

que Severino teria cometido um crime.

— O cheque é mais um indício de que o presidente da Câmara está se constituindo — declarou o procurador-geral.

Delegado teria concordado com sugestão

Ontem, Souza conversou com o delegado Sérgio Menezes, encarregado da condução das investigações da PF sobre o episódio. Ele pediu ao delegado que envie as apurações para o STF o quanto antes. O delegado teria se comprometido a atender a sugestão.

Uma republicana coleção de nomes

Criatividade no batismo marca personagens da crise

Aydano André Motta

É ainda há lobes e marins avaliando discretos que a crise não deu contribuições relevantes à mídia, que é tudo história de humilde, um lamangal sem fim, etc. São uns mensageiros. Que outro evento político presente no país com tão republicana lista de nomes inescrupulosos? Poderes dizem tudo da história de mensalões e mensalinhas, menos que falta criatividade no batismo do elenco. Está aí a secretária Gabriela Kênia como prova (nada) viva.

O começo foi prometido com Roberto Jefferson. O depois codificado até se resolveu em destino canibal-de-bomem tirado no certidão de nascimento e além dos discursos-bomba, faz tremor na instituição ao não dar performance nos discursos. Mas, como reza o clichê, era só a ponta de iceberg. Sérgio, em seguida, Marcos Malheiro, que profeta o sonoro do poder no sucesso na carreira de galã de novela mexicana prometida pelo Coelho da canoa (nada), espelham os mais venenosos.

O tal operador do mensalão tratava de brasa entre os poderosos, até surgir uma secretária magnífica e de olhos chamados... Fernanda Karina Nome de menção de saudade, foi no STF, onde alega que, cegou por não ir, no fim, vitou arroz-de-leite nos programas de televisão da

Alton de Fozes 7.7.2005

MARCOS VALÉRIO (à esquerda) e Fernanda Karina: nomes da crise

TV. A passas largas no caminho de volta ao mensalismo, incluem uma sucessora. O desmembrar da crise tornou eclético outras mídias. Lá pelas tantas, surgiu Johnny Mury e Vinicius, a "formosa de recepção" cujo calceio de telefones provocou palpitações em laterais respeitáveis. Flávio Central Afonso. Com ele, apareceu Karla Cristiana Assis, com "C" — por quem Rogério Bortati, o ex-ator de Polícia, encenou a primeira vítima e se casou imediatamente.

Mesmo a sinuca Política Federal turbulenta a ajuda, com o delegado Lauro Fialho Zamboni, que investiga o caixa do doador PT. E, em meio, veio o cerco do hotel — Gabriela Kênia, o do nome no cheque que atropelou Severino.

Para completar, só faltava um episódio que usa seu nome verdadeiro, ainda que pareça pseudônimo. Folia lá em cima: não falta mais.

Figura 10 – Uma republicana coleção de nomes – Criatividade no batismo marca personagens da crise

Fonte: MOTTA, Aydano André. Uma republicana coleção de nomes. O Globo, p. 8, 15 de setembro de 2005.

A reportagem, com seis parágrafos, na página 8, publicada no dia 15 de setembro de 2005, no jornal "O Globo", no auge da crise do mensalão atua com a função de dar leveza ao noticiário tenso e denso do escândalo, mas nem por isso deixa de lado a crítica. A começar pelo título "Uma republicana coleção de nomes". Por que republicana? Na linguagem dos subentendidos, autorizada pela análise pragmática, fica implícito que é uma crítica à república e ao sistema político como um todo por meio da ironia, da sátira e obviamente do humor.

A linguagem utilizada pelo repórter/narrador Aydano André Motta foge completamente do padrão utilizado na editoria de política: não há sisudez nem sobriedade. É um texto leve e repleto de

insinuações, críticas, ironias e metáforas. As fotos tipo 3 x 4 utilizadas na reportagem são do empresário Marco Valério e de sua secretária Fernanda Karina Somaggio – personagens donas de nomes duplos e incomuns, segundo o narrador.

Na mesma página em que essa matéria é publicada, diagramada no canto esquerdo em um *box* cercado por fios, há duas outras reportagens: uma que trata de um depoimento prestado à CPI dos Correios e outra que se refere à ação do Ministério Público e ainda há um infográfico (recurso utilizado pela imprensa para explicar situações por meio de um desenho que no caso foi um calendário com datas informando sobre a onda de acusações em torno da personagem em questão) sobre as denúncias que envolvem o então presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti (PP-PE).

É importante localizar a reportagem na página e descrever quais outras matérias cercam o texto “Uma republicana coleção de nomes” para compreender que o surgimento de nomes incomuns durante o escândalo do “mensalão” foi capaz de gerar uma publicação específica em local de destaque entre outros assuntos relevantes na política nacional.

A reportagem sobre o inusitado dos nomes que cercam o escândalo foi classificada nas categorias de zombaria e também de ironia. O narrador/repórter seleciona os nomes de algumas das personagens envolvidas no mensalão e faz um deboche sobre a estranheza de combinações em um país onde João, Maria e José ainda são nomes que predominam. Daí a escolha pela zombaria, algo que provoca o desprezo e desqualifica.

No primeiro parágrafo (no *lead* da matéria), o repórter insinua que as denúncias que provocaram o escândalo não levaram a resultado algum, mas ao menos trouxeram à tona uma série de nomes pouco usuais. O deboche predomina no texto do início ao fim. Logo de início, o narrador dá o tom da reportagem. A intervenção do repórter é absoluta em um texto que é opinativo, sem preocupação com informações precisas, do começo ao fim. Os jogos de linguagem se fazem presentes quando o narrador evidencia que seu objetivo é zombar com o inusitado, que são os nomes surgidos em meio às denúncias do escândalo.

“E, ainda há joões e marias avaliando, descrente, que a crise não deu contribuições relevantes à nação, que é tudo história de bandido, um lamaçal sem fim e etc. Que outro evento político presenteou o país com tão republicana lista de nomes inesquecíveis? Pode se dizer tudo da baixaria dos mensalões e mensalinhos, menos que falta criatividade no elenco dos nomes de batismo. Está aí a secretária Gabriela Kênia (muito) viva [...]”, diz o texto, no seu trecho principal (no *lead* da matéria).

A principal personagem do escândalo, Roberto Jefferson, é chamada pelo narrador no texto de “cantor-de-bolero”, devido a ele apreciar exibir seus dotes vocais em lugares públicos, uma vez que faz aulas de canto. Em seguida, o repórter mantém a zombaria ao se referir a Marcos Valério. “[...] surgiu, em seguida, Marcos Valério, que preferiu a sombra do poder ao sucesso da carreira de galã de novela mexicana prometida no nome (culpa da careca radical, especulam os mais venenosos)”, diz a reportagem.

Sempre em tom de deboche, o repórter não deixou escapar nada em relação ao empresário Marcos Valério: do nome à aparência, levantando dúvidas sobre a estética da

personagem em questão. O texto é leve e pessoal, incluindo expressões pouco usuais em reportagens políticas, como “nadar de braçada” para se referir ao domínio que Marcos Valério tinha do meio político.

A secretária Fernanda Karina também não é poupada das ironias e zombarias do repórter. “[...] Fernanda Karina nome de mocinha de radionovela[...]”, diz o texto. Ao mencionar a mocinha de radionovela, o narrador faz uma dupla ironia em tom de zombaria. Ao longo das investigações da CPI, a secretária assumiu a posição de jovem de conduta ereta e irretocável, mas ao final do processo, aceitou disputar uma vaga à deputada federal pelo PMDB de São Paulo (mas acabou perdendo as eleições) e divulgou que foi convidada para posar nua para uma revista masculina. Ao mencionar radionovela o narrador remonta à década de 1950 quando as novelas de rádio tinham a força da comunicação de massa e as heroínas eram batizadas com nomes incomuns e mantinham o ar de pureza e castidade.

A reportagem menciona ainda a cafetina Jeany Mary Corner. “[...] lá pelas tantas surgiu Jeany Mary Corner a ‘fornecedora de recepcionistas’ cujo caderno de anotações provocou palpitações em lares respeitáveis no Planalto Central afora [...]”, lê-se em um trecho da reportagem. Mais uma vez o repórter usa de ironia e zombaria. O nome de Jeany como “fornecedora de recepcionistas” é uma grande crítica à hipocrisia que envolve a moral política, uma vez que políticos que tiveram o nome associado a ela não a identificavam como “cafetina”, mas sim “agenciadora de recepcionistas” para eventos. Ao citá-la, o narrador destaca como sua agenda causou receios entre os políticos em Brasília e também os que estão fora da capital, mas que mantinham vínculos com o poder.

Ao final do texto, o narrador zomba dele próprio, dono de um nome singular: Aydano André Motta. “[...] para completar, só faltava um repórter que usa seu nome verdadeiro, ainda que pareça pseudônimo. Olha lá em cima [numa referência ao local da página onde é exposta a assinatura do repórter], não falta mais [...]”, diz um dos trechos do texto.

Para Berger, como avalia Luiz Gonzaga Motta¹²¹, esse texto pode ser analisado como um humor em clave maior, quando o discurso é exposto de tal modo que leva ao êxtase e até às gargalhadas. Reações, em geral, provocadas pelo excesso presente na categoria da zombaria.

¹²¹ MOTTA, Luiz Gonzaga. Notícias do Fantástico. Rio Grande do Sul. Ed. Unisinos. 2006

pelo narrador, uma vez que os outros 11 são trechos da entrevista concedida pelo presidente da República.

O jornal aproveita a afirmação do presidente Lula de que o “mensalão” virou refrão de música de carnaval e a transforma em manchete da página e segundo título da capa do jornal. É a fina ironia, utilizada pelos narradores/repórteres, indicando a ridicularização dos desdobramentos do escândalo. Motta¹²² adverte que o papel assumido pela imprensa, no caso os narradores, é por vezes o de desprezar a política, em relação à falta de punição às denúncias do “mensalão”, interpretada no título da reportagem que mostra a consagração do ‘tudo acaba em festa’, lugar-comum que invariavelmente define a posição do brasileiro.

A matéria jornalística está no alto da página e tem figura única (da página inteira), apresentando uma fotografia na qual o presidente Lula aparece concedendo entrevista coletiva para jornalistas de rádios de São Paulo e Rio de Janeiro.

A reportagem reproduz os principais trechos da entrevista que Lula concedeu às rádios, em meio às denúncias do “mensalão”. Como nas demais reportagens, desse mesmo jornal, analisadas neste estudo, há um *soutien* que explica o título: “Em entrevista a rádios, Lula compara Palocci a Ronaldinho Gaúcho e diz que país vive ‘intranquilidade política’”. A expressão ‘intranquilidade política’ está entre aspas individuais porque foi utilizada por Lula durante a entrevista coletiva.

A matéria foi classificada em três categorias de humor: zombaria, paradoxo e ironia. A escolha por zombaria é caracterizada pelo fato de denúncias graves e com repercussão serem tratadas como brincadeira e com desprezo, o paradoxo pelo fato de o próprio presidente afirmar que o escândalo inspirou carnavalescos, pois disse que o assunto “virou tema de Carnaval”, enquanto a ironia é utilizada pelo veículo e os narradores ao escolherem justamente esta afirmação do presidente da República para titular a reportagem.

O tom predominante do narrador e da personagem central, o presidente da República, é o da ironia. Mas há momentos em que o paradoxo é evidente e a zombaria idem. O título da reportagem se baseia em um comentário do próprio presidente Lula que compara o escândalo do mensalão ao carnaval, quando demonstra pouco caso com o assunto e indica que o tema virou tema de refrão de música popular.

“[...] estamos vivendo um momento excepcional, ou eu diria, do ponto de vista de tranqüilidade da política brasileira. Porque se colocou na cabeça do povo brasileiro, ao longo de vários meses, que tinha mensalão, que tinha mensalão, e isso virou refrão de música de carnaval, isso está no inconsciente da sociedade brasileira. E, agora a CPI terminou o trabalho sem provar se houve mensalão [...]”, diz o texto, no sétimo parágrafo. O título da reportagem foi retirado deste trecho da entrevista, assim como o *soutien*.

O narrador utilizou uma zombaria feita pelo presidente Lula que tenta desprezar o escândalo político, diminuindo sua importância ao compará-lo com as marchinhas de carnaval. Porém, o comentário do presidente é utilizado pelo narrador para ironizá-lo, indicando que há um

¹²² MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006.

paradoxo na sua afirmação, quando admite a existência de “intranqüilidade política” ao se referir ao momento político.

Ao afirmar que “[...] se colocou na cabeça do povo brasileiro, ao longo de vários meses, que tinha mensalão, que tinha mensalão, e isso virou refrão de música de carnaval [...]”, Lula associa o escândalo político a uma grande farra, como o Carnaval, dando a entender que o assunto é de menor relevância e, que ao final de um determinado período, vai acabar sem apresentar resultado algum. Na reportagem, como um todo, a intervenção do narrador é discreta, tanto é que a matéria é publicada sem assinatura, mas, mesmo assim, o redator busca dar um tom crítico ao comentário do presidente da República.

O narrador observa a comparação feita por Lula entre o mensalão e o carnaval e vincula o comentário do presidente com uma outra situação apresentada pelo próprio, quando diz que o ex-ministro da Fazenda Antônio Palocci (que foi exonerado do cargo pouco tempo depois dessa entrevista por se envolver com o vazamento de dados sigilosos de um caseiro que o denunciou) com o craque de futebol Ronaldinho Gaúcho. “[...] Por que eu ia mexer no Palocci? Mexer com o Palocci é a mesma coisa que pedir para o Barcelona [time de futebol que comprou o passe de Ronaldinho Gaúcho por uma valiosa quantia] tirar o Ronaldinho. Deixa ele jogando, ele está bem [...].”

A reportagem aproveita o estilo descontraído de linguagem utilizado pela personagem central, o presidente Lula, para fazer o jogo de palavras com assuntos que, em geral, agradam o público brasileiro: futebol, carnaval e música. Mas a ironia se faz presente quando um craque do futebol é comparado com um político que é alvo de suspeitas de irregularidades no momento em que o governo também passa por uma crise de credibilidade. O paradoxo também é identificado nesta situação, afinal o *expert* em qualquer setor não apresenta falhas nem levanta suspeitas, segundo o senso comum. No caso de Palocci ele não poderia ser o *expert* que o presidente afirma ao compará-lo com o jogador de futebol mundialmente reconhecido, como Ronaldinho Gaúcho.

na outra imagem, Dirceu já não aparece mais e quem está em primeiro plano é o agressor detido pela polícia judiciária (da Câmara dos Deputados) e sendo retirado do local (um corredor próximo ao plenário da Câmara dos Deputados). Nesse momento, o escritor gritou “Fristão, Fristão” – em uma referência à personagem de Cervantes, em Dom Quixote, que era uma das inimigas do herói.

Na fotografia disposta em primeiro plano, na qual está Dirceu, ele aparece tendo ao fundo – em letras garrafais – a palavra “saída”. A escolha desta fotografia para ilustrar a reportagem indica a idéia de que depois de apanhar de um anônimo no seu ambiente de trabalho, a Câmara dos Deputados, só resta a Dirceu uma alternativa: a saída da vida política.

Na reportagem, as narradoras (Maria Lima e Isabel Braga) utilizam três categorias de humor para descrever a situação ocorrida em meio às denúncias do mensalão: ironia, paradoxo e trocadilho. A ironia predomina no texto, utilizado pelas narradoras, aproveitando o inusitado do fato em si; as repórteres dão a entender que a reação do aposentado seria o reflexo do desejo de muitas pessoas em meio às denúncias de irregularidades que cercam o nome de Dirceu. O paradoxo é o recurso para indicar o incomum de um ex-ministro e, ainda deputado, ser alvo de agressão em um ambiente que pertence a ele (a Câmara dos Deputados). O trocadilho aparece, por exemplo, no *soutien* da reportagem quando informa: “Escritor dá bengaladas em Dirceu em ‘súbito ataque de revolta’”, ou seja: o ex-ministro apanhou porque provoca a ira de quem confiou nele.

A intervenção das narradoras é absoluta a começar pelo jogo de palavras que utilizam aproveitando das implicaturas do momento político: o escândalo, o papel de Dirceu no cenário nacional e no governo, e o inusitado da situação quando um desconhecido invade a Câmara e ataca o político.

No primeiro parágrafo do texto (no *lead* da matéria), as repórteres relatam que no momento em que Dirceu sofre um processo que pode levá-lo à perda de mandato (à cassação) é agredido pelo escritor paranaense. “Prestes a perder o mandato, o deputado José Dirceu (PT-SP) foi vítima ontem de uma agressão física na saída do plenário da Câmara [...]”, diz o texto, no trecho inicial. Ao começar o texto dessa forma, as narradoras já ironizam a situação que envolve o ex-ministro, que é alvo de uma ação que pode interromper sua trajetória política, e ainda por cima, é atacado surpreendentemente por um desconhecido. Também há um paradoxo na situação: Dirceu é agredido na Câmara dos Deputados, local onde trabalha e teoricamente conta com o respeito dos seus pares; ao localizar onde ocorreu o ataque, as narradoras dão a entender que o ex-ministro não é tão querido nem conta com a proteção integral da Casa.

Em seguida, o texto em tom irônico indica que o agressor quis dar uma lição a Dirceu a quem considera um traidor do governo, uma vez que o compara a Fristão de Cervantes, embora afirme ter agido sem pensar. “[...] A agressão, segundo Yves [o agressor] não foi premeditada. Disse que quando se viu frente a frente com o petista teve um ‘ataque súbito de revolta’[...]”, diz o trecho da reportagem.

Na matéria, Dirceu afirma que há um clima de agressividade predominante no país que estimula esse tipo de ataque sofrido por ele. “[...] é inaceitável a tentativa de me agredir. Não conheço esse cidadão que praticou o ato. Não tenho palavra. Nada me intimida. Nada me fará voltar atrás

para provar minha inocência. [...] isso mostra o comportamento de hostilidade que acabou se criando no país [...]”, diz a reportagem, no seu trecho final.

A reportagem é concluída com informações de que os comandos do PT e do PSDB, um dos principais adversários políticos do governo, divulgaram nota em solidariedade a Dirceu. Com isso, as narradoras demonstram que, apesar das diferenças ideológicas e posições políticas antagônicas, na prática, quando se trata de defender um dos seus, a política é protecionista e legisla em causa própria. Apesar da objetividade da informação, é possível compreendê-la como metáfora crítica e irônica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que norteou esse trabalho busca a compreensão do papel do humor nas reportagens de política, especialmente em momentos de escândalo e denúncia, como foi o caso do “mensalão”, no período de junho de 2005 a julho de 2006. Por um ano, os principais jornais do país tiveram sua editoria de política dominada por matérias jornalísticas que tratavam do escândalo e de seus desdobramentos. A pesquisa se concentrou nos jornais “Folha de S. Paulo” e O Globo”, ambos foram escolhidos por serem veículos de referência nacional, mas de Estados diferentes e com culturas locais diversificadas

Para entender o papel do humor e todas as categorias nele envolvidas, como a ironia, o sarcasmo, o burlesco e outras, foi necessário realizar uma releitura dos jornais do período apontado como o auge do “mensalão”, com um recorte iniciado a partir da entrevista da primeira entrevista concedida por Roberto Jefferson, em junho de 2005, quando ele expôs o assunto, logo transformado em escândalo, batizando-o de “mensalão”, até a última entrevista por essa personagem em julho de 2006, quando já cassado, reiterando suas denúncias e disparando sua metralhadora giratória sobre vários integrantes do governo, poupando, porém, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

No total, foram identificadas nas edições da “Folha de S. Paulo” e igual número de edições de “O Globo”. Em uma primeira análise, realizou-se uma cronologia dos fatos, baseada no noticiário publicado nos dois jornais; em seguida, foi feito um novo recorte, dessa vez, observando as

reportagens cujo conteúdo era predominantemente de humor. Nessa segunda a cronologia, selecionou-se 69 matérias jornalísticas. Deste total, 36 notícias foram destacadas de “O Globo” e 33 da “Folha de S. Paulo”.

A primeira surpresa ocorreu nesse momento, com base na análise pragmática das notícias jornalísticas, que como afirma Maria Victoria Escandell Vidal, trata do estudo da análise dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação. Segundo Escandell, o estudo considera as condições que determinam tanto o emprego de um enunciado concreto, por parte de quem fala, em uma situação comunicativa concreta, como na interpretação por parte do destinatário, incluindo todos os “componentes materiais” que cercam o tema selecionado.

Por meio da análise pragmática e dos jogos de linguagem foi possível verificar os elementos contidos no texto, indicando a presença dos diversos tipos de risos/humor nas reportagens, assim como as relações interativas, o foco dos narradores/repórteres, a forma como eles organizaram os discursos (optando por uma e outra figura de linguagem) e ainda as intenções contidas nessas atitudes. Motta¹²³ lembra que a pragmática analisa as intenções de quem narra e as interpretações de quem recebe as informações narradas.

Portanto, considerando todos esses elementos “autorizados” pela análise pragmática, ocorreu a surpresa de que os dois veículos trabalhados publicaram números muitos próximos de notícias com conteúdo de humor. Outra avaliação é que, em ambos, as notícias nas quais as categorias humorísticas eram predominantes, foram diagramadas/expostas em espaços privilegiados dos jornais.

Para concentrar a análise de forma pontual, Luiz Gonzaga Motta sugeriu um novo recorte: das 69 reportagens selecionadas, 11 foram escolhidas. Foram excluídas da pesquisa as reportagens comuns a ambos os veículos, por exemplo: a notícia que informou sobre a prisão do assessor petista com dólares presos à cueca¹²⁴, assim como colunas políticas e demais editorias.

O número de 11 notícias analisadas foi atingido a partir da escolha de reportagens consideradas de repercussão mais relevante, com base nos desdobramentos/suítes dos fatos publicados posteriormente nos próprios veículos pesquisados, a “Folha de S. Paulo” e “O Globo”.

Das 11 notícias estudadas, seis reportagens jornalísticas foram publicadas na “Folha de S. Paulo” e cinco no “O Globo”. O primeiro ponto coincidente entre essas 11 reportagens é que oito delas foram publicadas em páginas ímpar da editoria de política dos dois veículos estudados. Para destacá-las, os editores tanto do jornal paulista, como do veículo do Rio usaram vários recursos semelhantes¹²⁵ de diagramação, como *box*, fios, charges, fotos ampliadas e selos específicos.

¹²³ Nota: Em 12/05/2008, durante aula ministrada no curso de pós-graduação no Departamento de Comunicação da UnB sobre “narrativas jornalísticas”.

¹²⁴ Nota: Em 03/07/2005, os jornais publicaram reportagem informando que José Adalberto Vieira da Silva, assessor de um deputado estadual do PT do Ceará, foi preso com dólares na cueca. A reportagem é analisada em capítulo 5 desta pesquisa.

¹²⁵ Nota: A análise detalhada sobre o tema está no respectivo capítulo 5, que trata da análise do corpus.

No jornal “Folha de S. Paulo” as categorias de humor que predominam são a ironia, o cáustico, a zombaria, o sarcasmo, a sátira, a paródia e o escárnio¹²⁶. Apesar de a linguagem do jornal paulista ser caracterizada pelo texto seco, objetivo e direto, há claras referências que indicam o conteúdo de humor crítico e atento às situações específicas nas notícias selecionadas.

A síntese do humor presente na “Folha de S. Paulo”, no período do escândalo do “mensalão”, pode ser identificada em três notícias intituladas: “Vossa Excelência provoca em mim ‘instintos primitivos’”, publicada em 3/10/05; “Jeany Mary Corner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF”, publicada em 23/09/2005 e “Petista despreza opinião pública com celebração”, publicada em 25/03/2006.

A reportagem “Vossa Excelência provoca em mim ‘instintos primitivos’”, publicada em 03/10/2005, inspirou a pesquisadora a batizar a pesquisa com o título da expressão utilizada por Jefferson ao, ironicamente, se dirigir ao ex-ministro José Dirceu. O título da pesquisa é uma provocação porque traz em si o duplo sentido: será o humor um instinto primitivo? Após um ano e meio trabalhando o assunto a avaliação é que não é um instinto primitivo, mas atua com vários elementos cuja origem é primitiva, os lados mau, bom, inocente, perverso e cruel do ser humano.

Na referida reportagem que inspirou o título da pesquisa a ironia de Jefferson provocando o petista virou uma espécie de bordão sobre o “mensalão” e seus desdobramentos, conforme se pôde constatar em várias reportagens posteriores à aqui citada. Na notícia referida, estão presentes quatro das principais categorias de humor: a ironia, o cáustico, a zombaria e o sarcasmo.

No caso dessa reportagem, especificamente, as categorias são utilizadas tanto pelos narradores/jornalistas como também pela personagem central, no caso Roberto Jefferson. Na notícia “Jeany Mary Corner entrega agenda de telefones em depoimentos à PF”, publicada em 23/09/2005, assim como na reportagem anteriormente mencionada, ela também foi publicada em página ímpar no jornal. Nela, as categorias de ironia e sátira são predominantes.

Em relação à notícia “Petista despreza opinião pública com celebração”, publicada em 25/03/2006, verifica-se que ocupou duas páginas do jornal. Para ilustrar a reportagem que se refere à comemoração em forma de dança da deputada Ângela Guadagnin (PT-SP), as páginas foram ilustradas com fotografias em forma de filme, em que a parlamentar aparece dançando em momentos diferentes; há, ainda, o desenho de uma pizza em fatias. Nessa notícia, predominam a ironia, o cáustico, a sátira e o sarcasmo por parte dos narradores/jornalistas.

No jornal “O Globo”, a síntese das notícias em que o humor foi predominante, no período recortado por esta pesquisa sobre o “mensalão”, entre as que se destacam das cinco selecionadas as intituladas “Olho roxo por “vingança”, publicada em 01/07/2005; “Dólares na cueca”, publicada no dia 03/07/2005; “Uma republicana coleções de nomes”, publicada em 15/09/2005. Diferentemente da “Folha de S. Paulo”, o jornal “O Globo” tem uma linguagem menos rígida, seca e objetiva. No veículo do Rio, o narrador/jornalista indica ter maior liberdade para interferir no texto, brincando com as palavras, fazendo um jogo de linguagem mais solto e insinuante.

¹²⁶Nota: Detalhes sobre a análise no capítulo 5, que trata da análise do corpus desta pesquisa.

Na reportagem “Olho roxo por “vingança””, publicada em 01/07/2005, caracterizada pelas categorias de humor ironia, paródia, zombaria e sátira, a narradora/jornalista encerra o texto com a insinuação sugerida ao longo da notícia: será que Jefferson, que apareceu para depor com o olho roxo, foi vítima de uma estante, como ele disse que caiu sobre seu rosto, ou um de seus interlocutores resolveu nocauteá-lo? A repórter coloca a questão em um *off* atribuído a um segurança, acostumado com conflitos físicos, que opina que o ferimento tem mais semelhança com os efeitos de um soco do que de uma queda de uma estante.

A matéria jornalística “Dólares na cueca”, publicada no dia 03/07/2005, foi uma das mais emblemáticas do escândalo do “mensalão”. No texto, os narradores/repórteres se valem, basicamente, de uma categoria de humor: a ironia. A diagramação da reportagem joga com o inusitado do fato de um assessor ter sido preso com dólares escondidos na cueca, além de reais colocados em um mala, e justificar-se informando ser um agricultor.

Nessa reportagem, há uma foto ampliada com as cédulas de reais cuidadosamente organizadas, mas o título da matéria faz menção aos dólares encontrados na roupa íntima do assessor petista. Há uma outra imagem tipo fotografia 3 x 4 com o rosto do assessor e mais uma outra com o chefe do funcionário preso, o deputado estadual José Guimarães (PT-CE), irmão do então presidente nacional do PT, José Genoíno. O texto envolve um jogo de palavras e ironias a tal ponto de haver a descrição sobre como o argumento, apresentado pelo suspeito de que era agricultor, foi desfeito: os policiais constataram que ele usava esmalte incolor nas unhas, o que é incompatível com um agricultor.

Já na notícia “Uma republicana coleções de nomes”, publicada em 15/09/2005, o narrador/repórter reúne todos os nomes excêntricos das personagens presentes no escândalo e brinca com a coincidência de o episódio batizado de “mensalão” englobar pessoas que podem ser associadas às suspeitas de irregularidades, ou mesmo, às denúncias atribuídas a cada um. O jornalista cita, por exemplo, o nome de Jeany Mary Corner, apontada como agenciadora de garotas de programa para políticos e empresários, cujo “nome de guerra” é em inglês, recurso normalmente utilizado por profissionais do sexo que adotam codinomes estrangeiros para evitar a verdadeira identidade.

A pesquisadora incluiu, nos anexos deste trabalho, cópias com as capas das referidas reportagens estudadas para mostrar que a maior parte das notícias com conteúdo de humor ganhou “chamadas” nas capas dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo”. Independentemente de a reportagem ocupar um espaço interno na editoria, em tamanho menor ou maior, havia menção a ela na capa do jornal, sugerindo a importância daquela notícia para o veículo e seus leitores.

Após analisar as reportagens publicadas no período do “mensalão”, cujo tom de humor é predominante, percebe-se que é possível confirmar, com exemplos atuais localizados na imprensa brasileira, o que os pensadores gregos e depois, os modernos suspeitavam: o humor pode ser uma eficiente crítica contra o poder constituído, no caso, a política. O humor também é um instrumento aplicado pelos repórteres/narradores para insinuar o desprezo e o lugar inferior que deve ser dado aos políticos e à política.

Os escândalos políticos, repletos de humor e seus desdobramentos, noticiados pela imprensa representam os conflitos entre o público e o privado. As atitudes que seriam de ordem

particular das personagens ganham a publicização de eventos do mundo privado: é a agenciadora de garotas de programa que circula no universo político, os nomes exóticos que recheiam o noticiário e antigos embates, como o de Jefferson com Dirceu.

Na reportagem da “Folha de S. Paulo”: “Petista despreza opinião pública com celebração”, publicada em 25/03/2006, quando a deputada Ângela Guadagnin (PT-SP) é flagrada comemorando a absolvição de um colega petista denunciado por quebra de decoro em decorrência de acusações do “mensalão”. A comemoração da parlamentar, por mais incomum que fosse, é tratada pelo jornal e os narradores com recursos do riso/humor que levam ao pouco caso com o político e à política. É o público e o privado mais uma vez se mesclando e ganhou o noticiário por meio das narrativas jornalísticas.

As 69 reportagens, identificadas nesta pesquisa, e as 11 selecionadas para análise comprovam que a arma temida pelos gregos, que em um determinado momento defenderam a contenção do riso, continua sendo utilizada e sobrevivendo às tecnologias e inovações diárias.

Talvez isso ocorra porque, como afirma John B. Thompson, os regimes democráticos estimulem direta ou indiretamente a profusão de notícias, o que pode explicar o permanente clima de escândalo aumentar essa possibilidade, quando os temas envolvem figuras públicas. E, acrescentando a isso, como destaca Wilson Gomes, em seus estudos, que em uma história ao ser contada, portanto narrada, deve dominar a arte da persuasão, da produção e da encenação, utilizando-se os mais diversos recursos e desencadeando um efeito emocional e/ou cognitivo no ânimo do leitor ou espectador.

No caso das histórias/reportagens do “mensalão”, pelo menos em 69 delas houve a predominância do recurso do humor para “prender” a atenção do leitor, pois consciente ou inconscientemente, o leitor/receptor (comum) gosta e procura a intriga ao ler uma narrativa, já afirmava Walter Benjamin, buscando a leitura agradável e não a técnica e detalhada.

Segundo Luiz Gonzaga Motta, o cenário em que surgiu o “mensalão” foi o terreno fértil para o surgimento de um escândalo político, nos termos observados por Thompson - uma vez que sua visão o escândalo político é aquele que envolve um líder ou uma figura política. Motta lembra que o fato de o indivíduo que está no centro do escândalo ser uma figura que se destaca – um líder ou aspirante a líder, um funcionário eleito ou designado, etc. – que faz com que o escândalo se constitua em um escândalo político. O “mensalão” reuniu todos esses elementos descritos pelos teóricos como fundamentais para constituir um escândalo político.

De acordo com a historiadora Isabel Lustosa, o surgimento de reportagens em tom de humor e ironia, em meio ao sério noticiário político, ocorria no auge das polêmicas, quando os responsáveis pela imprensa percebiam que seus argumentos estavam esgotados. De acordo com Juarez Bahia, na primeira fase da imprensa brasileira ela esteve sujeita a circunstâncias pouco comuns nos países em que a Revolução Industrial se processava, como por exemplo, “a asfixia das liberdades” e a falta de estímulos à empresa do jornalismo. Segundo ele, gravadores, desenhistas, caricaturistas podem ser incluídos nessa fase do jornalismo.

Nesta pesquisa, graças à teoria da análise pragmática da narrativa jornalística, foi possível constatar que o humor, tão condenado pela elite intelectual nos séculos XVII e XVIII, é o recurso

utilizado pelos formadores de opinião que atuam na imprensa. O local de aplicação do humor não precisa ser necessariamente as colunas de opinião nem as charges e caricaturas, mas as reportagens diárias, elaboradas por narradores/jornalistas que fazem a cobertura diária do noticiário político.

Como a pragmática permite que a análise se estenda a observar a tessitura da narrativa por meio dos jogos de linguagem e os componentes externos presentes no texto, como as imagens descritas – e utilizadas – e mais a própria diagramação em que foi publicada as reportagens, a pesquisa, com base nas 11 notícias selecionadas, mostra que os narradores “brincam” com os fatos que são humorísticos pela natureza deles, mas mantendo um fino limite entre a insinuação e a descrição.

Após um ano e meio de pesquisas, é possível afirmar que o escândalo do “mensalão”, como expôs Gonzaga Motta, foi um cenário de profusão de notícias que forneceram subsídios para várias análises. Ainda sob o ponto de vista do humor e suas categorias, seria possível trabalhar com as charges e caricaturas publicadas na imprensa ao longo do período do escândalo em questão, as cartas em tom de piada enviadas pelos leitores na seção de “Carta ao Leitor” ou então os colunistas, que com a liberdade que suas funções lhe atribuem, criticaram duramente os envolvidos nas denúncias.

Do nome “mensalão” aos fatos e às notícias publicadas, de 2005 a 2006, o escândalo que indiciou 40 pessoas, levando a mais uma associação em tom de piada com a lendária história oriental de “Ali Babá e os 40 ladrões”, demonstrou que a imprensa mantém a crítica em tom de ironia para demonstrar a indignação e indicar a contestação com situações que provocam a indignação da sociedade, como é o caso de denúncias de corrupção envolvendo dinheiro público, políticos e jogos de interesses os mais diversos, buscando um único fim: o poder.

No entanto, a imprensa, ao assumir a narração dos acontecimentos, aproveita-se, em várias situações, do seu espaço para indicar que o local a ser dado para os políticos e a política está em um patamar inferior ao ocupado pelos *media*. A partir de textos com conteúdo de humor acentua-se o embate entre o campo político e o campo jornalístico. É a disputa velada – às vezes nem tão discreta assim – sobre quem tem condições de situar os fatos de forma realmente crítica e isenta.

O humor, independentemente das categorias aplicadas, brinca com personagens do cenário nacional, as atitudes e os fatos mantendo uma espécie de luz de alerta sobre a possibilidade de que tudo pode ser alvo de piada e chacota. A pesquisa realizada analisou a versão jornalística dos fatos, não os fatos políticos em si. Para compreensão das reportagens houve contextualizações sobre personagens e situações específicas, mas sem aprofundamento porque esta não era a intenção nem o objetivo do trabalho.

A pesquisa mostrou, ainda, que o “mensalão” pode gerar uma série de outras análises, considerando o humor e o riso como elementos-chave, a presença das charges e os textos dos colunistas políticos. Talvez essas sejam novas propostas para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1994.
- AMARAL, Roberto. Imprensa e controle da opinião pública. **Comunicação & Política**, nova série, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.128-158, 2000.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ed. Martins, 1964.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Inquérito 2245/MG. Rel. min. Joaquim Barbosa. Tribunal do Pleno, jul. 28 de agosto de 2007. **Diário da Justiça**, 9 de novembro de 2007.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- BEGUOCI, Leandro. Mensalão/Dança da Impunidade. **Folha de S. Paulo**, p. A 11, 25 de março de 2006
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Braziliense, 1996. V. 1.
- BERGER, Peter. **Risa redentora**: la dimensión cómica de la experiencia humana. Barcelona: Editorial Kairos, 1999.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Ed. UnB, 1991.
- BRAGON, Ranier. Maria Christina liga Valdemar a 'mensalão' e fala em 'várias malas'. **Folha de S. Paulo**, p. A8, 21 de julho de 2005.
- CRONOLOGIA: a crise no governo Lula. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/esclusivo/corruptao_cronologia/indez_cronologia.htm>. Acesso em: 22 jun. 2007.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1999
- ESCÂNDALO DO MENSALÃO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o>. Acesso em: 22 jun. 2007.
- FRADIQUE, Mendes. **Brasil pelo método confuso**: humor e boêmia. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1993.
- FZ, SN, RB e CG. 'Vossa Excelência provoca em mim instintos primitivos'. **Folha de S. Paulo**, p. A 5, 3 de agosto de 2005.
- GARCIA, Sheila do Nascimento. Caras e caretas. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, dez. 2006.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.
- GUERREIRO, Ana Gabriela. **A mídia e a 'espetacularização' da rotina do presidente Fernando Henrique Cardoso**. 2002. Dissertação de Mestrado do Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2002.
- LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 2, 1986.
- LIMA, Maria. Olho roxo por 'vingança'. **O Globo**, p. 3, 1º de julho de 2005.
- _____; BRAGA, Isabel. Deputado sofre agressão física. **O Globo**, p. 3, 30 de novembro de 2005.

- LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.
- LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Publifolha, 2006.
- MARANHÃO, Jorge. **Mídia e cidadania**. São Paulo: Topbooks, 1993.
- MELO, José Marques de Melo. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1985.
- MENSALÃO VIROU REFRÃO DE MÚSICA CARNAVAL. **O Globo**, p. '3, 25 de novembro de 2005.
- MICHAEL, Andréa; SAMPAIO, Paulo. 'O preço depende do bolso de quem solicitar e da menina'. **Folha de S. Paulo**, p. A 15, 18 de agosto de 2005.
- MIGUEL, Luis Felipe. Mídia e manipulação política no Brasil: a Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 a 1998. **Comunicação & política**, nova série, Rio de Janeiro, v. 6, n.2-3, 1999.
- _____. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, 1999.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- MOTTA, Aydano André. Uma republicana coleção de nomes. **O Globo**, p. 8, 15 de setembro de 2005.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise arquetípica**: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea. Mimeo, UnB, 2000.
- _____. **Imprensa e poder**. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- _____. Narrativa jornalística e conhecimento imediato do mundo: construção cognitiva da história presente. **Revista Comunicação & Política**, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 24, n. 3, ser./dez. 2006.
- _____. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- OLIVEIRA, Cristina G. M. **Os Sofistas e o período socrático**: maiêutica e ironia. Disponível em: <www.filosofiavirtual.pro.br/socrates.htm>. Acesso em: 26 jun. 2007.
- OLIVEIRA, Germano; FREIRE, Flávio. Dólares até na cueca. **O Globo**, p. 3, 9 de julho de 2005.
- PARRET, Herman. **A estética da comunicação**: além da pragmática. São Paulo: Ed. Unicamp, 1997.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- REYES, Graciela. **La pragmática lingüística**. Barcelona: Montesinos, 1994.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Ed. Editorial Presença, 1997.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2007.
- SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.
- SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. São Paulo: Vozes, 1975.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1999.
- SOUZA, Antonio Fernando Barros e Silva. **Resumo Mensalão**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/mensalao/_pdf/mensalao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2006.

THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TRAQUINA, Nelson. (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Ed. Veja, 1997.

_____. **Jornalismo 2000: o estudo das notícias no fim do século XX. Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 27, 2000.

TREVISAN, Cláudia. Petebista faz ironias e exhibe ‘talento teatral’. **Folha de S. Paulo**, p. A 5, 15 de junho de 2005.

VIDAL, Maria Victoria Escandell. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

<<http://www.filosofiavirtual.pro.br/socrates.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2007.

<<http://www.folhaonline.com.br>>. Acesso em: 22 jun. 2007.

<<http://www.wikipedia.org.br>>. Acesso em: 31 dez. 2007.

ANEXOS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)